

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SOCIEDADE,
CULTURA E FRONTEIRAS - NÍVEL DE MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

LUCIANO MARCOS DOS SANTOS

***ÑANDE REKÓ* / NOSSO MODO DE SER: O JOPARA NO JORNAL DIARIO
POPULAR**

FOZ DO IGUAÇU – PR
2012

LUCIANO MARCOS DOS SANTOS

**ÑANDE REKÓ / NOSSO MODO DE SER: O JOPARA NO JORNAL DIARIO
POPULAR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Cultura e Identidade.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva

FOZ DO IGUAÇU – PR
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Campus de Foz do Iguaçu – Unioeste
Ficha catalográfica elaborada por Miriam Fenner R. Lucas CRB-9/268

S237 Santos, Luciano Marcos dos
Ñande rekó / nosso modo de ser: o jopara no jornal Diário Popular / Luciano Marcos dos Santos. – Foz do Iguaçu, 2012.
163 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Coeli Machado e Silva.
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Sociedade, Cultura e Fronteiras - Universidade Estadual do Oeste
do Paraná.

1. Paraguai – Cultura de grupos – Mídia e sociedade. 2. Linguagem jornalística – Práticas exclusivas. 3. Espanhol – Jopara – Língua escrita. 4. Jornalismo popular. I. Título.

CDU 316.77(892)
806.0-086.2
070.41|

**ÑANDE REKÓ / NOSSO MODO DE SER: O JOPARA NO
JORNAL DIARIO POPULAR**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Letras Scricto Sensu em nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 15 de fevereiro de 2013.

Prof^a. Dr^a Maria Elena Pires Santos (UNIOESTE)
Coordenadora

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos professores:

Prof. Dr^a Regina Coeli Machado e Silva (UNIOESTE)
Orientador

Prof^a. Dr^a Neiva Maria Jung (UEM)
Membro Efetivo

. Dr^a Maria Elena Pires Santos (UNIOESTE)
Membro Efetivo

Foz do Iguaçu, 15 de fevereiro de 2013.

Dedico este trabalho, todo meu esforço e coragem a meus pais, Zilda e Derly, minha irmã, Paula e meu sobrinho, João Pedro. Essas pessoas me ensinam diariamente o valor do trabalho, da perseverança e da humildade.

Agradeço,

à Professora Dra. Regina Coeli Machado e Silva, pela dedicação, paciência e exigências profissionais, qualidades que a confirmam como responsável e dedicada. Toda minha admiração por sua conduta pessoal e grande capacidade intelectual. Sem sua contribuição não realizaria este trabalho.

Ao meu amigo Givaldo Moisés de Oliveira, pelas palavras de apoio, ombro amigo e companheirismo nesta caminhada e em todos os momentos de minha vida.

A todos os professores do Colegiado do Curso de Mestrado Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras.

À Vânia Valle, pela dedicação e excelente trabalho realizado na secretaria do Mestrado.

Aos colegas de turma do Mestrado, por compartilhar conhecimentos e experiências.

À Direção do Instituto Federal do Paraná, pela compreensão nos momentos de maior dificuldade. Obrigado especial ao professor Luiz Carlos Eckstein, à professora Roseli Dahlem e à professora Luciana Quadros.

Ao professor David Galeano, pela ajuda nas traduções e no entendimento da língua jopara.

À minha amiga Marcia Pessini, com quem pude contar durante o processo de delimitação do tema de pesquisa.

A todos meus colegas do Instituto Federal do Paraná, em especial à Ana Tereza Guimarães e Patrícia Teixeira.

SANTOS, Luciano Marcos dos. **Ñande Rekó / Nosso modo de ser: o jopara no Jornal Diário Popular**. 2012. 163f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu

RESUMO

Identificada pela mistura de guarani e espanhol, a língua *jopara* é comum no cotidiano em ambientes informais ou familiares no Paraguai. Esta dissertação tem como objetivo compreender o uso dessa língua no Diário Popular, especialmente no caderno de notícias, intitulado *sucesos*, sobre conflitos da vida urbana, na maioria das vezes envolvendo ocorrências policiais. Além da análise dos exemplares do Diário Popular de janeiro a maio de 2012, os dados foram obtidos através de pesquisa bibliográfica. Neste contexto, verificou-se a presença da pluralidade de sentidos das palavras presentes na redação das matérias, em que o *jopara* atualiza formas de classificação e de distinção social, relativas a pessoas e a gêneros sexuais em situações sociais próprias da vida pública. Deste modo, compreendendo a língua de forma interdisciplinar, não como um código, mas como uma prática social, simbólica e histórica, seu uso neste caderno do jornal é uma das formas de comunicação e expressão evidenciada nas tensões inerentes à demarcação das diferenças entre grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: *jopara*, *jornalismo popular*, escrita, práticas exclusivas

SANTOS, Luciano Marcos dos. **Ñande Rekó / Our culture: the jopara in the Popular news paper**. 2012. 163f. Dissertation (Master in Society, Culture and Borders) – State University of West Paraná. Foz do Iguaçu.

ABSTRACT

Identified by mixing Spanish and Guaraní, the language jopara is common in informal or family environments in Paraguay. This thesis aims to understand the use of this language in the *Diario Popular*, especially in terms of news, titled *sucesos* on conflicts of urban life, mostly involving police incidents. Besides the analysis of the copies of the *Daily Popular* January to May 2012, data were obtained from literature. In this context, we verified the presence of the plurality of meanings of words present in the writing of the material, where the updates jopara forms of social distinction and classification, relating to people and genders in social situations themselves from public life. Thus, understanding the language in an interdisciplinary way, not as a source, but as a social practice, symbolic and historic use this notebook paper is a form of communication and expression evident in the tensions inherent in the demarcation of the differences between social groups.

KEYWORDS: *jopara*, popular journalism, writing, practice exclusive

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. ÑANDE REKÓ – NOSSO MODO DE SER: O USO DO JOPARA E SEUS CONTEXTOS.	25
2. CONDIÇÕES SOCIOPOLÍTICAS DE COLONIZAÇÃO: TENSÕES E ENFRENTAMENTOS	41
2.1 <i>TENSÕES NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO: AS REDUÇÕES JESUÍTICAS</i>	43
2.2 <i>REDUÇÕES JESUÍTICAS E AS LÍNGUAS DO PARAGUAI</i>	49
3. DIARIO POPULAR: O JOPARA NO CAMPO JORNALÍSTICO	58
3.1 <i>O CAMPO JORNALÍSTICO</i>	59
3.2 <i>MÍDIA E SOCIEDADE</i>	60
3.3 <i>O JORNAL DIARIO POPULAR: JORNALISMO POPULAR</i>	62
3.4 <i>A IMPRENSA NO PARAGUAI</i>	72
4. O JOPARA: LÍNGUA DA PROXIMIDADE E DAS FORMAS DE CLASSIFICAÇÃO SOCIAIS NO CADERNO SUCESOS	78
4.1 <i>O JOPARA NO CADERNO POLICIAL</i>	78
4.2 <i>TENÍA KYSE EN MANO</i>	94
4.3 <i>HE`I EL KARAI A LA POLICIA</i>	100
4.4 <i>SEIS BALAZOS</i>	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	120

INTRODUÇÃO

Ao caminhar pelas ruas de *Ciudad del Este*, cidade paraguaia que faz fronteira com a cidade brasileira Foz do Iguaçu, percebi que muitos ambulantes entretidos em suas vendas, nos momentos de folga, folheavam um jornal, o que despertou minha curiosidade pois sou professor de língua espanhola e utilizo em minhas aulas livros, jornais, revistas e outros impressos nesta língua. Verifiquei que o jornal que me refiro estava escrito nas duas línguas oficiais do Paraguai, espanhol e guarani, impossibilitando a leitura completa.

Trata-se do Diário Popular, um dos jornais de maior difusão no Paraguai. Este jornal e outros do mesmo gênero trazem em suas matérias o uso da mescla entre os idiomas guarani e espanhol, conhecida popularmente como *jopara*. Esta mescla dos dois idiomas é percebida frequentemente na fala dos profissionais do comércio, das pessoas nas ruas de *Ciudad del Este* e apresentada na sua forma escrita em alguns jornais, tais como o *Diario Popular*.

Verifiquei que além do jornal *Diario Popular* o jornal *Diario Crónica* também apresentava o *jopara* em sua escrita, porém o jornal Última Hora estava escrito somente em língua espanhola. A partir da comparação desses três jornais surgiram os questionamentos e a curiosidade em investigar o *jopara* em um veículo de comunicação. A redação das matérias me chamou a atenção desde o princípio.

Um dos textos do jornal *Diario Popular* apresentava a seguinte redação:

Un karai llamado César Federico Tommel, kurepa de 45 años, fue arrollado kuehe de madrugada en la avenida Paz del Chaco y Madame Lynch. El ñato que lo atropelló se dio la fuga. Según los caquis, el vehículo que lo arrolló sería de color blanco, único dato que se obtuvo ya que okañyete del mapa. El forense he`i que omano a causa de um traumatismo de cráneo (Diario Popular, p. 6, 15 fev. 2011)¹.

As palavras em guarani impossibilitavam minha leitura e despertaram ainda mais o interesse por seus significados. Percebi que a palavra *karai*, empregada na matéria, conforme o dicionário Guash e Ortiz (1991), tem dentre os seus significados: homem, senhor, sagrado, batizado, dono, amo. *Karai* em língua indígena foi o nome dado ao cristão, branco.

¹ Um senhor chamado César Federico Tommel, argentino de 45 anos, foi atropelado ontem de madrugada na avenida Paz del Chaco e Madame Lynch. O sujeito que o atropelou fugiu. Segundo os policiais, o veículo que o atropelou seria de cor branca, único dado que se obteve já que desapareceu do mapa. O forense disse que morreu por causa de um traumatismo craniano.

Iniciei minhas pesquisas sobre o *jopara* por meio da história do Paraguai e pude observar que neste processo as línguas tinham um especial papel. A palavra *karai* empregada na matéria é proveniente dos primeiros contatos entre os índios guarani e os cristãos. A palavra cristão, como se verá à frente, é uma categoria mais étnica do que religiosa e era usada para identificar o europeu. Apesar da unidade linguística, os Guarani viviam separados por núcleos independentes e desejavam expandir suas conquistas, contando com a ajuda dos cristãos, tendo esses os mesmos propósitos. “*La palabra guarani con la que los indios de esta lengua designaron a los “cristianos”, ya desde los comienzos, fue la de karaí*” (MELIA, 1997, p. 26).

O processo de formação cultural a que me refiro se deve ao fato da união permanente estabelecida entre os brancos/cristãos e sua relação paradigmática envolvendo a exploração da terra e a abundância de alimentos, o aproveitamento da força de serviço dos índios, em especial das mulheres que serviam não somente as casas, mas se tornaram mães de mestiços, e a amizade entre os Guarani Carió e cristãos, os quais lutaram contra os inimigos índios do complexo *chaquenho-guaycuru*.

A palavra *karai* na cultura guarani vem, muito provavelmente da palavra *Karaíba*, termo usado pelos índios que viviam no Brasil, os quais aplicavam este termo para designar algo santo ou sobrenatural. Com a chegada dos portugueses em suas embarcações grandes houve a associação do branco à palavra *karaíba* que os aproximava às divindades xamãs. Os brancos/cristãos aceitaram essa designação, pois a eles lhes conferia uma distinção. Depois, a palavra *karai* passou a ser empregada para designar o cristão, amo, senhor, patrão.

A palavra *karaí* do guarani aponta para a polissemia das palavras dessa língua. O significado inicial da palavra é subvertido e ressignificado dependendo do contexto de uso e das intenções dos atores envolvidos nesta atividade. Seu uso no contexto do jornal nomeia o senhor de respeito e também apresenta a vítima de algum ato fora da lei.

O que percebi na matéria apresentada também é uma composição mista entre o guarani e o espanhol. Justamente o que caracteriza o *jopara* é a mescla, pois *jopara* é uma expressão que designa um prato típico do Paraguai, que mistura milho e feijão. Segundo DaMatta (2001), uma sociedade é refletida nos seus espelhos e vários idiomas, sendo o código da comida uma possibilidade de expressão social. No caso da sociedade paraguaia, o prato típico da nação, levado à mesa, também

serve para classificar uma das línguas do país.

Segundo Rodriguez Zucolillo (2000), há o predomínio da língua guarani sobre a língua espanhola no Paraguai, falada por 90% do total da população. Os processos de colonização da América, historicamente reduziram o uso de línguas indígenas a uma minoria socialmente marginalizada, o mesmo ocorreu no Paraguai. Mesmo sendo o guarani um símbolo de identidade nacional e sendo a sua manutenção fruto de políticas públicas do Estado no sentido de valorização dessa língua anticolonialista, ainda assim, o guarani é tenazmente combatido pelas “classes altas”.

Segundo Bourdieu (1996), o discurso deve sempre suas características mais importantes às relações de produção linguísticas nas quais ele é produzido. O signo não tem existência (salvo abstrata, nos dicionários) fora de um modo de produção linguístico concreto. Todas as transações linguísticas particulares dependem da estrutura do campo linguístico, ele próprio expressão particular da estrutura das relações de força entre os grupos que possuem as competências correspondentes (ex.: língua "polida" e língua "vulgar" ou, numa situação multilinguística, língua dominante e língua dominada). Essa atualização concreta ocorre em diversos domínios sociais e está relacionada às suas condições de produção nos diversos domínios, que Bourdieu define como campos sociais. Um deles é o campo jornalístico, no caso o do Paraguai, onde realizei minha pesquisa.

A imprensa é um campo social autônomo com regras próprias de funcionamento, estabelecidas pelos próprios agentes envolvidos neste campo, pois buscam a legitimidade. O campo jornalístico² é responsável por estabelecer as divisões entre os segmentos que o formam.

Conforme Amaral (2003):

O campo jornalístico dita regras discursivas e por isso o jornalismo de referência tem uma grande eficácia simbólica. É autorizado a falar, tem competência linguística, segue as normas (o habitus da classe dominante é a norma realizada) e se consagra numa autoridade institucionalizada, princípios muitas vezes quebrados pelo jornalismo auto-denominado popular (AMARAL, 2003, p. 133-146).

A imprensa, por meio dos jornais, de seu discurso e pelo uso da imagem,

² Segundo Bourdieu, o campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos *actos* ou nos discursos que eles produzem, têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções (BOURDIEU, 1998, p. 60).

nos mostra elementos preciosos sobre a forma como homens e mulheres pensam o mundo, o que permite ao pesquisador captar o significado da atuação de diferentes grupos sociais que se orientam por interesses específicos, possibilitando um melhor conhecimento de uma determinada sociedade. Nesta perspectiva vemos no *jopara*, língua mesclada, a representação do processo de colonização e formação cultural, do branco e do índio, bem como, no uso dessa língua no jornal uma representação dos embates históricos e sociais entre diferentes grupos paraguaios. De um lado está uma minoria que podemos caracterizar como uma elite erudita e de posses econômicas, defensora da língua espanhola, e, de outro, uma grande parte da população, tanto dos centros urbanos quanto do interior, que é falante bilíngue do guarani misturado ao espanhol.

O *jopara* é expressivo dos processos históricos de colonização do Paraguai, pois é o resultado de uma mistura de línguas formando uma terceira, que é uma forma de expressão de grande parte da população, principalmente em contextos informais. Diante desses fatos nos questionamos: De que forma o *jopara*, presente no jornal Diario Popular, participa desse embate entre grupos em torno da língua que faz dela um elemento de distinção e de classificação social?

Os estudos aqui direcionados partem do pressuposto de que o discurso é uma construção social e o jornal um espaço de representação coletiva. Esta dissertação propõe uma análise do uso do *jopara*³, nas páginas do caderno policial do jornal Diario Popular⁴. Para este fim, analiso notícias do jornal em questão, nas páginas do caderno *sucesos*⁵, verificando a presença de uma pluralidade de sentidos das palavras presentes na redação das matérias, fazendo do *jopara* uma forma de classificação e distinção social.

Para o desenvolvimento dos objetivos estão sendo utilizados referenciais analíticos da Sociologia contemporânea, que tem como objeto os estudos da cultura, pois ela nos ajuda a entender as ações e formas de ver o mundo dos agentes sociais. O aporte teórico, necessário para a análise do *corpus*, baseia-se principalmente na teoria de Pierre Bourdieu e seu entendimento da língua, pois para ele, a língua não é um código ou estrutura. Língua é feita para comunicar, para ser entendida e decifrada.

Conforme Bourdieu (1996):

³ Utilizaremos a nomenclatura em língua espanhola *jopara* em todo o trabalho.

⁴ Utilizaremos a nomenclatura em língua espanhola Diário em todo o trabalho, sem itálico.

⁵ Utilizaremos a nomenclatura em língua espanhola *Sucesos* em todo o trabalho. Ainda na introdução apresento o resultado das pesquisas que justificam a análise deste caderno em detrimento de outros.

A língua comum não é apenas uma reserva de formas sensíveis à disposição dos jogos poéticos ou filosóficos [...] ela é também um reservatório de formas de percepção do mundo social, de lugares-comuns, onde se depositam os princípios da visão do mundo social comuns a todo um grupo [...]. A estrutura das relações de classe acaba sendo nomeada e apreendida através de formas classificatórias que, mesmo quando veiculadas pela linguagem comum, nunca se tornam independentes dessa estrutura [...] (BOURDIEU, 1996, p.144).

Considera-se o universo social um sistema de trocas simbólicas e entende-se o ato de comunicar como uma ação social. Aceito, como premissa de análise, que o discurso, antes de tudo, tem valor e poder e as relações de interação são relações de força simbólica.

A análise, então, é feita a partir do entendimento de que o jornal, como qualquer bem cultural (material ou simbólico) pertencente aos diferentes grupos sociais, é revelador de valores, preocupações e interesses desses grupos sociais. Não tratarei de analisar o jornal *Diário Popular* por meio de manuais de redação de outros jornais, de comparações. Contudo, é possível verificar que há um conjunto de procedimentos que regulamenta a prática jornalística.

A pertinência deste trabalho está no caráter de abordagem do estudo da língua *jopara*, pois ela recai não na língua enquanto código, mas na língua como prática social e, portanto, objeto de estudos sociais e antropológicos. Outro fator pertinente é o contexto em que a pesquisa se desenvolveu, a fronteira entre Brasil e Paraguai. A fronteira Brasil e Paraguai possibilita trocas culturais proporcionadas pela proximidade geográfica.

Foz do Iguaçu, cidade do oeste do Paraná, faz fronteira com *Ciudad del Este* no Paraguai. A fronteira estabelecida entre essas cidades diz respeito não somente ao limite territorial, mas antes, ultrapassa esse limite e estabelece um ambiente propício para experiências de naturezas econômicas, sociais, políticas e culturais. Muitos brasileiros cruzam a fronteira, na grande maioria das vezes, com o objetivo de fazer compras em *Ciudad del Este*, bem como, os paraguaios o fazem ao vir para Foz do Iguaçu.

Essas trocas culturais são também momentos de fortalecimento de preconceitos mútuos, estranhamentos e aproximações entre as pessoas dos países fronteiriços. Um estudo voltado para o entendimento da cultura do Paraguai é importante, pois oferece à comunidade outros conceitos que não baseados somente em impressões iniciais. Um estudo dessa natureza exige uma visão interdisciplinar.

Observo a importância em estudos de caráter interdisciplinar relativos ao Paraguai, pois devido à formação histórica, este país apresenta uma diversidade cultural instigante, além de fazer fronteira com o Brasil. Um dos resultados dessa formação histórica é a língua *jopara*, de existência desconhecida, mesmo para os habitantes de Foz do Iguaçu no Paraná, Brasil e região.

Finalmente, um das maiores contribuições dessa dissertação será para a minha prática como professor de língua portuguesa e língua espanhola. Além da formação acadêmica em Letras, ainda atuo em uma instituição de ensino que recebe estudantes paraguaios. Os estudos destinados a entender, mesmo que de maneira parcial, a cultura paraguaia, certamente contribuirão para minha prática pedagógica, pois ao entender a cultura, sua história, posso entender também esses alunos, que em menor número nos seus cursos e na instituição, possivelmente apresentam angústias, anseios, dúvidas e receios com relação à sua inserção em um ambiente escolar ainda não preparado para recebê-los.

Para a realização deste trabalho, traçou-se como objetivo geral compreender a presença do *jopara* no jornal *Diario Popular*. No material analisado procurei indicadores que evidenciassem formas de classificação e distinção social, como as categorias definindo pessoas e gênero em determinadas situações sociais. Decorrem deste objetivo maior os seguintes objetivos específicos:

- a) Compreender o discurso jornalístico se torna parte da sociedade que o constitui, evidenciando as estruturas e estratégias empregadas pelo jornal *Diario Popular* na construção de categorias sociais de classificação;
- b) Entender de que forma o uso do *jopara* no jornal em foco expressa e demarca diferenças entre grupos sociais, através de suas tensões e embates;
- c) Analisar o caderno policial – *sucesos*⁶ – onde há maior ocorrência do *jopara*, com intuito de verificar nas matérias investigadas essas tensões no processo de classificação e distinção social neste contexto.

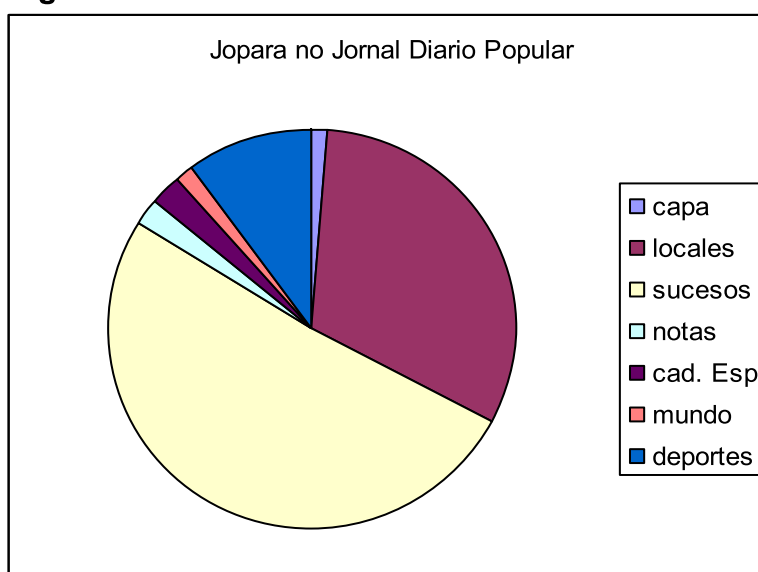
Para realizar os objetivos deste trabalho, constituiu-se o *corpus*, o qual compõe-se de matérias do jornal *Diario Popular* dos meses de janeiro de 2011 a maio do mesmo ano. No total são 151 exemplares analisados, nos quais encontrei um total de 20.461 (vinte mil quatrocentos e sessenta e um) palavras em guarani.

⁶ Da análise total dos cadernos que compõe o Diário Popular, o caderno *sucesos* apresenta maior número de ocorrências de palavras em guarani. Apresentamos no capítulo II a delimitação do *corpus*.

Estabeleci este número, pois necessitava de uma quantia significativa para a análise.

Desse total de palavras em guarani, a grande maioria encontra-se nos textos do caderno *sucesos* - caderno que registra as ocorrências policiais. No gráfico abaixo podemos perceber isto, 51% do total de palavras encontradas está nesse caderno, porcentagem ilustrada pela cor amarela.

Figura 01: Gráfico de vocábulos encontrados



Fonte: autor

Diante dessa realidade, o *corpus* do trabalho será composto pelas ocorrências do *jopara* contidas neste caderno.

Para chegar a uma delimitação mais precisa do *corpus*, foi feito inicialmente um levantamento quantitativo. Para isso, utilizei uma planilha, organizada por cadernos do jornal, na qual transcrevi todas as palavras em guarani com as referidas páginas, por edição.

O objetivo era descobrir em que caderno utiliza-se mais o *jopara*, já que em outros cadernos o uso dessa língua é menos frequente. A análise recai sobre o uso contextualizado do *jopara* de forma geral. Analiso tanto os vocábulos em língua guarani quanto em língua espanhola, já que a visão sobre esta língua não é destinada ao seu aspecto funcional, mas sim sua força simbólica e representacional. A análise tem um caráter interdisciplinar.

Pelo referencial teórico apresentado, os dados obtidos, a definição da seção do jornal a ser analisada e levando-se em conta o objetivo do trabalho, depreendem-se os seguintes eixos de análise: língua *jopara* e grupos sociais.

Quanto à língua *jopara* apresentamos: a) descrição do seu uso no *corpus*; b) as palavras que se repetem, organizadas por grupos; c) significado e etimologia das palavras que se repetem - relação entre o significado inicial e o seu uso no jornal; d) traços da oralidade e representação do cotidiano.

Quanto aos grupos sociais apresentamos: a) passado histórico de marginalização do índio e a relação com o uso do *jopara* no contexto analisado; b) jornal popular - uso do *jopara* nas páginas policiais;

Essa dissertação caracteriza-se como interdisciplinar, pois o objeto é investigado sob diferentes campos das ciências sociais. Investigo a linguagem, interesse da Antropologia, porém, não a isolo. Alçou-se a língua, objeto de estudos da linguística, a um objeto de investigação social. Segundo Frigotto (2008) delimitar um determinado problema não significa que tenhamos que abandonar as múltiplas determinações que o constituem. Dessa forma centramos nossa atenção na realidade social que o problema apresenta. Entender essa realidade exige uma visão múltipla já que ela é “una e diversa”.

A metodologia científica utilizada na pesquisa contou com diferentes estratégias com a finalidade de atingir seus propósitos. Todos os materiais escritos podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica, os arquivos públicos sejam nacionais, estaduais ou municipais, são possibilidades concretas para o investigador. Assim, pautou-se pela integração dos métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa, juntamente com a pesquisa bibliográfica, através do referencial teórico composto por livros, teses e artigos bem como jornal *Diário Popular*.

Devo esclarecer alguns pontos relativos à delimitação do tema. Os jornais analisados num estágio bastante inicial foram o *Diário Popular* e o *Diário Crônica*, ambos com sede em Assunção no Paraguai. Optei por trabalhar somente com o *Diário Popular* por apresentar um número maior de vocábulos e expressões em *jopara* e também por uma observação empírica junto ao público leitor, funcionários do comércio de *Ciudad del Leste* no Paraguai. Pelo que foi observado este é um público expressivo, leitor desses jornais, sendo que o *Diário Popular* é o jornal mais lido por ele. Dessa delimitação empírica, iniciei o levantamento bibliográfico acerca das teorias que sustentam a pesquisa e das categorias de análise. Na visão de Gil (1987, p. 50), a pesquisa bibliográfica apresenta vantagens e algumas limitações. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla que aquela

que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. A metodologia da pesquisa qualitativa foi uma constante, pois além das entrevistas iniciais, a leitura sistemática dos jornais e da bibliografia acompanhou todo o processo para compreender mais a fundo o uso das palavras e expressões em *jopara*. Sendo o *jopara* formado pela mistura de espanhol e guarani, me detive aos vocábulos em guarani, em sua grande maioria, para realizar a análise. Esta decisão é decorrente das funções que essas palavras analisadas representam nas matérias do caderno *sucesos*, como pretendo mostrar.

Descrevo de forma minuciosa o *corpus* do trabalho apresentando matérias em que há ocorrência do *jopara*. Analiso sob três aspectos: sob a ótica das relações de trocas simbólicas, sob o aspecto histórico e sob o aspecto do jornalismo popular. Essas perspectivas de análise estão organizadas na dissertação da seguinte forma.

No primeiro capítulo apresento as bases teóricas que sustentam meu argumento. Início pelos conceitos de representação coletiva em uma visão durkheimiana, visto que as representações coletivas fazem parte da formação da consciência. Logo abordo o conceito de classificação estabelecido por Chartier (1989) em que a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade, e por fim os estudos de Bourdieu sobre as trocas linguísticas, visto que a análise recai sobre a língua não enquanto código, mas como elemento presente nas trocas simbólicas.

No segundo capítulo apresento a formação histórica da sociedade paraguaia e a importância das línguas em sua constituição. O objetivo é refletir sobre a questão das línguas no Paraguai e sua relação com a ordem social vigente.

No terceiro capítulo apresento os conceitos de jornalismo popular com o propósito de entender o uso do *jopara* em um jornal popular e ainda nas páginas policiais.

Por fim, no quarto capítulo apresento o resultado da análise das reportagens que formam o *corpus*, levando-se em conta as teorias apresentadas, as quais contribuem para o entendimento do *jopara* no Diário Popular, em específico no caderno *sucesos*.

Para alcançar os objetivos contei com a colaboração, nas traduções, do professor de língua guarani – David Galeano⁷, além da consulta aos dicionários.

⁷ David Antonio Galeano é graduado em pedagogia. Professor de língua guarani e diretor da Escola Estadual Básica 2981 – San Antonio de Pádua em Ciudad del Este – Paraguai.

1 ÑANDE REKÓ – NOSSO MODO DE SER: O USO DO JOPARA E SEUS CONTEXTOS.

Non é o espaço que define a língua, mas a língua que define seu espaço.

(Pierre Bourdieu)

Opyta yvýrupi

Encarnación Un vendedor quedo yvýrupi, luego que malandros le robaron su motocicleta mientras ingresó a un negocio para levantar pedidos de mercaderías. El ñemonda se produjo jueves ka'aru, frente al local comercial "San Roque" y resulto víctima Julian Fernando Aca (24), domiciliado em el barrio Santa Maria de esta ciudad. El muchacho he`i que dejó estacionada su moto marca Star 125cc frente al negocio donde entró sapy`ami, pero al salir ya no encontro más su mba`yru⁸.

Fonte: DIARIO POPULAR, 8 abr. 2011, p. 8.

Essa matéria foi retirada do jornal *Diario Popular*, que se apresenta como "*El periódico que más gente lee*", e segundo fontes do próprio jornal, de fato, é o mais lido em todo Paraguai. Ele custa 2.500 guaranis, o que corresponde a mais ou menos R\$1,00, dependendo do câmbio do dia. É um dos "produtos" do *Multimedias S.A.*, um grupo empresarial dedicado à comercialização de mídias. Além do jornal impresso, esse grupo ainda conta com três emissoras de rádio (FM Popular-103.1 e Corazón – 99.1 e a AM Uno - 650). É possível ler o diário pela internet, pois o grupo possui uma página na rede, mas para isso é necessário ser assinante. A sede do grupo está localizada em Assunção, capital do Paraguai, na avenida Mariscal López, uma das avenidas mais conhecidas dessa cidade.

A matéria aqui apresentada foi retirada da página policial do jornal, na qual podemos ver expostos os casos de homicídio, roubos, furtos e práticas consideradas fora da lei. Nas páginas policiais como essa, podemos observar as formas como as matérias são apresentadas: não há a presença de muitas fotos e os textos são objetivos, diretos, curtos. O esquema de composição textual aponta características de texto jornalístico, o qual deve limitar-se a não demonstrar uma opinião direta do redator, mas estar atento aos fatos, além de usar uma linguagem simples e clara. As

⁸ Um vendedor ficou a pé logo que os ladrões roubaram sua motocicleta enquanto entrou em um estabelecimento para fazer pedidos de mercadorias. O roubo aconteceu na quinta-feira à tarde, em frente ao local comercial "São Roque" e resultou vítima Julian Fernando Aca (24), domiciliado no bairro Santa Maria dessa cidade. O rapaz disse que deixou estacionada sua moto da marca Star 125 cc em frente ao negócio onde entrou um momento, mas ao sair já não encontrou mais seu veículo.

notícias contam com um título e o corpo do texto e, como a língua *jopara* não obedece às regras formais de estrutura, cabe ao redator a escolha dos vocábulos e expressões que irá empregar em guarani. Percebemos ainda uma predominância de vocábulos em espanhol, fórmula que se repete em outras matérias e em outras seções do jornal. Mesmo usadas menos vezes, as palavras em guarani tornam a linguagem do jornal bastante específica e limita sua leitura a um público que entenda guarani.

Ao ler esta notícia, um aluno interessado em aprender espanhol, ficaria confuso com a presença dos vocábulos em guarani. Talvez pelo contexto, poderia entender o significado de algumas palavras, ou poderia contar com a ajuda de um dicionário.

Se recorrermos ao dicionário verificaremos, por exemplo, que as palavras do título *opyta* e *yvýrupi* significam: parado e sem terra. Um estudante de espanhol, leigo em guarani, pelo contexto, poderia compreender que o vendedor ficou *yvýrupi* – sem terra, ou seja, a pé, e que o título indicaria parado e a pé. Na notícia o emprego da palavra necessita de seus leitores o conhecimento da estrutura da língua guarani para entender que o vendedor teve sua moto roubada e ficou a pé, pois como observa-se, as palavras *opyta* e *yvýrupi* adquirem significados mais amplos que os que encontramos nos dicionários de língua guarani. Essas descobertas com relação à língua guarani despertam a curiosidade de quem dedica suas atividades ao ensino e pesquisa de línguas estrangeiras.

Estudantes e professores de língua espanhola e de línguas estrangeiras costumam procurar por materiais escritos nas línguas com as quais trabalham e estudam. Em Foz do Iguaçu, pelo fato de ser uma cidade turística e o turismo ser uma fonte de renda e trabalho, o ensino de idiomas é acentuado. Há na cidade várias escolas e cursos de idiomas em instituições de ensino. Foz do Iguaçu é uma cidade do oeste do Paraná que faz fronteira com a cidade paraguaia – *Ciudad del Este* e também com a cidade argentina – *Puerto Iguazú*. Em um mesmo dia é possível comprar jornais em *Ciudad del Este* e revistas em *Puerto Iguazú*, pois essas cidades são próximas e interligadas a Foz do Iguaçu por pontes.

Pelas ruas do comércio de *Ciudad del Este*, no Paraguai, é possível observar que o jornal *Diario Popular* faz jus ao seu título de ser o mais lido, pois entre um *tererê* e uma *chipa* os vendedores leem esse jornal.

Tererê e *chipa* são, nesta ordem, uma espécie de preparo feito com erva-mate e água, servida gelada e uma rosca feita de polvilho e queijo, entre outros

ingredientes. Nas padarias de Foz do Iguaçu é possível saborear uma *chipa*. Nas rodas de amigos, em Foz do Iguaçu, principalmente no verão, as pessoas tomam o *tererê*. São alguns exemplos do resultado das trocas culturais presentes nos hábitos dos moradores dessa região.

Diante de um quadro de trocas culturais proporcionadas por uma região de fronteira é que se configura o objeto deste trabalho, sendo que dentre essas trocas estão as atividades de contato entre brasileiros e usuários da língua guarani, o qual se estabelece pela oralidade, seja interagindo com comerciantes das ruas de *Ciudad del Este*, seja em alguns programas de rádio ou programas de televisão acompanhados do lado brasileiro. O fato é que, a língua guarani de uma forma ou de outra está presente na vida de quem mora em Foz do Iguaçu, porém, a língua *jopara* em sua forma escrita é algo que despertou meu interesse devido a minha formação em Letras, ao fato de viver em um contexto de fronteira e ainda por ter alunos paraguaios.

Além do *Diario Popular*, estabeleci contato com outros jornais como o *Diario Crónica*, o jornal *Abc Color* e o *Última Hora*, todos do Paraguai, evidentemente. Da leitura e comparação entre essas publicações surgiu um primeiro questionamento: Por que alguns jornais utilizam em seus textos uma mistura entre dois idiomas – guarani e espanhol? Que língua é esta? Qual a relação entre o leitor e esta língua?

essas perguntas iniciais instigaram o início das pesquisas. As respostas para a última pergunta podem ser dadas de maneira rápida e simplista: o jornal é antes de tudo uma empresa que sobrevive das vendas, e a utilização de dois idiomas na redação dos textos é um recurso de marketing para manter o bom número de vendas. Como se sabe a intenção dos jornais é de chegar ao universo do leitor.

Quanto ao uso da língua *jopara*, recorri a algumas pesquisas, ainda escassas, com relação ao tema. Encontrei nos estudos de alguns autores as respostas para a nomenclatura e análise da língua.

Jopara é o vocábulo de origem indígena traduzido por Guash e Ortiz (1991) ao espanhol como “*a medias, medianamente*” e “*mezcla, mezclanza*”. É também o nome de um prato culinário típico, constituído principalmente pela união de dois ingredientes: o milho, americano, e o feijão, não-americano, metaforicamente representa a união do elemento nativo com a do elemento estrangeiro, escolhida pelos falantes para designar a mistura das duas línguas.

Meliá (1992) discute o *jopara* afirmando que não se trata de espanhol com empréstimos do guarani, se não, guarani com empréstimos do espanhol. Desde o

período de colonização esse fenômeno ocorre e faz parte da cultura paraguaia. Para ele o guarani falado no Paraguai não é mais o guarani falado na época dos índios. O guarani tribal seria incompreensível para a população atual e o mesmo se aplica ao guarani do período missioneiro. O guarani falado atualmente, segundo Krivoshein de Canese (1993), é originário da tribo *kari`o*, sendo este, historicamente desenvolvido, em contato com o espanhol. Esse guarani tornou-se oficial por apresentar certa uniformidade. Contudo desde sempre há graus de interferência do espanhol no guarani, sendo o guarani “puro” uma abstração. Faz parte da formação histórica e cultural, a capacidade da população paraguaia em empregar o espanhol, guarani ou o *jopara*, em diferentes contextos da vida, na fala e na escrita. Por tudo isso, Meliá considera o *jopara* a terceira língua do Paraguai.

Krivoshein de Canese (1993) define o *jopara* como o guarani paraguaio com muita interferência do espanhol. Essa autora não considera o *jopara* uma terceira língua no Paraguai devido ao não desaparecimento do espanhol e do guarani, sendo essas duas línguas ainda empregadas, com graus de interferência uma na outra. Ela ainda aponta a necessidade de correção, por meio da educação, dos usos de ambas as línguas para que não se convertam em uma terceira, no caso o *jopara*.

Quanto à educação, Krivoshein de Canese (1993) observa que no meio acadêmico os alunos apresentam dificuldade em utilizar a língua espanhola, o que acarreta em problemas de aprendizagem, pois ela verifica que, como a grande maioria deles é falante de língua guarani, a alfabetização em língua espanhola, língua priorizada pela escola, se torna conflituosa, gerando tensões no ensino/aprendizagem. Uma possível solução para esse problema, segundo a autora, seria um plano de ensino bilíngue eficiente. Contudo é inegável que a língua *jopara* tem função comunicacional, sendo que as políticas educacionais, a meu ver, devem ser direcionadas de modo a não marginalizar essa língua, nem tão pouco negar sua existência.

Lusting (2012) define o *jopara* como linguagem mesclada de espanhol e guarani, utilizada por grande número de paraguaios no dia a dia, sendo considerada a terceira língua do Paraguai. Outra característica dessa língua é liberdade expressiva, o que a torna difícil de categorizar, pois podemos encontrar zonas e situações onde há o predomínio do guarani sobre o espanhol e em outras onde ocorre o contrário. Lusting ainda destaca que o *jopara* é a variante de menor prestígio no Paraguai, sendo considerada “horrenda” por Augusto Roa Bastos, escritor de prestígio Paraguaio. Roa Bastos em seu romance *El Fiscal* afirma que o

jopara é um dialeto que se assemelha a língua *ñe`e tavy*, maneira como um débil mental se expressaria. Contudo há que se ressaltar que a língua *jopara* é empregada na fala de grande parte da população.

Gynan (2003) destaca em suas pesquisas os aspectos fonológicos intactos no guarani falado na atualidade, além desses aspectos também ressalta as interferências nos níveis morfossintáticos, lexicais e de interação comunicativa. Quanto à interação comunicativa o autor observa que os falantes de espanhol e guarani sabem perfeitamente distinguir as duas línguas e o fato de mesclarem os dois idiomas é algo de que se valem em vários contextos sociais, justamente por poderem contar com os recursos léxicos desses idiomas.

Baz (2006), nessa perspectiva, faz uma análise formal de alguns marcadores conversacionais presentes em textos orais, observando a importância de alguns deles no discurso. Essa pesquisa nos dá indícios que o *jopara* é uma língua não normatizada, de tradição oral e bastante expressiva. A autora apresenta uma descrição sistematizada de marcadores como *upéicha* (assim, dessa maneira) muito presente na fala. Ela analisa a produção oral de mulheres, as quais de maneira natural falam sobre a Guerra do Paraguai. Esta mesma autora define o *jopara* como variante do guarani em que convergem elementos do espanhol e até do português.

Como se pode observar, há uma divergência por parte dos pesquisadores em considerar o *jopara* como a terceira língua do Paraguai. Porém os autores concordam que tanto o guarani quanto o espanhol, línguas oficiais do Paraguai na atualidade, são línguas que sofreram alterações, contendo em ambos graus de interferência.

Mesmo sendo o guarani conquistado e reduzido, pelos jesuítas, os quais foram responsáveis, de certa forma, pela manutenção da língua, verifica-se que historicamente a língua guarani vem sofrendo graus de hispanização ao longo dos anos, sendo impossível identificar nos dias atuais uma língua guarani pura, como apresentam alguns manuais. O *jopara* é resultado desses processos de conquista e redução pelos quais a sociedade paraguaia passou, pois se reduz à uma língua atribuída a um grupo social ou a circunstâncias de uso, sendo esses usos em contextos não formais.

O panorama apresentado indica que o *jopara* é a língua não reconhecida por alguns autores, porém sua existência e emprego são inegáveis. Do ponto de vista comunicacional é eficiente e expressivo, como trato de evidenciar nas

reportagens do jornal *Diario Popular*. Essa língua de contornos livres abre possibilidades ao uso de novas palavras e à criação de uma linguagem própria, como observaremos nas reportagens analisadas mais adiante.

Tratar das línguas em uso em um determinado país exige do pesquisador um posicionamento, uma vez que não é uma visão de alguém que vive a cultura e sim que a observa. Diante da história de formação do Paraguai, percebo que as línguas ocupam papéis de dessaque, sendo conferidas às duas, guarani e espanhol, suas devidas importâncias neste processo. Porém, o que me interessa é entender a representação e o lugar do *jopara* neste contexto. Como entender a presença dessa língua em jornais populares, uma vez que temos de um lado os puristas defensores da manutenção da língua guarani e de outro o processo histórico que coloca o espanhol como língua da civilização, língua empregada no ensino?

Vejo no *Diario Popular*, no caderno policial *sucesos*, um espaço de representação coletiva, pois estabelece uma identidade com o leitor através do uso da língua *jopara* e pela descrição do seu cotidiano. O jornal se configura como esse espaço representacional devido a alguns aspectos, tais como o fato de 90% da população do Paraguai falar guarani, porém uma grande minoria não escreve ou lê o guarani acadêmico, ou seja, não usa a língua em sua forma sistematizada, formal, mas sim de maneira livre e misturada ao espanhol. No jornal *Diario Popular*, como vimos anteriormente, a língua se apresenta despojada, livre de regras, com traços de oralidade e próxima da língua falada nas ruas.

O interesse no *jopara* não é descrevê-lo ou analisar seu uso em situações de fala, nem tão pouco os agentes envolvidos. A análise recai sobre o *jopara* no jornal *Diário Popular*, mais especificamente no caderno *sucesos*, já que jornais como *ABC Color* e *Última Hora* não apresentam em seus textos a mistura entre guarani e espanhol. A partir dessas discussões e ponderações sobre as línguas do Paraguai, a pergunta que se formulou e que norteia este trabalho é: **O que representa o *jopara* no jornal *Diário Popular*?**

Percebo que poderia responder a essa questão recorrendo aos estudos da Retórica, pois o discurso jornalístico é um discurso persuasivo, porém, observei que minha atenção se voltava mais para a língua no seu aspecto social, pois o jornal *Diario Popular*, pelo próprio nome, é direcionado a um público específico. Empiricamente observei que nas ruas de *Ciudad del Este* os leitores eram em sua grande maioria trabalhadores do comércio. Outro aspecto importante foi verificar que o *jopara* é classificado como “horrendo” ou de “mau gosto” e uma língua de pouco

prestígio. Diante desse quadro percebo que se trata de uma forma de classificação. Para entender essa afirmação é preciso entender inicialmente o conceito de representação coletiva.

Os jornais, de forma geral, são espaços de representação coletiva, pois veiculam em suas matérias, com ajuda das fotos, a maneira como agem e pensam as pessoas. O conceito de representação coletiva foi inicialmente desenvolvido por Durkheim e Mauss que, com o desejo de responder à pergunta: como e o que os homens pensam? Iniciam suas pesquisas do pensamento Aristotélico acerca das categorias do entendimento humano – tempo, espaço, gênero, número, etc. Essas categorias, segundo eles, não são inatas, mas estariam presentes nos pensamento coletivo ou nas representações coletivas de grupos sociais sobre a vida humana:

[...] Elas correspondem às propriedades mais universais das coisas. Elas são como quadros rígidos que encerram o pensamento; este parece não poder libertar-se delas sem se destruir, pois não parece que possamos pensar objetos que não estejam no tempo ou no espaço, que não sejam numeráveis etc. As outras noções são contingentes e móveis; nós concebemos que elas possam faltar a um homem, a uma sociedade, a uma época; aquelas nos parecem quase inseparáveis do funcionamento normal do espírito. São como a ossatura da inteligência [...] (DURKHEIM, 1973, p. 513).

A partir desses estudos os autores desenvolvem a teoria acerca de cada categoria demonstrando o seu caráter social e sua importância no processo de formação da consciência do ser humano. “[...] A consciência não passa então de um fluxo contínuo de representações que se perdem umas nas outras e, quando começam a aparecer distinções, são todas fragmentadas” (DURKHEIM; MAUSS, 1979, p. 402).

Para esses autores da Escola Francesa as representações coletivas são a maneira que cada ser humano, que vive em algum tipo de sociedade, tem de entender a vida e o mundo. Nesse ato de perceber e conhecer o mundo, classificamos e ordenamos as coisas de acordo com os modelos fornecidos pela sociedade (isto é, modelos que foram construídos socialmente). As categorias, por sua vez, são aquelas noções que permeiam todas as classificações e ordenamentos que fazemos do mundo, são noções que permitem o equacionamento entre realidades distintas.

O caminho trilhado pela Escola Francesa aponta para a importância das representações sociais como a principal fonte de pesquisa para o estudo das

categorias fundamentais do entendimento humano. Assim, a categoria de totalidade foi assimilada por Durkheim por meio do estudo da religião, e as categorias causalidade e de persona, ambas estudadas por Mauss (com a contribuição de Hubert), foram apreendidas, respectivamente, através do estudo da magia e do estudo do direito ou da moral. Nesse sentido a importância das instituições sociais refere-se ao fato de que, sendo produto do pensamento coletivo e, portanto, representações coletivas é através de sua análise que as categorias se apresentam de maneira mais clara ao pesquisador.

As representações coletivas, diferentemente das categorias do entendimento, variam de uma sociedade para a outra, já as categorias são encontradas em todas as sociedades. Essas categorias (de espaço, de gênero, de causa, de número, de substância, entre outras) estão na base de todo desenvolvimento intelectual coletivo, sendo dessa forma, de suma importância no entendimento da representação das línguas em um espaço público, como o jornal.

Segundo Chartier (1989), a palavra representação indica uma ausência. Ele exemplifica essa ideia por meio de uma solenidade em que são convidadas algumas autoridades. Na ausência do presidente de determinada instituição outro em seu lugar o representará. No aspecto simbólico, a representação indica uma relação “entre o signo visível e o referente significado”, ou seja, os inúmeros certificados emoldurados e pendurados na parede atrás da mesa de um consultório de um médico são os símbolos do grande e vasto conhecimento que ele possui, mesmo que não sejam reais.

A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não é. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada [...] (CHARTIER, 2012).

Entende-se que o poder e a dominação estão presentes nas representações, as quais são determinadas pelos grupos que as definem. Não há neutralidade na concepção de representação, pois sempre há uma espécie de autoridade presente nas escolhas, esta responsável pela legitimação deste ato. O que se pode entender é que existem lutas de representações decorrentes; e que o poder depende do crédito concedido à representação. Com relação ao tema das línguas no Paraguai, o que se verifica é que, não de forma totalmente consciente, mas sim como força da representação, o poder é perceptível nos atos de uso da

língua espanhola em seus múltiplos contextos formais em detrimento à língua guarani, empregada em situações formais, porém também informais, ou ao *jopara*, este sim empregado em situações não formais. Essas são lutas de representações, nas quais há uma disputa pelo monopólio da visão legítima, feita através dos símbolos que representam os grupos sociais que os forjam. Essas imposições são consentidas por quem as sofre, pois são forças reguladoras da vida coletiva.

Quanto aos símbolos mencionados e sua relação aos aspectos sociais de fato os que priorizo em minha análise: a questão das línguas no Paraguai e o *Diario Popular*. Verifico que a língua espanhola é reconhecida pela sociedade paraguaia como a língua de maior prestígio. Quanto ao *Diario Popular*, observo que ele estabelece uma relação entre leitor e texto, na qual não se pode negar a participação do jornalista/editor intermediário.

Chartier (1998) chama a atenção para a relação de alteridade existente entre o leitor e o texto. Se por um lado existem os editores que desejam, de certa forma, “controlar”, ou melhor dizendo, classificar um “tipo” de leitor por outro, no momento em que adaptam obras a tipos de leitores estabelecem a relação dos textos (que são feitos para serem lidos) e o leitor.

Bourdieu irá ressaltar os aspectos sociais da produção de textos e bens culturais. Para ele, os “sistemas simbólicos” cumprem função política de impor, legitimar ou assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica); existem lutas no campo intelectual pelo monopólio da violência simbólica legítima (BOURDIEU, 1998, p. 10).

Esses dois autores concordam que os bens culturais passam por sistemas de classificação regulados pela sociedade. Bourdieu sugere que há um monopólio da leitura legítima, fruto do *habitus*, enquanto ações estruturadas e estruturantes; Chartier fala a respeito do trabalho de classificação, pelo qual a realidade é contraditoriamente construída por grupos sociais, ou seja, um grupo é marcado socialmente, através de formas institucionalizadas.

Chartier (1989) a partir da análise da relação dos leitores e os textos, na qual observa que não existem textos separados de toda a materialidade, ou seja, ele verifica que por trás dos textos escritos há um trabalho de editoração, de vinculação do livro, da revista “X” ou do jornal “Y”, os quais carregam um ethos discursivo, pois, “contribuem amplamente para dar feição às antecipações do leitor em relação ao texto” (CHARTIER, 2012), além é claro de estimularem a leitura e darem crédito ao texto. Para a construção do sentido em um campo de trabalho em que se unem o

texto, o livro e a leitura, ele propõe um retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à própria noção de “representação coletiva”, pois ela é essencial para uma análise social:

[...] a noção de ‘representação coletiva’ autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais ‘representantes’ (instancias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 2012).

A realidade está, pois, contraditoriamente construída pelos distintos grupos que compõem a sociedade. De um lado os que detêm o poder de classificar e de nomear e de outro os que aceitam ou resistem a este poder. Essas lutas, sem dúvida, abandonam o aspecto econômico e centram-se no aspecto simbólico.

Pierre Bourdieu⁹ estuda a cultura e por extensão – os sistemas simbólicos, como arte, o mito, a linguagem etc., considerando-os como um instrumento de legitimação do poder, revelando uma concepção de cultura subjacente à sociologia dos fatos simbólicos, pois os sistemas simbólicos compostos de signos (significados/significantes) estão relacionados diretamente a uma função política, já que, as relações de sentido estão determinadas por um sistema de dominação. O campo simbólico através de discursos, representações, legitimam uma ordem arbitrária que por sua vez legitima a dominação vigente.

Quanto ao caráter arbitrário do campo simbólico, que verificamos presente na teoria de Bourdieu, isto se explica por uma análise de fatos históricos que compõem qualquer sociedade. Conforme Bourdieu (*apud* SETTON, 2002 , p.24) “[...] a noção de arbitrário não deve ser confundida com a ideia de gratuidade, uma vez que um determinado sistema simbólico é sociologicamente necessário porque deriva sua existência das condições sociais de que é o produto [...]”. O arbitrário é instituído

⁹ Nasceu em 1930 no vilarejo de Denguim, no sudoeste da França. Formado em Letras pela Escola Normal Superior, em 1951, em Paris. Três anos depois, graduou-se em Filosofia. Prestou serviço militar na Argélia (então colônia francesa), onde retomou a carreira acadêmica e escreveu o primeiro livro, sobre a sociedade cabila. De volta à França, assumiu a função de assistente do filósofo Raymond Aron (1905-1983) na Faculdade de Letras de Paris, simultaneamente, filiou-se ao Centro Europeu de Sociologia, do qual veio a ser secretário-geral. Em 1982 propôs a criação de uma “sociologia da sociologia” em uma aula inaugural no Collège de France, levando esse objetivo em frente nos anos seguintes. Morreu em 2002.

ao longo da formação da sociedade. Um exemplo são as estruturas de funcionamento do campo religioso, divididas em dominados e dominantes. De um lado agentes altamente especializados (os sacerdotes) e de outro os leigos (grupo que demanda salvação). O domínio do social é o domínio da modalidade.

Dentre os estudos de Bourdieu se destacam as teorias relativas ao *habitus*. O conceito de *habitus* nasce na tradição escolástica, palavra utilizada por Aristóteles para designar as características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem. No livro *A evolução pedagógica*, esse conceito é retomado por Émile Durkheim para designar um estado interior dos indivíduos, que orienta suas ações. Mais especificamente, o autor o utiliza para tratar da educação cristã e uniformidade intelectual e moral.

Bourdieu retoma este conceito, mas o amplia, ao propor uma comparação entre a arte gótica e o pensamento escolástico, havendo entre eles uma semelhança. Segundo as palavras do autor (*apud* SETTON, 2002, p.62):

as semelhanças têm seu princípio na instituição escolar, investida da função de transmitir conscientemente e em certa medida inconscientemente ou, de modo mais preciso, de produzir indivíduos dotados do sistema de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados), o qual constitui sua cultura, ou melhor, seu *habitus* [...] (p.62).

Dessa maneira define *habitus* como.

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Em suas pesquisas na Argélia, Bourdieu analisou as práticas individuais e as condições sociais ao verificar a situação de desamparo de indivíduos arrancados de um universo rural e submetidos a um ambiente urbano.

Segundo Setton (2002) o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu passa, a partir dessa análise, a ganhar um status mais universal, pois propõe identificar a mediação entre indivíduo e sociedade, ou seja, uma forma de conciliar a oposição entre realidade exterior e as realidades individuais. Um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções

e ações do agir cotidiano.

Um dos temas centrais dos estudos de Bourdieu refere-se às condições de reprodução da cultura. Com relação à língua, especificamente, o autor faz críticas à obra de Saussure – *Curso de Lingüística Geral* – especialmente o método estruturalista de análise, pois para o autor, Saussure separa a “lingüística externa” da “lingüística interna” deixando, dessa forma, como legado para as ciências uma teoria que automatiza a língua em relação às suas condições sociais:

Aceitar o modelo saussuriano e seus pressupostos é o mesmo que tratar o mundo social como um universo de trocas simbólicas e reduzir a ação a um ato de comunicação que, como a fala saussuriana, está destinado a ser decifrado mediante uma cifra ou um código, uma língua ou uma cultura (BOURDIEU, 1996, p. 23).

Para Bourdieu (1996) as trocas linguísticas são relações de interação humana e sociais, portanto são relações de dominação e poder simbólico, onde se atualizam as relações de força entre os locutores e seus grupos, sendo o homem (como ser social) dotado da capacidade de expressar suas ideias através da fala, gesto ou escrita, socialmente modelada. Ora, se por um lado o ato de comunicação é a capacidade linguística de engendramento de discursos, por outro também é adequação regulada por um mercado, que impõe um sistema de sanções e censuras específicas, capaz de criar barreiras.

Linguagem é trabalho simbólico e, como diz Orlandi (1987, p. 17), “tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades”. Por exemplo, a palavra *ñato*¹⁰, empregada pelo jornal para nominar uma pessoa nas páginas policiais, pelo fato de ser redigida em guarani e não em espanhol, pode indicar um processo de classificação social entre grupos sociais, como se verá à frente, além de ser fruto do *habitus*, uma vez que é uma ação estruturada e estruturante no campo social jornalístico, que atualiza o ato de comunicação estabelecido por relações simbólicas.

Esse campo social específico contribui para formar o sentido do discurso, pois nos processos de comunicação entre os interlocutores há o sentido a ser decodificado ou construído. Existem maneiras diferentes de dizer o que se pensa. Tomemos como exemplo um texto de um economista em um jornal, carregado de jargões específicos de sua área. A parte comum a todos os receptores será

¹⁰ Ñato significa: marginal, ladrão. Apresento uma análise mais aprofundada do uso dessa palavra no capítulo IV.

compreendida, os termos técnicos ficarão restritos a um número reduzido de receptores. Conclui-se com esse exemplo que, conforme Bourdieu (1996), a palavra encontrada no dicionário não tem nenhuma existência social, ela só existe imersa em situações. Os jogos de palavras funcionam em função das condições de produção e recepção dos interlocutores. Advém daí a possibilidade de discussão de uma língua legítima.

O poder das palavras está depositado no status de quem as usa. Trata-se de um poder de fora para dentro, ou seja, depende da posição social dos seus interlocutores. O porta-voz autorizado, reconhecido e prestigiado socialmente concentra os recursos e bens do capital simbólico, fruto de seu trabalho, seu conhecimento e sua posição social.

O prestígio social é conquistado por meio de ações reconhecidas em uma sociedade. Em muitas sociedades existem rituais de passagem (da infância para a adolescência, por exemplo), o casamento, a festa de debutantes, a formatura, etc. Cada uma dessas celebrações é reconhecida e festejada, e os agentes envolvidos nessas cerimônias são reintegrados à sociedade, ocupando nova função. Passam a ser diferenciados, distintos. Um estudante de direito após a formatura torna-se advogado, doutor, senhor. São atos que tendem a instituir alguém de alguma coisa.

Bourdieu analisa os ritos de passagem, ou ritos de consagração, verificando que esses ritos estabelecem um limite social entre os grupos. Ele afirma que todo ato de instituição não passa de um ato inaugural de nomeação: “Instituir a alguém um nome, ou melhor, uma essência social” (BOURDIEU, 1996, p. 100). E ainda, o ato de instituição é um ato de comunicação de uma espécie particular: ele notifica a alguém sua identidade, quer no sentido que exprime e impõe perante todos, quer notificando-lhe assim como autoridade o que esse alguém é, e o que deve ser (*Id. Ibid.*, p. 101). Os atos sociais instituídos são capazes de estabelecer as diferenças. O título de doutor confere a uma pessoa autoridade que irá exercer sobre os demais. Esse poder simbólico se estabelece pelos agentes sociais, ou seja, as pessoas fazem representações de si mesmas e dos outros, atribuindo-lhes valores distintos, regulados pelo poder simbólico que possuem. Se a língua *jopara* é tida como inferior, o que dizer do sujeito que a usa¹¹?

Como sugeriu Bourdieu (1996), os atos sociais estabelecem as divisões e

¹¹ Esta pergunta é ilustrativa e tem o objetivo de proporcionar ao leitor uma reflexão. Sua resposta não se dá de forma imediata, mas sim através da leitura do texto em sua totalidade, em especial no capítulo IV.

cisões de grupos que vivem em algum tipo de sociedade. As classificações dos grupos segundo sua etnia ou segundo a maneira como se expressam por meio da fala ou da escrita estabelecem uma forma de classificação, tanto por quem as atribui quanto por quem as aceita. Estabelecem-se lutas em torno de uma identidade étnica ou regional, como essa dos falantes do *jopara*.

O móvel de todas essas lutas é o poder de impor uma visão de mundo social através dos princípios de di-visão¹² que, tão logo se impõem ao conjunto de um grupo, estabelecem o sentido e consenso sobre o sentido, em particular sobre a identidade e a unidade do grupo, que está na raiz da realidade da unidade e da identidade do grupo [...] (BOURDIEU, 1996, p.108).

No que se refere aos países, ou comunidades, ou classes sociais, essas fronteiras podem ser estabelecidas pela classificação simbólica.

A discussão em torno da demarcação de fronteiras dos espaços explica a *di-visão* através do uso do poder. Os territórios eram demarcados na França do século XIII pelas viagens do soberano por todas as terras do reino. A figura do rei (*régium*), alta autoridade, com plenos poderes, reafirmava sua soberania visitando o território.

Segundo Revel (1989), a viagem de Estado oferece um recurso que jamais será esquecido, pois, trata-se de uma estratégia de constituição e de legitimação do poder soberano pelo território. Impor as fronteiras por um ato de conhecimento e reconhecimento do poder é também reconhecer o poder da autoridade. Sobre as fronteiras Bourdieu pondera:

A fronteira nada mais é do que o produto de uma divisão à qual se atribuirá maior ou menor fundamento na 'realidade' conforme o grau e a intensidade de semelhanças entre os elementos aí envolvidos (podendo-se sempre discutir os limites das variações entre os elementos não idênticos tratados pela taxionomia como semelhantes). (BOURDIEU, 1996, p. 109, grifo do autor).

As regiões são fruto de uma imposição arbitrária, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima. A fronteira é responsável por produzir a diferença cultural e é por ela produzida.

Daí em se falar das fronteiras do conhecimento ou barreiras linguísticas, como um caminho obscuro para os leigos, que deve ser percorrido para que se

¹² O autor faz referência à etimologia da palavra região, que segundo Émile Benveniste, encaminha ao princípio da di-visão, ato mágico, ou seja, propriedade social, de diacrisis que introduz por decreto uma descontinuidade decisória em meio à descontinuidade social (tanto entre as regiões do espaço como também entre as idades, os sexos, etc.) (BOURDIEU, 1996, p. 109).

tornem “diferentes” de outros, ou seja, deixem de ser leigos e passem a conhecer, ou a formação identitária, através da língua, de um grupo em relação ao outro. As fronteiras estabelecem algum tipo de diferença. Uma propriedade de terras, um país, uma fazenda, uma casa, são demarcados por muros, pontes, barreiras policiais, placas. Esses elementos físicos estabelecem limites.

Um grupo social reconhece determinada linguagem, investindo a essa linguagem a autoridade do grupo. Os grupos sociais são organizados nas sociedades por esquemas políticos e financeiros e obedecem a uma ordem hierárquica, no qual as classes de maior poder aquisitivo são também as de maior prestígio. A produção simbólica (arte, língua, música, etc.) dessas classes irá obedecer um sistema de *di – visão*, pois os grupos instituídos (classe, nação, etc.) requerem a construção das propriedades distintivas características do conjunto de membros desse grupo.

A ordem estabelecida é aceita socialmente. As classes dominantes impõem resistência a qualquer tipo de mudança, porém o produto simbólico das classes dominadas se constitui como antagônico, sendo ele (produto simbólico) fruto de objetivos traçados por essa classe. Assim, a linguagem veiculada por um grupo é uma linguagem autorizada, investida da autoridade desse grupo. No caso do Paraguai, as línguas, espanhol e guarani, são línguas autorizadas, pois ambas são produtos simbólicos das classes dominantes. Por outro lado, o *jopara*, resultado da mistura entre as línguas, representa o poder antagônico. Nessa perspectiva se desenvolve o estudo das palavras no caderno *sucesos*, seção esta que devido ao uso do *jopara* como forma de expressão, representa a oposição ao sistema linguístico e social. As palavras analisadas neste caderno podem ter o poder de desvendar e desencantar, ou então o poder estruturante, na medida em que prescrevem sob a aparência de descrever.

A teoria de Bourdieu de que as palavras descrevem e prescrevem, de que têm a capacidade de “reproduzir ou reforçar simbolicamente a tendência sistemática para privilegiar certos aspectos do real e ignorar outros” (BOURDIEU, 1996, p. 125), constitui-se como instrumento para análise do poder simbólico formado pelas palavras (da linguagem na construção da realidade).

Para compreendermos o presente é necessário investigar o passado. Para entender o conflitivo uso do *jopara* no jornal *Diário Popular* é necessário que façamos um levantamento dos fatos históricos que contribuam para o entendimento do porquê da presença dessa língua, falada pela grande maioria da população, em

um jornal popular e não em um jornal de referência.

Assim, no próximo capítulo, procuro evidenciar nos fatos históricos apresentados, de que maneira a chegada do europeu transforma a sociedade indígena e origina uma nova, fruto das relações entre os povos, relações essas de confrontos.

Conjuntamente à questão da colonização e formação da sociedade paraguaia interessa-me, através dos fatos históricos, entender o papel das línguas guarani e espanhol, nesse processo, bem como a língua *jopara*, para dessa maneira compreender a sua presença no jornal *Diario Popular* e o que ela representa.

2 CONDIÇÕES SOCIOPOLÍTICAS DE COLONIZAÇÃO: TENSÕES E ENFRENTAMENTOS

Para o guarani a palavra é tudo. E tudo para ele é palavra.

Bartolomeu Melià

A Espanha utilizou diversas vias de penetração na América. Os primeiros contatos se deram com a América insular, a ilha de Guanahani, ilha Watling, atualmente Bahamas Inglesas, batizada São Salvador e Santo Domingo, como cabeceira fundada por Colombo.

A Nova Espanha ou México, a Flórida, Nova Granada, Venezuela, Panamá, Peru e Chile também foram conquistas dos espanhóis, os quais mais tarde chegaram ao Rio da Prata e Paraguai.

O território do Rio da Prata foi ocupado sucessivamente. Aos primeiros conquistadores coube a tarefa de empreender o processo de colonização. Esses conquistadores tinham um cargo militar chamado *adelantado*, título que os reis espanhóis outorgavam durante a conquista a funcionários dessacados. Os cinco primeiros *adelantados* a conquistar o Rio da Prata foram: Don Pedro de Mendoza, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Juan de Sanabria, Juan Ortíz de Zárate e Juan Torres de Vera y Aragón.

Com a colonização a Espanha trouxe para América sua religião, organização social, sistema jurídico, artes, ciências, costumes, com o propósito fundamental de converter o indígena à religião católica e implantar a moral cristã.

A coroa não quis imprimir à conquista somente um espírito de expansão geográfica e exploração econômica. Apostou firmemente na conversão dos índios à fé católica. No entanto, a ambição desmedida dos conquistadores desvirtuou os propósitos iniciais e estes cometeram todo tipo de abusos e injustiças, passando o índio a ocupar o último lugar na pirâmide social. Veremos como isso se deu na região em que hoje está o Paraguai.

Segundo Melià (1997), apesar da unidade linguística e cultural guarani, esses se apresentavam divididos em núcleos independentes e circunstancialmente inimigos. Foram conceituados pelos espanhóis como províncias, identificadas, as vezes, com um cacique principal. Esses núcleos eram: Guarambaré, Guairá,

Tayaoba, entre outros.

Assinala Melià (1997, p. 19) “[...] *que las relaciones establecidas por los ‘cristianos’ con los cario guaraní, a partir de la casa fuerte de Asunción, tipificó un modelo de contacto que puede considerarse paradigmático para toda la primera etapa colonial*”. Nesse contato serviam aos cristãos com suas pessoas e suas mulheres, pois as ofereciam aos conquistadores.

Houve muita paz entre os vassallos de sua majestade e os índios guarani, pois esses haviam dado setecentas mulheres para que servissem nas suas casas e nas suas roças. Além disso, sempre que se fazia guerra, os índios, em suas canoas, ajudaram aos espanhóis a destruir gerações de outros índios que não eram amigos.

Neste caso, “cristãos” é um conceito étnico, mais que religioso ou ético. Cristão se contrapõe a “índio” ou “natural”. Cristãos são os europeus “brancos”. Em algumas crônicas encontramos os termos “cristãos espanhóis, ou cristãos alemães ou portugueses”. Por analogia, em algum momento, se chamou ao índio de “cristão”, quando este estava a serviço do branco.

Segundo os estudos de Melià (1997), a palavra que os índios designaram em sua língua aos cristãos foi *karai*. Antes essa designação era atribuída aos Guarani antigos e seus xamãs andantes¹³. Os Guarani vêem chegar os espanhóis com seus equipamentos de metal. Tudo isso para eles não era somente novo, mas também mágico.

Assevera Melià (1997) que a relação hispano-guarani apoiou-se nos seguintes fatores:

- A economia agrícola, que assegurava o sustento (os povos chaquenhos, por exemplo, eram caçadores e faziam a colheita);
- A mulher “criada” que na casa dos cristãos se tornava mãe de mestiços;
- A amizade com os guaranis e a inimizade desses com outras etnias, como os chaquenhos guaicuru. Essa amizade representava um instrumento de conquista e destruição de outras populações indígenas.

Dos fatores apontados, o que chama a atenção é a mulher guarani, que por questões de inter-relação baseada num sistema de parentesco, era oferecida aos

¹³ Os guarani percorriam grandes distâncias com a função de conhecer seu terreno. Os homens capazes de percorrer as maiores distâncias eram os xamãs. A comparação estabelecida do branco ao xamã foi um elemento facilitador no processo de colonização.

espanhóis como forma de formalizar o pacto.

Os cristãos espanhóis também aproveitaram o grande poder de fazer grandes trajetos dos guaranis para alcançar seus objetivos colonialistas. Dentre as estratégias de conquista, em especial estava o fato de conhecer bem o território, o que só seria possível com a ajuda dos índios. A ajuda prestada por algumas tribos aos brancos revoltou aos índios livres, gerando conflitos entre os povos indígenas.

Muitas batalhas ocorreram entre os guarani vassallos e os guarani livres. Sabe-se que a antropofagia ritual não somente era praticada com os prisioneiros de outras etnias como também com prisioneiros do próprio grupo.

A relação dos guarani com os cristãos sofre, posteriormente, um declive. Houve várias rebeliões. Retirar os cristãos de suas terras tornou-se um objetivo dos nativos, porém as relações etno-biológicas era algo irreversível. A diminuição demográfica, a desestruturação interna e a conquista espiritual aceleraram o processo.

A conquista espiritual orientada a arraigar-se à cultura, em qualquer povo indígena, suprimindo as pautas culturais originais, gerou receio na maioria dos casos.

De qualquer forma, os espanhóis utilizaram as instituições indígenas que lhes serviram como instrumento de dominação. O cacique passa a ser como um capataz, pois para obter o título de “don” se submetia a toda sorte de trabalhos.

2.1 TENSÕES NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO: AS REDUÇÕES JESUÍTICAS

A conquista espanhola se articulou como uma empresa, a serviço de Deus e Sua Majestade, com a finalidade de valorizar o papel do catolicismo na invasão e conquista não só da América como das Índias. Em próprio território espanhol os cristãos lutaram contra os mouros pela retomada do poder. Em território sul americano não foi diferente. As estratégias para se alcançar o objetivo de conquista se estabeleceram através da amizade com os índios, que em troca serviam com sua força de trabalho aos “amigos” brancos.

O serviço pela amizade, transformado em trabalho forçado e sem recompensa, fez com que os Guarani Cario, os Guarambaré, os Tebicuary, os Guairá e outros se rebelassem.

Segundo Melià (1997) os movimentos de resistência ativa contra a invasão e

dominação espanhola por parte dos Guarani foram muito mais numerosos que o que deixa a entender a historiografia tradicional. Entre 1537 e 1616 há registros de pelo menos vinte e cinco rebeliões dos Guarani contra a colonização espanhola.

Os fenômenos libertários se deram seguramente entre os Guarani, já antes do período colonial, sendo uma manifestação da estrutura do profetismo dos xamãs guarani.

Os trabalhos impostos pelo sistema colonial foram cada vez mais contínuos e insuportáveis, visto que o sistema aplicado é o de encomenda. Este sistema se baseava em um domínio político com vistas à exploração econômica. dessa forma, não somente as mulheres e os homens guarani foram submetidos, mas também as comunidades com seus caciques e famílias.

Em 1559, com o lema “liberdade e guerra sangrenta contra os espanhóis” se produziu uma rebelião na comarca de Acahay. Em 1569, durante o governo de Felipe de Cáceres foi necessário enviar nova expedição punitiva a *Acahay*. Em 1591 e 1592 os índios do Paraná se rebelaram. Não querer trabalhar para os espanhóis era reafirmar suas tradições religiosas ameaçadas. As rebeliões foram aplacadas com a chegada ao Paraguai de Frei Luis Bolaños, pois os trabalhos religiosos trouxeram um pouco de alívio.

Frente a esses problemas surgem as Reduções, as quais seriam uma forma de encontrar uma organização capaz de assegurar ao mesmo tempo evangelização, subsistência e liberação do sistema colonial de encomendas.

As primeiras Reduções guaranis do Paraguai foram iniciadas por frei Luis Bolaños. Seu trabalho consistia em doutrinar os índios, ensinando-lhes: certas normas de higiene, de acordo com a cultura ocidental, a supressão da nudez, a proibição da poligamia e a coabitação em ranchos ou casas sem divisória alguma, combater as superstições e a feitiçaria.

De acordo com a doutrina da época, não se podia pensar em cristianizar o índio sem antes obter a “humanização” submetendo-o a uma vida política e humana. O trabalho era obrigatório. Todos os indígenas, capazes em idade e condições, deviam estar a serviço da comunidade e em certos períodos do ano trabalhavam para os encomendeiros.

O trabalho das mulheres consistia em cuidar da casa, dos filhos e entregar ao final da semana o algodão encomendado. Ocupavam-se de trazer lenha e água e de ajudar nas chácaras nos tempos de plantio e colheita.

Existiam dois setores econômicos: um particular e outro comunitário. O

primeiro assegurava a subsistência da família; o tamanho da terra estava de acordo com o número de filhos com que contava cada família. A colheita pertencia aos indígenas, bois e arados eram da comunidade. Além disso, podiam ter animais em casa, como galinhas e porcos, destinados ao consumo familiar.

O setor comunitário compreendia as terras destinadas à agricultura e criação de gado, cuja produção se empregava na manutenção da comunidade, nos gastos do culto e outros. O trabalho e a produção das oficinas também pertenciam à área comunitária, além do fiado e os tecidos, que eram destinados a prover de vestimenta a população.

A produção de tabaco, algodão, erva-mate, cana de açúcar e outras atividades estavam a cargo do grande número de indígenas, ainda que, nem todos os povoados contavam com uma diversificação de produtos, feito que motivava o comércio interno e externo.

2.1.1 Organização política nas Reduções: Cacique e Cabildo

Baseadas no sistema político vigente na época, o Real Patronato, as Missões fazem parte de dois organismos distintos:

- 1) As Missões do Chaco, dos Chiquitos e os Trinta Povos são elementos integrantes da Província que a Ordem Religiosa dos Jesuítas chamou de Paraguai. Um território extenso mantido por administração espanhola que compreendia as províncias de Tucuman, Paraguai e Rio da Prata;
- 2) Os Pueblos de Índios, os Trinta Povos eram de administração espanhola e americana, contando com o corregedor e os Cabildos, além da força política dos Caciques.

Esse sistema de administração é marcado por uma administração baseada em duas forças, a força local, representada pelo poder do cacique e uma externa, representada pela administração espanhola.

Segundo Kern (1982) o papel do Cacique era de suma importância para a persistência e organização política:

[...] Os caciques e os Cabildos indígenas são verdadeiros grupos políticos,

inseridos na estrutura política hispano-americana e reconhecidos juridicamente dentro da esfera das instituições espanholas. Tanto o cacique, antiga realidade política que permanece viva após a vassalagem à Coroa, como o Cabildo, a nova realidade política que estabelece a integração do grupo tribal à estrutura política da monarquia espanhola, são duas parcelas do todo social, a Redução-Doutrina [...] (KERN, 1982, p. 36).

O surgimento das funções administrativas e políticas dos Cabildos e dos Caciques faz com que as relações políticas se transformem, uma vez que a liderança tribal do Cacique é de ordem hereditária e para o cargo de Cabildo eleições eram necessárias.

O cacique exerceu um papel de extrema importância nos momentos iniciais da implantação da Redução. As autoridades espanholas reconheciam na figura do cacique, líder político de origem familiar ou escolhido por seus dotes guerreiros, a força política necessária para alcançar os objetivos colonizadores. Os caciques passam a ser uma pequena nobreza reconhecida pela legislação espanhola.

Ao mesmo tempo que a legislação espanhola reconhecia que a dignidade dos chefes nativos devia ser mantida, mesmo que seu poder fosse diminuído, estipulavam que as aldeias nativas deveriam colocar em prática a administração semelhante às cidades espanholas. Aos caciques eram dados títulos de *Don*, o que representava, na realidade, um título mais honorífico que real. Os jesuítas chegaram a reunir mais de dez Caciques numa única Redução, dando mais consistência aos laços de organização social. No século XVII, as primeiras Reduções da Província Jesuítica do Paraguai passam a ter os seus Cabildos indígenas.

Nas primeiras cidades coloniais que se formaram instalaram-se os Cabildos, conselhos formados por Regedores e seu objetivo era a administração e justiça locais. Com o processo de colonização e o sistema de encomendas, responsável pelo genocídio de muitos índios e redenção dos mesmos ao poder branco, era necessário um sistema de organização e administração dos governos municipais. A partir da instituição das Reduções jesuíticas, a organização tribal Guarani passou a corresponder às exigências de uma sociedade global mais complexa, a hispânico-colonial, e em cujo seio assumiria uma posição de subordinação e dependência.

Segundo Kern (1982) a liderança dos caciques nas Missões durou até o início do século XVII, a partir de então instala-se o sistema dos Cabildos indígenas. Cada Pueblo de Índios passa a ter um Alcaide e dois Regedores. Os Alcaldes cuidavam da administração municipal do *Pueblo*. Os Regedores eram funções militares superiores na administração geral dos *pueblos*. As instituições políticas das

Missões reuniam num todo uma dupla visão.

Essas duas culturas, que se defrontaram e se mesclaram em uma organização política dupla, o cacique e o jesuíta, formaram a síntese da dupla concepção de mundo, cabendo ao índio o papel de subserviente coagido ao trabalho pela força branca.

Os povos leigos conforme os ensinamentos cristãos, situados no Paraguai, submetiam os indígenas a cumprir com suas obrigações comunais, principalmente na produção do que era mais rentável para a administração.

Nas Missões da Província Jesuítica do Paraguai, o Código Penal estava inserido no Livro de Ordens, onde estavam todas as determinações da administração. Segundo o Código Penal, as punições deveriam ser públicas para servir como exemplo aos demais e assim se impediam os excessos. Alguns relatos históricos mostram, no entanto, que as ordens dos jesuítas deveriam necessariamente ser coercitivas, porém, a obediência era consentida, como demonstra Kern (1982) em suas pesquisas.

Os Guaranis obedeciam não por medo de serem punidos, mas por que acreditavam nas regras que lhes eram prescritas. Foi mínima a contestação aos jesuítas porque a sua autoridade era considerada legítima, antes de tudo por serem representantes da religião aceita pelos Guaranis. A crença na religião cristã e no acordo político da vassalagem direta ao monarca espanhol dava à autoridade político-religiosa do Cura da Missão uma legitimidade à qual ninguém recusava obedecer [...] (KERN, 1982, p. 60).

Além da força política da religião, havia a autoridade do cacique capaz de manter a ordem social. Verifica-se também, que a liberdade natural que desfrutavam os indígenas nos rios e florestas, era seriamente ameaçada.

Para impedir a mobilidade, os jesuítas fizeram cavar grandes fossos, construíram fechaduras e instalaram sentinelas nas saídas das Reduções, o que impedia qualquer pessoa de entrar e sair sem autorização.

As possibilidades impostas ao indígena deste período eram duas: a morte ou a vassalagem à Coroa. Frente à força bélica branca/luso-espanhola, ao poder político do Cacique e ao Cristianismo o índio se rende.

2.1.2 A experiência religiosa

O processo colonial do Paraguai se estendeu a toda ordem de vida, em

todos os aspectos da cultura. Entende-se cultura, de forma ampla, como o modo de ser, de pensar e de atuar sobre o mundo e organizar a sociedade. O enfrentamento religioso no Paraguai se caracterizou por uma visão particular do colono frente ao índio nesse aspecto: sua concepção de falta de religião indígena.

Segundo Melià (1997):

[...] Para la religión autóctona, la nueva religión tiene una triple actitud: de menosprecio (que conlleva ignorancia), de desprecio (que provoca rechazo) y de oposición (que requiere destrucción). Muy raramente se da un reconocimiento del otro que sería, sin embargo, el fundamento de una conversión verdaderamente cristiana. (MELIÀ, 1997, p. 161).

A religião guarani era considerada pelo conquistador como, supersticiosa, abusiva, um mau hábito, cheia de ritos, cerimônias e cantos. Para alguns padres jesuítas, conforme constam alguns relatos, era necessário um cuidado especial para retirar-lhes os choros e ritos supersticiosos e evitar as bebedeiras que eram origem de idolatria e horríveis incestos. Essas atitudes deflagram algo que está enraizado na cultura do Paraguai, a ideia de que o batismo era a salvação para o índio, dessa forma, os não cristãos não eram gente, melhor dizendo, eram considerados animais.

Conforme Kern (1982) evangelizar e civilizar os indígenas “pagãos” foram os principais objetivos das Missões religiosas na América espanhola, dentro do espírito de cruzadismo que ainda imperava na Espanha. Para minimizar um massacre indígena as Missões serviram como saída para aqueles que se submeteram a ela. Alguns missionários defendiam a ideia de que os “selvagens” eram homens, diferente do branco europeu, mas não menos capazes do que este de atingir a salvação. A maneira de se conseguir a salvação seria através do batismo.

Para atingir seu objetivo os missionários precisavam transformar os indígenas em seres políticos e humanos. Os costumes bárbaros deveriam ser abandonados em função de um padrão de conduta considerado adequado, do ponto de vista da cultura política espanhola. As ações evangelizadoras tiveram sucesso.

A aceitação da doutrina cristã se deveu ao fato da crença dos Guarani na “Terra sem mal”, ou seja, a religião cristã possuía elementos de contato com a dos Guarani. Por outro lado, a ação deveria ser cuidadosa, pois os indígenas não tinham medo e nem se desesperavam perante a morte, como também não havia para eles castigo após a morte. A intolerância ao cerceamento à liberdade era muito importante, mas ao longo de anos a ação missionária alcançou seus objetivos.

As alterações introduzidas pelas Missões têm um alcance na organização

econômica, no campo das ideias políticas e religiosas, alterando a visão de mundo dos Guarani e a própria opinião sobre sua identidade cultural. Kern (1982) enumera algumas mudanças provocadas pela ação evangelizadora: a forma da aldeia, os tipos das habitações, o emprego do tempo, as funções sociais, a produção dos bens econômicos, a organização política e o sistema de prestígio e autoridade, as relações entre os sexos, as regras de casamento, etc. Pouco a pouco o padrão europeu começou a predominar sobre a tradição I guarani. Da antiga tradição, restou o uso de certos objetos de uso cotidiano e a língua guarani.

2.2 REDUÇÕES JESUÍTICAS E AS LÍNGUAS DO PARAGUAI

A língua guarani foi valorizada pelos jesuítas, tanto que escreveram inúmeras obras em guarani. Do ponto de vista político, entretanto, há algumas críticas, pois para alguns críticos a permanência da língua guarani não passou de estratégia de isolamento do indígena do mundo hispânico, e assim, mantinha-se a dominação. Porém, fora das Reduções isso não acontecia. Melià (1998, p. 41) afirma que a sociedade colonial foi desde o princípio oficialmente de falantes da língua castelhana, a língua guarani não entrava na administração nem na política oficial.

Ainda segundo Melià (1997), os jesuítas consideraram a língua guarani como o lugar privilegiado onde permaneceu parte de um sentimento divino mais primitivo, e portanto nada selvagem. Esse autor, porém, afirma que o respeito pela língua não eximi a existência da redução linguística, ocorrido em diferentes níveis da língua: fonologia, morfologia e léxico.

Hacer pasar una lengua sin grafía a lengua 'letrada' (o literaria) es una tarea que supone necesariamente una serie de 'reducciones'. La lengua pasa del oído a la vista, de lo efímero a lo estable, de lo particular a lo general, del individuo a la sociedad. Lo que se gana en economía de recursos – los sonidos son reducidos a fonemas en números bien definidos – se pierde respecto a la rica variedad de las realizaciones espontáneas únicas. La lengua escrita viene a ser la lengua de todos. Pero también la lengua escrita puede fácilmente ser controlada por quien la domina política y socialmente [...] (MELIÀ, 1997, p. 253).

Segundo Kern (1982), a manutenção do Guarani nas Missões tinha objetivos políticos e propósitos econômicos. A manutenção da língua livraria os missionários

das ideias perigosas e manteria o domínio. Por outro lado, a população espanhola da época aprendeu o guarani e falava corretamente, os indígenas, por sua vez, frequentavam as aulas de espanhol, mas não de maneira espontânea.

As autoridades monárquicas falavam exclusivamente o espanhol, sendo as correspondências todas nesse idioma. Nas Missões, além do jesuíta, somente a elite político-administrativa indígena domina o espanhol e tem condições de escrevê-lo e compreendê-lo. Isto reafirma o que dissemos anteriormente quanto à dominação, pois este fato fortalecia as elites indígena e missionária, tornando-os representantes dos Povos, já que as comunicações oficiais eram escritas em língua espanhola.

A difusão da língua espanhola nas Missões nunca foi condição para os trabalhos, pelo contrário, para o jesuíta, o índio falando espanhol, seria igual a ele, algo inconcebível. Os índios também jamais puderam seguir carreira religiosa. Segundo Kern (1982) a situação jurídica do índio missioneiro o protegia contra o encomendeiro e mesmo contra a Inquisição, mas ao mesmo tempo o retinha nos Povos e limitava suas possibilidades de ascensão social.

A língua e cultura guaranis forma mantidas até os dias atuais graças aos trabalhos das reduções, uma vez que eram intensas as atividades culturais realizadas pelos jesuítas, além da manutenção da língua, por motivos que já mencionamos. Também no período das guerras da Tríplice Aliança e do Chaco a língua guarani foi importante para alcançar os objetivos traçados.

2.2.1 A preservação das línguas e as guerras no Paraguai

O líder paraguaio Solano López manteve a política exterior de não intervenção sobre os pleitos fronteiriços com Argentina e Brasil. No Uruguai, o general Venancio Flores inicia uma revolução e Solano López apoia o opositor ao general Flores, pois isto facilitaria sua nova política e daria ao Paraguai o mesmo status regional que possuíam Argentina e Brasil. Assim Montevideo podia significar o acesso paraguaio ao mar e sua inserção na economia mundial.

As políticas de José Gaspar Rodríguez de Francia (1813-1840) e de Carlos Antonio López (1841-1862) haviam feito o Paraguai crescer consideravelmente em comparação com os países vizinhos. Esse feito se deveu ao incentivo a um desenvolvimento auto-suficiente. A economia era controlada graças ao comércio exterior, com as exportações de mate, fumo e madeiras raras. Solano López deu prosseguimento a essa política. Implantou o telégrafo e as estradas de ferro, além de instalar indústrias têxteis, de papel, tinta, siderúrgicas, construção naval e pólvora. Solano López necessitava de uma saída para o mar para dar sequência ao crescimento e atender ao mercado internacional.

Para sustentar suas intenções expansionistas, López começou a preparar-se militarmente mobilizando um grande número de homens para o exército e oferecendo a eles treinamento de guerra.

O Brasil enviou ao Uruguai uma missão chefiada pelo conselheiro José Antônio Saraiva, em abril de 1864, para exigir o pagamento de prejuízos causados a fazendeiros gaúchos por fazendeiros uruguaios, em conflitos de fronteira. Solano López ofereceu-se como mediador nessa ação diplomática, mas não foi aceito. Em outubro, as tropas brasileiras invadiram o Uruguai para depor o então presidente, Atanásio Aguirre. O general Venancio Flores contava com o apoio também da Argentina, além é claro do Brasil.

No dia 12 de novembro de 1864, o vapor paraguaio Tacuari atacou o navio brasileiro Marquês de Olinda, que atravessava o território paraguaio rumo ao Mato Grosso, levando a bordo o coronel Frederico Carneiro de Campos. No dia 13 de maio o Paraguai declara guerra ao Brasil e três meses mais tarde à Argentina. No dia 1 de maio de 1865, o Brasil, a Argentina e o Uruguai assinaram, em Buenos Aires, o tratado da Tríplice Aliança.

O Paraguai contava com um bom número de homens bem treinados. As forças militares da Tríplice Aliança eram francamente inferiores às do Paraguai. O

Brasil achava-se despreparado para entrar em uma guerra, não contava com soldados profissionais, mas sim com os Voluntários da Pátria, cidadãos que se apresentavam para lutar. Dessa forma o Paraguai invade o Mato Grosso e logo a parte sul desse estado. A segunda etapa da ofensiva paraguaia invade Corrientes e o Rio Grande do Sul, porém não obteve sucesso. O fracasso da guerra, por parte dos paraguaios foi deflagrado com a perda da Batalha Naval do Riachuelo, pois quem controlasse os rios ganharia a guerra. Nessa guerra, o poderio naval paraguaio foi destruído o que impossibilitou sua permanência em território argentino.

No dia 1 de março de 1870, as tropas do general José Antônio Correia da Câmara surpreenderam o último acampamento paraguaio em Cerro Corá, onde Solano López foi ferido e morto. Era o fim da guerra do Paraguai.

Outra guerra que marca a história da constituição da nação paraguaia foi a Guerra do Chaco.

A Guerra do Chaco foi um conflito armado que ocorreu entre a Bolívia e o Paraguai, se estendendo de 1932 a 1935. Essa guerra teve origem na disputa da região do Chaco Boreal, pois era um local de descoberta de petróleo, além é claro, da vantagem estratégica, pois no Chaco Boreal se localizava o rio Paraguai, a principal forma de acesso ao oceano Atlântico.

A Bolívia havia construído alguns fortes nessa região, em 1906, invadindo o território paraguaio. Encorajada pelo Chile em não abrir mão de suas pretensões, tendo esta uma certa vantagem sobre o Paraguai, uma vez que dispunha de ampla organização militar, de abundantes recursos financeiros, de um exército mais numeroso e mais bem armado que o Paraguai.

Os generais bolivianos cometeram um grande erro. Convocaram as tropas de elite do altiplano. Em função do ar ser rarefeito, os soldados bolivianos não se adaptaram ao clima quente do Chaco, o que possibilitou uma grande baixa nas tropas bolivianas e conseqüentemente sua derrota.

Em 1938, os dois países firmaram um Tratado de Paz, quando o Paraguai ficou com a maior parte do território disputado, ficando a Bolívia com a parte apenas da planície do Chaco.

Nos períodos de guerra, os símbolos nacionais são evocados para elevar o espírito nacional e manter a unidade da pátria. Valorizada pelos jesuítas, no intuito de manter a dominação política, pois sua manutenção garantia e estabelecia a diferença entre brancos e índios, cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, mais uma vez a língua guarani é convocada juntamente com seus homens para servir à pátria.

Em “el significado militar en la Guerra del Chaco”, a importância do uso da língua guarani em período de guerra se evidencia:

Mientras tanto el guarani alcanza una oficialidade a nível político-militar que supera su importancia durante la Guerra de la Triple Alianza. En mayo de 1933 el Comandante en Jefe Coronel Estigarribia ordena que todas las llamadas telefónicas en campaña se han realizar exclusivamente en guaraní. Además de servir a fines estratégicos esta práctica también podía tener consecuencias psicológicas. (google.com/intl/gn), acesso em: 13 mar. 2012

É notável verificar que há um fortalecimento da língua guarani no decorrer dos conflitos bélicos. Os paraguaios contavam com a língua como aliada em suas táticas de guerra e restrição das informações, pois os outros povos envolvidos nas guerras não dominavam este idioma, ampliavam assim, as chances de organização militar.

Lusting (2012) observa que, apesar da perda da guerra da Tríplice Aliança e como consequência uma tragédia econômica e demográfica, a população do Paraguai masculina adulta pereceu. Além disso, a língua guarani foi fortalecida, pois servia de estímulo combativo através de canções patrióticas utilizadas neste sentido.

Se o Paraguai se distingue de outros países da América do Sul, pela manutenção da língua indígena, esse fato deve despertar interesse. A manutenção da língua guarani até os dias atuais se deve a alguns fatores, sendo um deles a institucionalização dessa língua como símbolo nacional. Há uma associação positiva à língua, pois ela representa um símbolo de resistência, língua anticolonialista, sendo esse sentimento exacerbado em momentos de crise, como nas guerras.

2.2.2 As línguas e cultura do Paraguai

No Paraguai a língua indígena, o guarani, permanece até os dias atuais como língua oficial. Os originários falantes da língua guarani, os povos indígenas do tronco tupi-guarani, não sobreviveram ao seu próprio idioma. Na atualidade, existem alguns poucos núcleos de população indígena, numericamente muito reduzida. Esses núcleos encontram-se em algumas regiões de Corrientes, na Argentina, que assim como no Paraguai, os mestiços utilizam o guarani como língua oficial. Ao longo de sua história, o guarani paraguaio sofreu alterações, mas aqui cabe salientar que se trata de uma língua derivada do guarani autóctone, com vários graus de hispanização.

Com tudo isso, a situação paraguaia é muito diferente da que se dá em outras regiões da América, onde em maior ou menor grau, também se mantiveram o uso de línguas autóctones. Conforme Meliá (1992), no caso do guarani do Paraguai, essa sobrevivência está ligada, quase sempre, a precária identidade cultural de uma comunidade indígena em vias de extinção, se bem que ainda sejam numerosos os falantes. No Paraguai, as circunstâncias históricas não foram desfavoráveis para o povo originário da língua guarani quando este entrou em competição com o espanhol. No início do conflito linguístico, o guarani levou vantagem devido ao número relativamente baixo de conquistadores e colonizadores espanhóis.

Conforme Meliá (1992), os jesuítas criaram uma base importante para a sobrevivência da língua e sua recuperação atual. Nas reduções jesuíticas, a evangelização se fez exclusivamente em guarani, seguindo uma estratégia de isolamento que criava uma barreira linguística para minimizar as incursões dos bandeirantes. O emprego da língua “pagã” na cristianização não só pressupunha um intenso estudo do guarani tribal, por parte dos jesuítas, como também agregava a ele um número grande de neologismos indispensáveis para a catequese.

Dentre os fatores históricos importantes para a manutenção do guarani, destacamos um fator negativo, o isolamento contínuo do Paraguai durante o governo do Ditador Gaspar Rodríguez de Francia¹⁴ (1814-1840), o que levaria ao pouco desenvolvimento social, econômico e cultural do país, pois havia pouca circulação de revistas e jornais, além da dificuldade de implantação do espanhol. A manutenção da língua guarani promovida por Francia é associada diretamente ao atraso do país.

Segundo Rodrigues Rubin (*apud* Rodrigues Zuccolillo, 2000) um fator responsável pela manutenção da língua guarani é o valor emotivo que essa língua desperta na população paraguaia, desde o início da nação, inclusive durante o processo de Independência em 1811.

Esse uso estendido do guarani entre os fundadores da nação paraguaia não está bem documentado [...]. Entretanto, parece provável que o guarani fosse utilizado por homens educados para 1) discutir assuntos mais particulares 2) exprimir cólera 3) exprimir grandes emoções. Existem hoje muitos homens influentes em Assunção que costumam usar língua aborígene justamente nessas situações (RODRIGUES ZUCOLILLO, 2000,

¹⁴ Durante o governo Francista predominava uma forte inclinação antiespanhola. Este ditador defendeu os interesses do Estado contra inimigos internos e externos. Centralizou ao máximo o poder, controlando praticamente tudo que ocorria no Paraguai. Dentre essas ações de poder se destacam o direito de autorizar casamentos, estímulo à miscigenação e promoção do guarani como língua oficial.

p. 99).

Observa-se que a língua guarani está relacionada à expressão dos sentimentos e emprego em situações de informalidade, que se referem aos sentimentos e atitudes mais íntimos da população paraguaia, ou seja, da sua essência. Vale ressaltar que o uso da língua guarani não se restringe a essa ou aquela parcela da população. Falada por todos, foi e é usada por parte de uma elite, formada por homens “educados - republicanos”.

Em 1967, durante o governo de Alfredo Stroessner, o guarani passa a ser língua oficialmente referendada, embora fosse mantido o castelhano como única língua oficial. Apenas em 1992 a nova Constituição, pós-*stronista*, afirmou a condição do Paraguai como nação bilíngue, estabelecendo o guarani e o castelhano como línguas oficiais, e determinando a obrigatoriedade do ensino em língua materna.

O que nos ajuda a entender a permanência do guarani nos dias atuais na sociedade paraguaia são esses fatos históricos apontados, mas é preciso ponderar que o guarani falado nos dias atuais não se trata do guarani pré-hispânico.

Meliá (1992) ainda observa como errôneo em se pensar que existia somente um guarani, o clássico, das obras jesuíticas, e dessaca a diferença entre língua escrita e falada.

Existe la tendencia de considerar la lengua guaraní de los jesuitas como un todo único, un bloque sin fisura. Ese guaraní “clásico” sería el que se encuentra en las obras incomparablemente ricas del padre Antonio Ruiz de Montoya. [...] No se puede identificar la lengua escrita con la hablada, y menos aún una literatura casi exclusivamente religiosa con el idioma de uso común. En la lengua de los jesuitas, otro hecho había de venir a ensanchar la brecha entre lengua escrita y lengua hablada: el corpus literario en la lengua guaraní que se conoce hoy se compone en gran parte de obras escritas por extranjeros, cuyo conocimiento de la lengua era por demás “científico” y poco espontáneo (MELIÀ, 1992, p. 107).

Meliá (1992) aponta para a formação da língua guarani atual, que se dará pela profunda impregnação do adstrato espanhol. Sua consolidação está ligada ao surgimento do campesinato mestiço, que mesmo culturalmente espanholizado, não abandona sua língua própria, no caso o guarani. Desde a sua origem, guarani e espanhol formaram a identidade da população paraguaia e se mantêm em uso diário, muitas vezes mescladas.

O que se percebe é que o guarani tribal seria incompreensível pela população paraguaia atual, devido à língua originária haver sofrido interferência da língua espanhola, como um próprio reflexo da sociedade mestiça. Portanto observa-se que o guarani “puro” seria uma abstração, porém, para alguns intelectuais paraguaios, defensores do guarani acadêmico (guaraniete), este sim seria “puro”. Esses intelectuais não aceitam a possibilidade do *jopara* como língua, considerando-o como variedade, ou ainda, língua de *tavy* (débil mental), ponto de vista adotado por um personagem da obra *El Fiscal*, que observa a sociedade paraguaia afirmando que a língua guarani já não é bem falada, no romance de Roa Bastos.

Do que foi exposto até o momento, é possível elaborarmos um quadro geral do das línguas do Paraguai em relação a algumas características e à sua utilização.

Quadro 1 – Línguas do Paraguai

Fonte: O autor.

Um dos símbolos que mais representa a identidade nacional é a língua. Percebe-se que a língua espanhola, língua nacional representa a modernidade pois é a que dá visibilidade internacional, utilizada na comunicação com países da América latina e Europa. A língua espanhola é a língua nacional, não só do Paraguai, como de vários países latino-americanos, os quais também contavam com povos indígenas nativos, antes da chegada do conquistador.

Os processos históricos, de lutas e de guerras, mostram a valorização da língua guarani em períodos de guerra, pois ela representava a unidade do grupo e uma barreira contra o inimigo, além de ser a língua de expressão dos sentimentos, por isso se mantêm até os dias atuais. Por outro lado, percebe-se que a língua guarani atual já sofreu graus de hispanização, o que não a torna língua “pura” e sim reflexo dos processos de mestiçagem ocorridos durante toda a formação social e cultural do Paraguai. Outro aspecto que ressaltado é que nas relações de trocas linguísticas ainda se mantêm mais valorizada a língua espanhola, pois ela é a língua

dos negócios, da administração pública, dos meios de comunicação de referência e do ensino formal. Mas e quanto ao *jopara* no campo jornalístico?

Nossa análise recai justamente sobre o uso do *jopara* no jornal Diário Popular, sendo este meio de comunicação uma forma de representação da coletividade. Torna-se necessário apresentar o *jopara* no campo jornalístico.

3 DIARIO POPULAR: O JOPARA NO CAMPO JORNALÍSTICO

O sensacionalismo é o grau mais radical de mercantilização da informação.

Márcia Franz Amaral

Neste capítulo pretendo mostrar o campo jornalístico como um campo social e a relação dos meios de comunicação com os grupos sociais. Isto é, mostrar de que forma os meios de comunicação exercem pressão sobre esses grupos sendo responsáveis por ilustrar nas páginas do jornal ou nos noticiários da televisão a maneira como homens e mulheres percebem e concebem o mundo. O objetivo específico é buscar neste aporte teórico uma possível explicação do poder midiático, enquanto espaço de representação social, de (re)construção de uma realidade através do uso da linguagem. Mais especificamente, pretendo discutir o uso pelo jornal Diário Popular da língua *jopara* que, como vimos, está presente em várias situações sociais. A ideia é que no jornal estão concepções, crenças e ideologias veiculadas através de seus recursos, mostrando que a mídia popular pode expressar uma ordem social existente, baseada na distinção social, como entende Bourdieu. Ao dirigir-se ao um tipo específico de leitor, o jornal estabelece uma identidade com ele e, o mesmo tempo, classifica-o, principalmente quando utiliza a língua *jopara* em maior escala em suas páginas policiais.

Apresento também uma discussão teórica sobre o jornalismo sensacionalista, popular, com definições que ajudarão a demarcar os limites deste estudo e estabelecer suas categorias de análise.

Ao final, exponho um pequeno histórico da imprensa no Paraguai a fim de entender a função dos jornais na construção do conceito de nação, e as línguas guarani e espanhol neste processo.

3.1 O CAMPO JORNALÍSTICO

Um campo social é constituído e constitutivo de relações humanas. As relações internas de cada campo são determinadas por relações assimétricas. Por exemplo, o campo social religioso é composto de atividades sociais que definem o sagrado e o profano e o campo da medicina se caracteriza por buscar a cura seguindo métodos científicos e estabelecendo classificações entre a saúde e a doença. O campo jornalístico não é diferente dos outros.

Conforme Barros Filho *et al.* (2010) afirma:

[...] as noções de campo jornalístico ou publicitário nos fazem pensar que há no espaço social de produção de notícia e de publicidade não apenas pessoas que se conhecem, que se relacionam, que se influenciam, mas também relações de forças invisíveis. Fazendo com que, para que possamos compreender, por exemplo, a força como um jornal produz uma notícia ou uma agência anuncia determinado produto, seja preciso levar em conta o conjunto das relações de força objetivas que constituem a estrutura dos campos que se situam. (BARROS FILHO *et al.*, 2010, p. 07).

Esses autores enfatizam o fato do campo jornalístico estabelecer regras para a escolha do que será noticiado, sendo que, para que a matéria jornalística seja publicada, antes disso foi necessário estabelecer uma delimitação, pois o mundo é grande demais para caber no jornal.

O que é noticiado no jornal é regulado pelo campo jornalístico que funciona, assim como os demais campos sociais, de maneira autônoma, com regras próprias de funcionamento, pois isso se estabelece pelos próprios agentes envolvidos nesses campos. Sendo assim, no campo jornalístico, como afirma Barros Filho *et al.* (2010) existem pressões e exigências particulares a esse universo profissional, nem sempre visíveis. Essas pressões e exigências têm como objetivo alcançar a legitimidade, pois os que dominam um campo social têm meios de fazê-lo funcionar em seu benefício.

No campo jornalístico, há décadas que alguns nomes são referência nessa área, fruto da grande capacidade profissional e legitimidade infinita. O que garante a hegemonia de determinados grupos dentro dos campos sociais é seguramente a legitimidade estabelecida de maneira conjunta a um esforço de autopreservação, o que garante a sua autonomia. Conforme afirmam os autores mencionados anteriormente, quando se referem à existência de regras para a existência de um

campo social:

A relativa autonomia dos campos sociais nos indica que essas regras de ação consensuais – mandamentos indicadores dos limites da prática – são, em parte, estabelecidas por seus próprios agentes. Neles são determinadas essas normas de conduta que definem o dizível e o indizível. O adequado e o inadequado. O pertinente e o impertinente. A conduta eticamente aceita – ou mesmo aplaudida – da moralmente condenável. Neles, portanto, seus integrantes aprendem a reconhecer o certo e o errado. Mas não só; também aprendem a se definir. A forjarem um discurso comum de pertencimento. A identificarem os traços de uma identidade integradora. A darem a ver a fronteira simbólica que aparta o dentro e o fora (BARROS FILHO *et al.*, 2010, p. 17).

No que se refere ao campo do jornalismo, a maneira de se conseguir preservar a autonomia é através da autocrítica, na medida em que definem o adequado ou se afastam do que é estabelecido como inadequado na escolha dos argumentos. Um exemplo de regras estabelecidas e defendidas por este campo, que garante sua autonomia e o separa do externo, é a liberdade de expressão.

Neste sentido verificamos que o campo jornalístico e, como tal, englobado pela mídia, tem um papel importante na ascendência sobre a sociedade.

O jornal *Diário Popular*, no momento em que emprega a língua *jopara* na redação de algumas matérias, se insere em relações de disputa simbólica. Ao mesmo tempo que estabelece um vínculo com um leitor específico, assume um lugar marginalizado na escala classificatória dos veículos de comunicação. Assim ganha leitores e estabelece relações com esses ao se aproximar na redação das matérias de sua forma de falar e expondo seu cotidiano. Nessa tarefa acaba por reafirmar sua posição marginal no interior do campo jornalístico.

3.2 MÍDIA E SOCIEDADE

Claro está que os meios de comunicação fazem parte da vida das pessoas, ou seja, agem sobre a sociedade, do mesmo modo que dela recebem influência. Os programas de televisão, as telenovelas, e outros, estabelecem modos de comportamento, elegem padrões de beleza. Os jornais discutem assuntos que serão temas e discussões diversas, tais como as das famílias na hora do jantar.

Esses efeitos da mídia sobre a sociedade podem ser verificados em estudos relativos ao agendamento, ou, a responsabilidade dos meios de comunicação sobre

os temas de conversa das pessoas, também conhecido como agenda *setting*¹⁵. A mídia tem o poder de selecionar quais temas terão visibilidade pública e quais serão condenados à invisibilidade social, além de verificar se alguns temas selecionados terão maior visibilidade e serão considerados socialmente relevantes. Pode-se concluir com isso que os meios de comunicação reproduzem um sistema de classificação segundo uma ordem social de importância de grupos sociais.

Uma das formas de dominação dos meios de comunicação sobre a sociedade é a ocultação. Barros Filho *et al.* (2010) discute este tema, levando em conta o livro “Sobre a televisão”¹⁶. O autor tece uma fina reflexão sobre os processos pelos quais alguns assuntos da imprensa são mostrados, qual o peso que necessitam ter, se devem ser apresentados como insignificantes ou muito diferentes da realidade. Para exemplificar, os autores falam sobre a crise aérea. Esse tema de reportagem é colocado como foco principal e outros problemas, tidos como menores, são ignorados. Quem usa o transporte aéreo no Brasil, de forma mais frequente, ainda é a elite. Dentre os fatores para que este tipo de ocultação aconteça está a visão de mundo do jornalista e a visibilidade das ideias.

O jornalista, como qualquer pessoa, possui suas crenças, valores e comportamentos, decorrentes de sua bagagem cultural, sua formação pessoal e profissional. Essas características influenciam no momento da escolha dos assuntos que podem virar notícia. A luta pela notícia única e exclusiva, o furo de reportagem, faz com que a mídia privilegie as ideias prontas, ou seja, o que é aceito por todos. Para garantir a aceitação dessas ideias, como reforço, sempre há um especialista convidado para dar seu parecer sobre determinado assunto. O trabalho do jornalista, ou editor, ou publicitário, indica o poder da mídia sobre a sociedade.

Segundo Foucault¹⁷ (1995), para entender o poder, devemos pensar no que legitima o poder. Uma das formas de poder é aniquilar a individualidade, sendo que quando pensamos em poder devemos pensar que ele ocorre em função do outro, designa relação entre parceiros. No que se refere à comunicação, a transmissão das mensagens implica relações de poder, pois: “comunicar é sempre uma certa forma de agir sobre o outro ou os outros” (FOUCAULT, 1995, p. 240) , ou ainda, “As

¹⁵ Teoria de comunicação. Utilizada no trabalho como forma de explicação para relação entre mídia e sociedade.

¹⁶ Livro de Pierre Bourdieu que discute de forma geral o modo como se produzem as notícias. Essa obra não faz parte do aporte teórico dessa dissertação e sim consta na referência Barros Filho *et al.* (2010).

¹⁷ O objetivo de Foucault não era apresentar uma teoria ou metodologia sobre o poder, mas sim discutir o sujeito e as relações de poder.

relações de comunicação implicam atividades finalizadas...e induzem efeitos de poder pelo fato de modificarem o campo de informação dos parceiros.” (Id. *Ibid.*, p. 241). As relações de comunicação implicam alguns elementos: a linguagem e o interlocutor. Os textos jornalísticos são escritos para que os leitores os leiam, dessa forma, as relações de poder se estabelecem por atos como: a “manipulação” das imagens e das palavras. Esses aspectos são verificados também no *Diario Popular*, já que se trata de um veículo de comunicação.

O jornal *Diario Popular* se diferencia de outros jornais no Paraguai por seguir uma linha de jornalismo popular, sobre a qual trataremos mais adiante. Porém, em outros aspectos, está inserido em um campo social que estabelece suas regras de funcionamento, no que diz respeito ao papel dos redatores e o poder que eles têm no trabalho de construção da realidade. Assim, através da linguagem jornalística, da narrativa e das fotos, eles procuram tornar o jornal o mais próximo possível de seus leitores/interlocutores, empregando o *jopara*.

Quando tratamos de meios de comunicação precisamos lembrar que eles possuem suas divisões: o jornal impresso, o jornal de televisão, o jornal comunitário, o rádio, as publicidades, etc. Para cada um desses veículos de comunicação a linguagem empregada será diferente, pois, como mencionamos, as relações de comunicação implicam na presença de um interlocutor, um público. No caso do jornal *Diario Popular*, o público-alvo não é preferencialmente o leitor da elite. Veremos que esse jornal apresenta características populares, o que o distingue de outros jornais, como os de referência, no Paraguai.

3.3 O JORNAL DIARIO POPULAR: JORNALISMO POPULAR

Os produtos jornalísticos destinados às classes B, C e D, que historicamente exploraram em suas matérias os efeitos psicológicos que poderiam causar através de imagens chocantes e temas ligados ao cotidiano violento de bairros periféricos - ou histórias de catástrofes, de crianças violentadas - ganharam o rótulo de sensacionalistas. Amaral (2006) prefere usar o termo popular, segundo ela, menos preconceituosa. O fato é que esses jornais têm se modificado ao longo de sua trajetória.

Conforme Amaral (2006) no início da imprensa já havia a presença de jornais populares:

[...] Na França do século XIX, os jornais populares de uma página eram conhecidos como *canards*, termo que significa conto absurdo ou fato não verídico. Os que mais faziam sucesso eram os sensacionalistas que contavam histórias de catástrofes, crianças violentadas e eclipses [...] (AMARAL, 2006, p. 17, grifo do autor).

Outros jornais com características semelhantes e mais próximos aos jornais sensacionalistas atuais surgiram também na França entre 1560 e 1631 e nos Estados Unidos em 1690. Com o desenvolvimento das técnicas de impressão e a possibilidade de impressão dos jornais de forma diária, além é claro, da educação formal, fizeram com que os jornais, de forma geral, tivessem um público leitor.

O cotidiano passou a ser objeto das matérias jornalísticas a partir dos fatos citados, os jornais passaram a estampar temas referentes a crimes e dramas familiares, por exemplo. Essas matérias eram relatos ricos em detalhes, tudo feito para assegurar a fidelidade do leitor, além do valor desses impressos, bem mais baixos. Um exemplo deste tipo de jornal foi o *New York Sun*, fundado em 1833 nos Estados Unidos, e o *New York Herald* (1887) no mesmo país, sendo o último com características semelhantes ao *Sun*.

Além dos jornais citados, também nos Estados Unidos, o *New York World*, criado por Joseph Pulitzer e Randolph Hearst (1880) apresentava preços baixos e chamava a atenção pelos títulos. Este jornal era destinado aos imigrantes e as classes operárias:

O *New York World*, encabeçado por Pulitzer em 1883, dirigia-se para os imigrantes e a classe operária. A circulação do jornal subiu de 15 mil para 250 mil exemplares em quatro anos. Pulitzer não dispensava a página editorial, os relatos, as cenas de costumes, os escândalos, o combate à corrupção e os dramas policiais que deveriam servir para fortalecer a influência sobre o público cada vez mais numeroso. *Batizado de sangue* foi a manchete do jornal para noticiar a morte de pedestres pisoteados numa ponte recém-inaugurada [...] (AMARAL, 2006, p. 18, grifo do autor).

Esse tipo de publicação inovou a maneira de se fazer jornalismo, pois as manchetes, a partir de então, passaram a ter importância na venda dos jornais. *Pulitzer* utilizava manchetes em vermelho, em algumas publicações. No Brasil, este tipo de imprensa ficou conhecida como “marrom”, sendo os jornais pertencentes a este estilo editorial caracterizados pela abordagem de temas ligados ao cotidiano e à violência.

Segundo Amaral (2006),

[...] o sensacionalismo está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma. [...] a superposição do interesse público; a exploração do sofrimento humano; a simplificação; a deformação; banalização da violência, da sexualidade e do consumo; a ridicularização das pessoas humildes; o mau gosto; a ocultação de fatos públicos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciismo; os prejulgamentos e a invasão da privacidade tanto de pessoas pobres e como celebridades.[...] (AMARAL, 2006, p. 21).

O sensacionalismo está muito relacionado à exploração de temas ligados à violência e sua superexposição, e é muito comum observar a sua presença em coberturas policiais.

O jornal *Diario Popular* segue essa linha sensacionalista/popular, pois o valor de cada exemplar é baixo em relação aos outros jornais que circulam no Paraguai, custa em torno de dois mil e quinhentos guaranis (por volta de um real). Esse valor bastante baixo do jornal, associado às manchetes e à linha editorial, pode ser responsável pelo seu sucesso de vendas.

Os títulos das matérias são os responsáveis por despertar o interesse dos leitores, além é claro, de darem orientações sobre o conteúdo do texto. Em um dos jornais encontramos as palavras *tuchataire*, *tátare* e *ka`u*, sinônimos para bêbado, empregadas na descrição de acontecimentos violentos.

Tátare le pego a su mami

Fonte: *Diario Popular* (2011).

Su hijo ka`u le garroteó

Fonte: *Diario Popular* (2011).

Essas duas matérias mostram que os filhos alcoolizados atacaram suas mães. Amaral (2006), em suas pesquisas sobre o jornalismo sensacionalista ou popular, indica que o sensacionalismo está relacionado ao exagero e à valorização da emoção. Percebemos que há no título dessas matérias o uso da valorização da emoção. Sendo a língua guarani uma língua que propicia a expressão dos sentimentos, por ser também a língua de proximidade, a língua que representa o cotidiano, ela frequentemente aparece nos títulos do Diário popular misturada ao espanhol, mas nos textos das matérias a língua predominante é o espanhol. Ou

seja, o *jopara* empregado pelo jornal nas redações prioriza a língua espanhola, pois não encontramos um título ou matéria inteira em língua guarani. Encontramos somente algumas palavras escritas nessa língua, justamente as que definem, qualificam, descrevem e nomeiam pessoas ou o estado dos sujeitos retratados.

Além das manchetes há outras situações do jornalismo popular presentes na composição editorial do jornal *Diario Popular*. O objetivo do levantamento dessas situações é a ponderação a respeito da língua *jopara* nesse veículo de comunicação.

3.3.1 O *Diario Popular*

O Grupo *Multimedia* do Paraguai é uma empresa que possui uma cadeia de rádio e imprensa escrita. O jornal *Diário Popular* é um dos veículos de comunicação dessa desse grupo. Editado em Assunção é distribuído em todo o país. Juntamente com o *Diário Crónica* formam os dois maiores jornais que atendem à denominação de jornais sensacionalistas ou populares.

O jornal *Diario Popular* é uma publicação diária e apresenta em seu conteúdo notícias diversas. É dividido em cadernos que enfocam notícias internacionais e locais, um caderno para crianças, um para esportes e outro para notícias policiais.

As seções e cadernos que compõe o jornal são: a capa, o caderno *locales*, o caderno *sucesos*, os cadernos especiais e especial de domingo, o caderno *el mundo* e o caderno *deportes*.

As capas são coloridas e bastante chamativas. Geralmente apresentam fotos de mulheres famosas do Paraguai, muitas vezes em poses sensuais e com pouca roupa. Quando não são mulheres a estampar a capa, são fotos de jogadores de futebol ou momentos de um jogo de algum time do Paraguai.

Figura 3: Capa Diario Popular



Fonte: Diario Popular (2010).

Esta é a capa de um dos exemplares¹⁸. Nela podemos ver que o jornal segue o estilo tabloide, no qual as notícias são mais curtas, a linguagem é mais rápida e as ilustrações são maiores, revelando uma preocupação com as imagens. O tamanho é menor do que o habitual, medindo 35 cm por 29 cm.

O destaque maior da capa é para o técnico de futebol acusado de antipático pela torcida da equipe do Nacional. Ao lado da imagem maior vemos a imagem de uma atriz pornô simulando fazer sexo oral em um homem. Mais acima à direita, outra foto sensual. A foto de menor destaque é a que trata da suspensão de juízes em um caso que envolve política.

Na capa que apresento, para ilustrar, vemos a presença do *jopara* em algumas ocorrências. Além do uso do *jopara*, o que ressaltado é o estilo jocoso da redação das matérias. Por exemplo, na expressão *hasémba las kuñakuera asha y aca*¹⁹, à esquerda e no alto da capa. Em algumas matérias encontramos o termo *asha*, uma distorção da palavra em espanhol *allá*, que significa lá. Da maneira como é empregado esse termo, indica uma forma de falar típica da Argentina, mais

¹⁸ Esta capa não faz parte do *corpus* do trabalho sendo sua função a de ilustrar o tema abordado.

¹⁹ Choram as meninas lá e aqui.

especificamente da região de Buenos Aires, pois foneticamente nesta região os dois “ll” são mais pronunciados produzindo um som que poderia ser expresso graficamente da maneira como o fizeram, de forma jocosa, para representar a palavra analisada (*asha*).

O jornal apresenta como característica a picardia e o humor em suas redações. Outros termos, dessa mesma natureza, os quais observei empregados são: *Kurepilandia* e *Rapailandia*. *Kurepilandia* refere-se à Argentina e *Rapailandia* ao Brasil, pois, *kurepi* em guarani é o termo empregado para designar porco, porém, dependendo do contexto, utiliza-se para referir-se ao argentino. O sufixo *-landia* indica terra (do inglês *land*). No caso do Brasil, o termo que se utiliza em *jopara* para brasileiro é *rapai* (variação do português rapaz) com acréscimo do sufixo *-landia*.

As imagens de capa da maioria dos jornais pesquisados seguem o mesmo padrão dessa que apresentamos. O caderno seguinte à capa é o caderno policial.

Nas páginas do caderno *sucesos* encontramos as ocorrências policiais de Assunção (capital do Paraguai) e de outras cidades como *Luque*, *Villa Rica*, *Ciudad Del Este*. O *Diario Popular* conta com jornalistas correspondentes que cobrem os acontecimentos por todo o país. Além das ocorrências policiais, este caderno apresenta acidentes de trânsito, problemas e dramas familiares, brigas entre casais ou vizinhos, entre outros temas dessa mesma natureza, como se observa nos títulos das matérias:

Tres paraguayos asaltaban asha²⁰

Fonte: Diario Popular, 5901, 01 abr. 2011, p. 2.

Vecina macheteó a ñato por su cara²¹

Fonte: Diario Popular, n. 5901, 01 abr. 2011, p. 2.

Doña le pegó en un cumple²²

Fonte Diario Popular, n. 5901, 01 abr. 2011, p. 3.

²⁰ Três paraguaios assaltavam lá.

²¹ Vizinha golpeou o marginal na cara.

²² Senhora o atacou em uma festa de aniversário.

A disposição dos textos nessas páginas segue uma ordem de importância ou relevância das matérias, havendo um espaço maior para uma matéria e outras matérias curtas. De forma geral as matérias são curtas.

O que podemos perceber é que os jornais rotulados como sensacionalistas, como o Diário Popular, apresentam em sua configuração um espaço bastante grande a temas relativos ao gosto do público leitor, temas que não escapam de serem noticiados nos jornais tidos como “sérios”, já que, temas que tratam da violência são abordados em todos os veículos de comunicação. Mas ainda assim, devido ao perfil social do leitor são mais explorados por jornais populares.

Segundo Serra (1980, p. 19), a seção policial, dentro de um jornal, representará o cotidiano de uma região social.

[...] é o espaço em que figuram como personagens centrais e atuantes aqueles cujo aparecimento no resto do jornal é impossível ou secundário. Pois em relação ao espaço total do jornal, eles são ‘desviantes’: marginais, ladrões, assassinos, traficantes, desonestos, homossexuais, prostitutas, menores delinquentes, em grupo, organizados ou individualmente [...].

Esse mesmo autor destaca que a distribuição dos fatos jornalísticos no jornal, em seus múltiplos cadernos, destinam outros espaços a outros personagens da sociedade associados ao trabalho, à justiça e ao poder, enfim, a uma ordem social legítima.

Ora, ao situar as manifestações daqueles setores em seção especial, e ao designá-la como ‘policial’ ou ‘criminal’, é ao mesmo tempo como desviantes sociais e como ilegais que o espaço do jornal os representa. Unificando-os preferencialmente sob o tópico ‘policial’, indica-nos a instância policial como mediadora por excelência da normalidade e do desvio, colocando-a como agente normal para demarcar a outra e para garantir sua dominância em termos globais. (SERRA, 1980, p. 19).

Em jornais populares, ou rotulados como sensacionalistas, o que ocorre é uma inversão da valorização do material jornalístico que compõe suas páginas. Desse modo, o que em um jornal “sério” seria tido como anomalia, resguardado à seção especial, em jornais populares é corriqueiro e abrangente. Tudo que se refere à vida popular se espalha por esse tipo de jornal impresso.

Para Dias (2008) a violência em jornais populares pode ser expressa por meio da linguagem empregada na composição das matérias. Esta autora analisou o jornal popular Notícias Populares de São Paulo, e conclui que:

[...] o discurso da violência mistura, aqui, tragédia, malícia, humor grosso, preconceito sexual contra a mulher (cuja participação no fato trágico fica, pelo menos, dúbia), preconceito racial (chamar a mulher de *nêga* constitui uma forma de rebaixá-la socialmente) do que resulta, conforme vimos, ainda, [...] ‘uma contribuição desse jornalismo para tornar a violência irreal e banalizada’. No fundo a malícia e o humor subvertem todos os valores (DIAS, 2008, p. 116, grifo do autor).

A representação dos atos e estados da violência por meio das experiências vividas pelas classes operárias é tema recorrente de jornais populares como o *Diário Popular* do Paraguai ou o *Notícias Populares*²³ de São Paulo. Observa-se, nesse caso, o uso de expressões e gírias muito pitorescas que podem identificar uma comunidade ou um grupo social.

Expressar o cotidiano de bairros periféricos é uma tentativa de aproximação, ou exposição da vida dos moradores desses ambientes. Não que a violência e o crime sejam produzidos somente nesses espaços, porém, nesses jornais são associados imediatamente ao marginal, ao ser social que vive à margem. Esses jornais aspiram reproduzir a ordem social pela crença na ilusão da transparência da linguagem, veiculando classificações estigmatizadoras como a do marginal, identificado como alguém que vive e pratica a violência no seu dia a dia. Nos jornais populares, ao contrário dos jornais “sérios”, o espaço do “marginal” é central, é tema de capa, é manchete, e a busca de uma linguagem adequada a um público que supostamente está próximo e vive nesses bairros periféricos, torna-se, assim, uma preocupação central.

A busca pela aceitação do público leitor por parte dos jornais populares exige uma aproximação do veículo a ele. O jornal é antes de tudo uma empresa e visa o lucro, o êxito de vendas, mas também possui um perfil, um estilo. Para alcançar seus objetivos comerciais e construir um vínculo com o leitor, os jornais populares procuram adequar todo o produto jornalístico ao gosto do leitor e, para isto, a linguagem nesse aspecto é essencial.

Verifico que o *Diário Popular* emprega também muitos termos no diminutivo, tais como: *abuelita*, *doñita* (avozinha e senhorita). Além do diminutivo, utilizam-se palavras abreviadas tais como: *boli* (bolígrado – caneta), *poli* (policia – polícia), *ña* (doña – senhora). A esta forma de escrita dedicarei uma análise mais aprofundada no capítulo seguinte.

²³ Jornal que circulou em São Paulo entre 1963 e 2001.

Palavras e expressões chulas também aparecem em algumas reportagens, como o uso do termo *joder* (praticar o ato sexual).

A linguagem, em comparação com outros jornais, evidencia muitos termos e expressões populares advindos do uso do *jopara*.

Segundo Amaral (2006), é necessário, por parte dos jornais populares, mostrar uma conexão com seu público, sendo muito mais difícil a venda desses jornais por conta do baixo poder aquisitivo e pouco hábito de leitura da população. Dessa forma os jornais populares, diferentemente, dos jornais de elite, os quais priorizam matérias que mostram o mundo da notícia, apresentam informações mais ligadas ao cotidiano popular e à prestação de contas, através de denúncias de problemas de saneamento básico e necessidades diversas dos moradores de diferentes bairros. Uma das maneiras de se conquistar este público cotidianamente é o uso de uma linguagem mais “simples” e chamativa.

A maior parte dos jornais de segmento popular constrói um leitor dependente de seu assistencialismo e atraído pelo fato de seu rosto e sua fala publicados no jornal. Os jornais imaginam que o leitor gosta de se ver, contar suas histórias e as injustiças cometidas contra si [...] (AMARAL, 2006, p. 62).

Os temas mais recorrentes na imprensa popular são aqueles relacionados ao cotidiano das classes sociais leitoras desses jornais, são elas C, D e E. As matérias giram em torno de problemas relacionados à saúde, a educação e a segurança pública, ou seja, temas relativos aos descasos de órgãos públicos com relação a essa população. Outros temas são as fofocas relacionadas aos famosos. Também se destacam os temas relativos ao esporte, sobretudo o futebol. As matérias procuram explorar os dramas cotidianos. Todos esses temas evocados pela autora Amaral estão no *Diario Popular*, bem como verificamos o uso de uma linguagem carregada de humor.

No caderno *locales* do jornal *Diario Popular* são retratados os fatos que envolvem política. Há uma coluna que se chama “*chusma, chusma!!!*” que descreve fatos que ocorreram na vida política e principalmente na câmara do deputados. A palavra *chusma* em espanhol se traduz ao português por gentalha. Parece que essa expressão veio de uma famosa série de Tv mexicana - Chaves. Na década de 1970 a série de TV mexicana “*El Chavo del Ocho*” fez muito sucesso em toda América latina tornando-se um fenômeno popular. A série apresentava, de forma cômica, a vida de seus personagens, os quais viviam em um condomínio formado por pessoas

com baixo poder aquisitivo. Dentre esses personagens havia o *Kiko*, o qual insultava os vizinhos gritando “chusma, chusma!!” – gentalha, gentalha. No *Diario*, a coluna *chusma, chusma!!!* tem um tom sarcástico e de humor, principalmente em relação às atitudes dos políticos, pois essa é uma expressão empregada com intenção de classificá-los como gente sem escrúpulos.

Segundo Dias (2008), os efeitos de humor podem servir para amenizar os efeitos das notícias apresentadas, um recurso empregado no jornal *Diario Popular* em quase todas as páginas. Trata-se de um recurso empregado pela linha editorial do jornal analisado, presente nos jornais populares.

Os cadernos especiais geralmente são coloridos, assim como as capas. Um dos cadernos é “*a puro chisme*”. A palavra *chisme* pode ser traduzida como fofoca. Este caderno aborda a vida dos famosos do Paraguai e de outros países e as modelos paraguaias exibem seus dotes físicos em trajes sumários. São apresentadas também algumas entrevistas com artistas.

O caderno especial de domingo, “*notas*”, apresenta matérias que envolvem o entretenimento e a vida de algumas pessoas famosas no Paraguai e no mundo. Destaco as matérias que apresentam a opinião de um psicólogo especializado em sexologia. Alguns artistas e jogadores de futebol são perguntados sobre algum tema relativo ao comportamento sexual (posição preferida durante o ato sexual, preferências sexuais, etc.). Além das respostas há a opinião do psicólogo.

Temas como saúde, bem-estar, lazer e cultura são tratados também nos cadernos especiais semanais e de domingo. O uso do *jopara* apresenta poucas ocorrências nesses cadernos. O caderno *El mundo* apresenta as notícias internacionais. Temas referentes ao Brasil e a outros países da América Latina são bastante frequentes. Não se usa neste último caderno o *jopara* com frequência.

O Diário Popular apresenta em todos exemplares uma seção chamada *historias reales*. São narrativas que tratam de temas amorosos, como envolvimento de mulheres com homens casados, amores impossíveis, traições e decepções amorosas, êxitos amorosos, etc. As histórias são narradas em língua espanhola, apresentando, no total de exemplares analisados, apenas duas ocorrências de uso do *jopara*.

O jornal encerra suas edições diárias com o caderno *deportes*. Este caderno apresenta a cobertura das atividades esportivas de forma geral, com grande destaque para o futebol. São apresentados os resultados das principais partidas, os lances polêmicos, as vitórias e derrotas. As fotos apresentadas são coloridas. O uso

do *jopara* não é tão recorrente quanto nos cadernos *locales* e *sucesos*.

Entender a dinâmica do jornal *Diario Popular* exige entender a história da imprensa no Paraguai, pois na linha do tempo dos impressos deste país encontram-se dados importantes que contribuem para a formulação de uma ideia apurada sobre o tema.

3.4 A IMPRENSA NO PARAGUAI

Os primeiros meios de comunicação em toda *Cuenca del Plata* funcionaram nas reduções jesuíticas. As primeiras prensas de madeira foram construídas em 1700, pelos padres Juan Bautista Neumann, Segismundo Asperger e José Serrano. Essas prensas estavam instaladas nos povos de Lorento, Santa Maria la Mayor e San Francisco Javier.

Numerosos livros, folhetos, tábuas astronômicas e lâminas foram publicadas entre 1700 e 1767 nessas localidades. As publicações eram feitas em latim, espanhol e guarani.

Uma das obras principais que marcam o surgimento da imprensa em terras guarani é a do cacique Nicolas Yapuguay, do povoado de Santa Maria la Mayor. Esse cacique publicou sermões e o catecismo em língua guarani, por volta do ano 1724.

Durante todo o período de ditadura de Rodriguez de Francia o Paraguai não existiu imprensa nem parlamento. Em 13 de março de 1844 Carlos Antonio López assumiu a presidência, começou a dar importância ao papel impresso, ordenando a edição de jornais como um meio de fortalecer a defesa nacional. O *Paraguay Independiente* foi o primeiro jornal a surgir neste período, conforme aponta Bosio (2008):

El primer número de **El Paraguay Independiente** apareció el 26 de abril de 1845. Por eso se considera esta fecha como la originaria del periodismo nacional. Fueron publicados un total de 118 números de este periódico, cuyo último número fue del 18 de setiembre de 1852, año de la batalla de Caseros, donde Justo José de Urquiza venció a Juan Manuel de Rosas, eliminando así una de las barreras al reconocimiento de nuestra independencia [...] (BOSIO, 2008, p. 82).

Esse jornal foi uma publicação semanal editada pela imprensa do Estado e o seu principal redator foi o próprio Presidente da República. Ele foi criado com fins políticos, pois o Paraguai necessitava registrar e divulgar suas conquistas de independência em relação à Província de *Buenos Aires*.

Pozzo (2008) aponta indícios sobre as atividades do jornal *El Paraguay Independiente* como uma fórmula de representação da ideia de nação.

[...] En sus páginas, su entonces director Carlos Antonio López publicaba leyes y decretos, polémicas con gobiernos extranjeros acerca del reconocimiento de la independencia paraguaya, textos periodísticos editados en diarios de la región acerca del país, e inclusive detalles de como ser la bandera paraguaya, los sellos empleados por el Estado, asimismo normativas con relación a los usos de la imprenta. Los textos publicados en los semanarios durante la Primera República Paraguaya (1811-1870), crean e imaginan un determinado modelo de nación [...] (POZZO, 2008, p. 67).

Este autor analisa os textos produzidos neste impresso sob a ótica de pensadores como Durkheim, Chartier e Goody, que discutem o tema das representações coletivas. As ideias de nação nos períodos de formação das repúblicas latino-americanas foi algo construído, principalmente pela criação de impressos periódicos, pois as palavras ganhavam peso quando impressas em papel. Elas adquiriam o sentido de um rito de instituição pelo poder de nomeação e assim contribuíram para construir a própria realidade. Esta era a principal forma de fazer política, pois o que era publicado adquiria *status* de verdade.

Durante o período da Guerra da Tríplice Aliança surgiram alguns jornais, denominados de “trincheira”, a partir de 1867. esses jornais se caracterizaram pela linguagem empregada: rápida, ligeira, utilização do humor, ácido e picante. Além disto, havia ainda a utilização na redação dos artigos nas línguas espanhola e guarani.

Segundo Pozzo (2008), com a morte de Carlos Antonio López em 1862, seu filho, Francisco Solano López, assume a presidência e durante o governo de Solano a língua guarani não teve o protagonismo de outros períodos “Os estudantes eram alfabetizados em espanhol, em função da necessidade do Estado em formar uma

elite de funcionários” (POZZO, 2008, p. 101 – tradução nossa). Essa elite era encarregada de estabelecer vínculos com os governos estrangeiros. Durante a guerra, as cartas e documentos eram redigidos em espanhol, mesmo sendo o guarani a língua mais usada pelos soldados e oficiais no *front*.

O que se observa é que, por ser o guarani a língua dos oficiais e soldados da guerra, os jornais de trincheira, com a função de estimulá-los, apresentavam matérias nesta língua também.

Em 25 de abril de 1867 é lançado o jornal *El Centinela*, considerado sério e jocoso, pois sua configuração editorial contava com seções nas quais empregava-se a língua guarani em músicas em tom de humor. Contava com um caderno escrito em idioma guarani. Esse jornal, assim como outro dessa mesma época, o *Cabichu´í* cumpriam o papel, conforme afirma Bosio (2008), de dar mais animo aos combatentes de guerra, pois havia a presença de um humor mordaz nas caricaturas e nas matérias.

O *Cabichu´í* foi considerado uma arma de combate, pois trazia a língua dos soldados expressa em suas matérias, bem como em poemas satíricos. Segundo Bosio (2008), [...] “não se trata de um periódico em guarani, se não de um periódico com pequenas seções em guarani, ao mesmo tempo que transitado por frequentes locuções guaranis de apimentado sabor popular” (BOSIO, 2008, p. 92, tradução nossa). Os poemas que misturavam guarani e espanhol fechavam as colunas de cada número:

*Mbohapy aña rymba
Ojehu en este mundo
Ojoguaetéva ifigura
Karaja, jagua há burro,*

*Pedro II el Karaja
El jaguá Bartolo Mitre
Venancio Flores el burro
Los de la Alianza Triple*

*Mbohapyve oñomoirû
Ko´ã animal vai vai
Há ojapo peteî contrato
Oipyhy haguã Paraguay
(BOSIO, 2008, p. 93 apud Melià, 1992).*

Esse pequeno poema satírico fala que três malditos animais se encontraram no mundo: o macaco, o cachorro e o burro. Cada animal mencionado é associado a um militar importante, sendo Pedro II, brasileiro, o macaco, Bartolomeu Mitre, o cachorro e Venancio Flores, o burro. Os três animais fazem um contrato para tomar o Paraguai.

A língua guarani, como símbolo nacional, é utilizada no sentido de instigar os soldados em sua luta em nome da pátria. Nesse caso ela funciona não somente por ser a língua mais usada por eles, mas também como forma de pertencimento a um grupo com uma luta comum, capaz de expressar com mais familiaridade os sentimentos de amor e pertencimento à pátria.

O jornal *Cacique Lambaré* surge no dia 24 de julho de 1867. Este jornal era totalmente redigido em guarani – *jopara* (misturado ao espanhol) e suas matérias apresentavam um forte tom patriótico, pois eram de propriedade do Estado e expressavam sua política.

O período pós-guerra da imprensa paraguaia foi marcado pelo surgimento de alguns jornais que expressavam a genuína intenção das elites políticas construir as bases de uma República, como afirma Bosio (2008), estudando as características básicas da imprensa desse período:

[...] Dieron así origen a una fuerte campaña de orientación nacional. La prensa se hace sentir en todos los órdenes de la vida de la nación, fiscalizando e interviniendo en todas las actividades, orientando a la opinión pública. Basicamente, toda la prensa presentará un corpus de ideas liberales, sustentado por un eje temático vinculado a la jerarquización e inclusión al ejercicio de la soberanía popular [...] (BOSIO, 2008, p. 117).

Alguns jornais deste período ilustravam o trabalho de jovens que haviam concluído os estudos em outros países e que voltavam para ajudar a reconstruir o país. Apesar da lei favorável à liberdade de expressão da imprensa, muitos jornais foram perseguidos e tiveram que ser fechados para logo reiniciar com outros nomes, além de enfrentarem ameaças de leis inconstitucionais e o assassinato de alguns jornalistas.

Durante o período da Guerra do Chaco, surgiram outros jornais de trincheira. Semelhantes aos da Guerra da Tríplice Aliança, apresentavam como característica o uso do humor.

A liberdade de imprensa é novamente ameaçada com a chegada ao poder do presidente general Alfredo Stroessner. Esse presidente liderou um golpe militar,

entre 04 e 08 de maio de 1954. Apresenta-se como candidato único e é anunciado presidente em 15 de agosto do mesmo ano. Durante seu governo, a imprensa era controlada pelo Estado, porém, alguns setores de oposição como o empresarial também lançaram seus jornais (*ABC* e *Última Hora*), o que levou o general Stroessner a elaborar leis sancionadas na constituição de 1967, que asseguravam que a crítica às leis era livre, mas ninguém poderia desobedecê-las. Jornais como o *Última Hora* foram fechados.

O Jornal *ABC Color* surgiu em 1967 e se destaca pelo inovador sistema de impressão, muito moderno, pela utilização de impressão a frio, via fotografia *offset*²⁴. Pozzo (2007) destaca as vantagens que esse tipo de impressão trouxe no setor jornalístico:

[...] La introducción del offset por ABC Color no solamente significó una ventaja en el aspecto de la calidad de la impresión, sino también introduce una nueva propuesta en el campo de la diagramación, que se transfiere al texto periodístico (POZZO, 2007, p. 251-252).

Esse diário publicava 20 mil exemplares por dia e o uso das cores nas fotos acabou por revolucionar todo o sistema jornalístico do Paraguai. Além disso, esse jornal tinha uma seção específica destinada à atividade política. Segundo Bosio (2008) é o primeiro diário que não abraçou a causa partidária ou governamental. Porém, Pozzo (2007) nos mostra que mesmo dando abertura para os partidos existentes na época, ainda assim, quando se publicava alguma notícia de interesse nacional dava-se destaque para a figura do então presidente Stroessner. Esse jornal representava os interesses da classe empresarial, assim como o *Última Hora*.

O *Última Hora* surgiu como jornal independente, muito preocupado com a notícia, sem se importar com sanções que poderia sofrer por parte do governo. O grande destaque deste jornal é a cobertura no campo cultural, como aponta Bosio (2008). Este jornal é até hoje um jornal de referência no qual se emprega somente a língua espanhola.

Ha sido el único periódico em cubrir religiosamente los lanzamientos de libros en nuestro medio desde su fundación. Su 'Correo Semanal' contiene notas y artículos de renombrados intelectuales nacionales y extranjeros abordando temas variados, siempre actuales y relevantes (BOSIO, 2008, p.

²⁴ Técnica de impressão na qual o papel corre pela máquina. Ideal para grande quantidade de impressão. O termo é empregado para qualificar a modernidade do sistema empregado para a impressão do jornal.

243).

Ao longo da história do jornalismo no Paraguai podemos perceber que a elite, de uma forma ou de outra, seja pela elite governamental ou elite cultural, sempre esteve por trás das notícias.

Ao apresentar a gênese histórica dos jornais no Paraguai procuro identificar o papel do jornal em seus diferentes momentos. Além desse fato, procuro estabelecer uma delimitação daqueles que ajudariam no entendimento do uso do *jopara* no jornal *Diario Popular*. Com este mesmo intuito apresenta-se na sequência a análise do caderno policial *sucesos*.

4 O JOPARA: LÍNGUA DA PROXIMIDADE E DAS FORMAS DE CLASSIFICAÇÃO SOCIAIS NO CADERNO SUCESOS

Dentro do jornal, a seção crime ou policial é o espaço em que se desenvolverá a representação de parte importante do cotidiano de uma região determinada [...]

Antonio A Serra

4.1 O JOPARA NO CADERNO POLICIAL

Delimitado entre outros cadernos para a essa pesquisa, o caderno *sucesos* do jornal *Diario Popular*, dedicado às notícias cotidianas e às ocorrências policiais, é de edição diária. É um caderno que apresenta uma configuração editorial semelhante a outros jornais de circulação no Paraguai, como por exemplo, o jornal *Última Hora*. A diferença entre o DP (a partir de agora utilizaremos a sigla DP para *Diario Popular*) e o *Última Hora*, que também possui um caderno *sucesos* e expõe as notícias policiais, está no uso da linguagem, pois o DP utiliza palavras em guarani misturadas ao espanhol para a descrição das ocorrências policiais.

O caderno *sucesos* é composto por cinco páginas, no máximo, dependendo do número de matérias que compõem a edição. Na maioria dos exemplares, esse caderno é apresentado a partir da página dois, ou seja, logo no início. A grande maioria das fotos que ilustram o *sucesos* não é colorida. As matérias seguem um padrão de editorial: uma matéria de maior destaque, ocupando um espaço maior da página, e outras matérias menores. Todas as matérias apresentam um título e as de maior destaque apresentam um subtítulo. Os temas abordados, entre outros, giram em torno de crimes, desavenças entre familiares e vizinhos, ocorrências policiais nas ruas e nos bairros, não somente de Assunção, mas de algumas cidades do Paraguai. A língua *jopara*, por não ser normatizada, possibilita aos seus usuários a liberdade de misturar as línguas guarani e espanhol. No *jopara* apresentado no caderno *sucesos*, na redação de algumas matérias, os vocábulos em língua guarani são de menor número. A construção das frases é estruturada sintaticamente em língua espanhola, somente contando com algumas palavras em língua guarani. Ainda há matérias que são redigidas somente em língua espanhola e algumas destas são ilustradas com fotos. A capa tem fotos coloridas e as primeiras páginas

do caderno *sucesos* também são coloridas.

As fotos não têm um tamanho grande. São pequenas ou médias. Elas ilustram uma cena relacionada à matéria narrada. Mostram em sua grande maioria a imagem de algum *ñato*²⁵ preso pela polícia, por algum ato ilícito, ou mostram o corpo de alguém ferido por bala. As fotos trazem uma legenda com algum tipo de informação adicional. As legendas das fotos são redigidas em espanhol, algumas são em *jopara* e nelas estão indicadas quando as fotos são somente ilustrativas. Porém o que nos interessa para a análise são os usos da língua *jopara*, a qual está presente também nos títulos das matérias.

Os títulos das matérias são bastante atrativos. Indicam ao leitor o assunto que o corpo do texto irá tratar.

Menta` i umía ofaltapá ndaje²⁶

Fonte: Diario Popular, n. 5812, 02 jan. 2011, p. 7.

Este título indica uma matéria que tratará sobre o uso de uma planta *menta`i*. Um dos hábitos alimentares dos Paraguaiois é tomar *tereré*, uma bebida servida gelada em um copo de vidro com um preparo especial de erva-mate. Muitos acrescentam ao preparo outras ervas que, segundo eles, são medicinais e curativas, os *yuyos*. Os vendedores de ervas (*yuyos*) são os *yuyeros*. O título da matéria informa que a erva *menta* irá faltar. Se fizermos uma tradução direta somente dos termos do título escritos em guarani, teremos “mentas essas acabarão havia sido”, o que fica sem sentido em português brasileiro. O sufixo *pá* ao final da palavra falta (do verbo em espanhol *faltar*) significa totalmente, indica o modo como irão terminar as ervas.

O corpo da matéria mostra que, devido ao “fogo”, ou melhor, devido ao uso excessivo de bebida alcoólica nas fessas de final de ano, as ervas que ajudam na recuperação estavam prestes a acabar. O *yuyero* Antonio Agüero havia trazido muitos pedidos, mas estavam acabando. Ele fez o trajeto de sua casa até o *Mercado 4*, zona de comércio popular de Assunção, a pé, pois não haviam muitos ônibus.

²⁵ A tradução dessa palavra ao português indica homem suspeito por algum ato ilícito, marginal ou ladrão. O objetivo do emprego dessa palavra neste contexto é aproximar o leitor dessa dissertação ao ambiente retratado. O emprego dessa palavra é bastante recorrente, como veremos.

²⁶ *Menta* e outros remédios naturais acabam dessa forma (Tradução aproximada).

Ho`a “caballo loco”

Fonte: Diario Popular, n. 5908, 08 abr. 2011, p. 2.

O título dessa matéria utiliza em guarani o verbo *ho`a*, cuja tradução é cair. A expressão cair é muito usada no ambiente policial, tanto por envolvidos em crimes quanto por policiais, quando esses são entrevistados por jornalistas. Parece que a maioria dos leitores consegue entendê-la devido à popularização dos programas jornalísticos e das matérias sobre ocorrências criminais. Já “caballo loco” é o codinome de Jorge Centurión, um preso da polícia.

Perdón mamá, escribió ¡y se mató!
--

Fonte: Diario Popular, n. 5931, 02 mai. 2011, p. 3.

O título dessa matéria mostra que nem todos eles são escritos misturando-se o guarani e o espanhol, entretanto são poucos esses casos. Segundo o professor de guarani, David Galeano, o uso do guarani dá maior expressividade ao título ou ao texto. O corpo do texto da matéria do título acima relata um suicídio por motivos passionais, ocorrido em *Ciudad del Este*.

Como foi observado anteriormente, há matérias que não apresentam palavras em guarani e, como apontaram os dados, verificamos a presença de mais ou menos 20.461 palavras em guarani, sendo que, desse total, mais ou menos 10.443 foram localizadas no caderno *sucesos*, o que torna os textos que compõem esse *corpus* interessante, pois mostram que não há a obrigatoriedade do uso da língua guarani. Porém, os dados indicam que é o seu uso que chama a atenção do leitor como forma de estabelecer um vínculo de comunicação.

Intentó violar a <i>mitâkuña</i>

Caacupe (Rubén Darío Báez). Marcos Escobar Olmedo de 24 años, domiciliado em el kilómetro 21 de la Ruta 2, zona de Capiatá, supuestamente intento abusar de M.B.R.S (20), com síndrome de down, vecina del barrio San Blas de esta ciudad, donde ocurrió el hecho <i>kuehe</i> a eso de las 14:30, según los <i>caquis</i> . mm/cs ²⁷
--

²⁷ Tentou violar uma jovem. Marcos Escobar Olmedo de 24 anos, domiciliado no kilometro 21 da rodovia 2, zona de Capiatá, supostamente tentou abusar de M.B.R.S (20), com síndrome de down, vizinha do bairro San Blas dessa cidade, onde ocorreu o feito ontem por volta das 14:30, segundo os policiais. - tradução aproximada.

Fonte: Diário Popular, n. 5880, 11 mar. 2011, p. 3.

No título percebemos o uso de uma palavra em guarani, *mitâkuña*, significa menina. O corpo do texto é redigido em sua grande maioria em espanhol. Somente algumas palavras aparecem em guarani. *Kuehe*, significa ontem e a palavra *caquis* significa policial, pois é a cor dos uniformes dos policiais.

Segundo o professor de guarani, David Galeano, o jornal DP tem uma forma própria de redação do *jopara*, pois pode indicar que o redator, de forma consciente, demonstra falta de conhecimento de regras de estrutura gramatical para o uso do guarani misturado ao espanhol. Essa característica marca a intenção de aproximação com a língua falada em contextos informais, o que por sua vez é também característica do *jopara*.

Dos vocábulos em guarani, que compõem a redação das matérias, alguns são utilizados com certa frequência. Analiso os que mais são empregados, organizando-os separados por palavras que descrevem e ordenam as relações entre pessoas, ações e objetos.

4.1.1 Yiyis e Lékas nas páginas policiais

A análise parte do pressuposto de que ações que envolvem a comunicação são relações de forças simbólicas e o sentido do discurso reside no poder e na posição do interlocutor na estrutura social, o que lhe confere mais ou menos capital simbólico. Nesse contexto, essas relações são observadas segundo a forma de exposição das matérias, o poder da mídia e a atuação do jornalista responsável por essas matérias.

No corpus analisado, como mencionei, as matérias são redigidas em espanhol com alguns empréstimos do guarani. A grande maioria das matérias escritas em *jopara* apresenta a estrutura linguística da língua espanhola com a presença de vocábulos em língua guarani, os quais são empregados com bastante frequência, estabelecendo uma espécie de padrão. Esse padrão não é estabelecido de forma arbitrária, como se os jornalistas vivessem em laboratório, mas pelo contrário, as palavras e expressões em guarani misturadas à língua espanhola são reflexo da vida em sociedade, da qual tanto jornalistas quanto leitores fazem parte.

São trocas por meio das quais este segmento midiático, ao mesmo tempo que se aproxima do universo do seu leitor, também o classifica.

Os jornalistas são profissionais formados, em sua grande maioria, em instituições universitárias. O jornalismo “sério” busca a legitimidade através de reportagens imparciais e redigidas segundo a norma culta de uma língua. O jornalismo popular rompe com essa tradição e alcança um estilo editorial diferenciado. Um redator em um jornal popular tem como objetivo, obedecendo ao estilo do jornal, chegar ao público leitor.

Nos dados analisados, observamos que as palavras em guarani, utilizadas para descrever as pessoas, suas ações e possíveis objetos utilizados por elas nessas ações, são feitas em guarani. Bourdieu afirma que as palavras descrevem e prescrevem, elas têm capacidade de “produzir ou reforçar simbolicamente a tendência sistemática para privilegiar certos aspectos do real e ignorar outros” (BOURDIEU, 1996, p. 125). Esse mesmo autor ainda dirá que a distinção social é uma forma de instituir alguém em uma identidade social, notificando-lhe publicamente o que ele deve ser. Esse pressuposto é o que parece ordenar o uso de vocábulos em língua guarani, empregados pelos jornalistas do DP no caderno policial.

Historicamente, observamos que a língua guarani, língua do índio, foi a língua da redução jesuítica, porém não era a língua da administração, da política e da corte. No entanto, na formação da sociedade paraguaia o lugar dessa língua sempre esteve associado a aspectos de sentimento patriótico e de pertencimento, ao mesmo tempo em que seu uso, de forma geral, remete ao índio, o qual teve sua imagem construída como inferior e inculta. Ter essa noção contribui para uma visão mais ampla sobre a língua jopara, de forma geral, e mais especificamente a empregada nas redações das reportagens analisadas.

Nesta análise priorizam-se os vocábulos em guarani que mais aparecem nas matérias, mas também analiso neologismos (a palavra *yiyi*) e expressões em língua espanhola que não seguem a norma culta (ao final deste capítulo), visto que o *jopara* é uma língua de tradição oral, misturada, sem padrões estabelecidos para o uso.

Começamos pelas palavras em guarani empregadas na redação das reportagens que descrevem e ordenam pessoas, isto é, classificam pessoas, conforme quadro abaixo:

Quadro 2 – Descrição de pessoas

Vocábulo	Tradução
michimi	menino
pyahu	jovem
chongo	macho
ñambo	sujeito
ñato	marginal
iyi	menina
mena	marido
léka	senhor
karai	senhor
ka'ú	bêbado
tatácho	bêbado
péndex	garoto
mitákuña	menina
yuyero	vendedor de ervas
tuchaitére	bêbado
kuñakarai	senhora
mondaha	marginal
rapai	brasileiro
kurepi	argentino

Fonte: O autor.

Esse quadro é uma síntese do que foi colhido no *corpus* e serve como base para a análise das matérias, onde alguns desses vocábulos foram empregados, sendo eles os mais empregados na redação das matérias.

¿Yiyi le saca sueldo a léka?
Luque (corresponsal) La peluquera Juliana Añazco (28) denunció en el juzgado a Fabiana Raquel Medina, 30 años, empleada. Dice que lãs 06:00 de ayer atropelló su domicilio, gritándole calumnias y que ella es amante de su padre, um jubilado de 68 años, a quien supuestamente le saca todo su sueldo ²⁸ .

Fonte: Diario Popular, n. 5824, 14 jan. 2011, p. 3.

²⁸ Menina tira o salário de senhor? A cabeleireira Juliana Añazco (28) denunciou em juízo a Fabiana Raquel Medina, 30 anos, empregada. Disse que às 6:00 de ontem entrou em seu domicilio, gritando a ela calúnias e que ela é amante de seu pai, um aposentado de 68 anos, a quem supostamente tira todo o salário.

iProstíbulo asaltado en el Este

[...] Uno de los delincuentes primeramente pidió los servicios de una de las mujeres. El tipo luego de quince minutos salió de la habitación y saco un arma de fuego con el que encañó las mujeres indefensas. essas fueron sometidas al *ñemoperô*. Previamente, las *yiyis* manifestaron que no tenían dinero en el lugar [...] ²⁹.

Fonte Diario Popular, n. 5825, 15 jan. 2011, p. 2.

Na primeira matéria, verificamos que a palavra *yiyi*, um neologismo, é utilizada no título da matéria para referir-se à empregada Fabiana Medina. O termo empregado atribui à moça certas características que, após a leitura da matéria, induz à ideia que se tem da empregada, de que ela é uma aproveitadora. Há uma carga negativa na descrição, atribuindo-lhe uma categoria social, pois ela passa a ser a *yiyi*.

Na segunda matéria, o uso da expressão *yiyi* é diferente, pois ao ler a notícia percebe-se que em alguns momentos as moças descritas são prostitutas e em outros são mulheres indefesas.

A palavra *yiyi* é um neologismo, sendo ela uma das mais empregadas na descrição de fatos que envolvem mulheres em atos de violência, sexo ou crime. As *yiyis* são as moças apresentadas nas reportagens que, com bastante frequência, estão em garupas de motos, são baleadas, envolvidas com homens mais velhos ou são o pivô da separação de um casal. Há outros termos para referir-se a uma menina ou garota, como por exemplo, *mitâkuña* em guarani ou *chica* em espanhol.

É interessante ressaltar que em outros cadernos do jornal DP o termo *yiyi* não é empregado. Para referir-se às modelos que ilustram as capas e os cadernos especiais são empregadas palavras como: *top*, *bella*, *chica*, entre outras.

O que analiso no DP não são as palavras isoladas, mas como elas estão presentes nas narrativas dos acontecimentos (*sucesos*). As palavras *yiyi* e *léka* estão associadas a um universo específico retratado nesse caderno, ou pelo menos, é dessa maneira que ele é exposto na redação do jornal. Não está em julgamento aqui se esses usos de palavras em guarani para se referir a um cotidiano de conflitos e violência restringe o *jopara* a essas situações. Como mostramos antes, o

²⁹ Prostíbulo assaltado no Oeste. Um dos delinquentes primeiramente pediu os serviços de uma das mulheres. O tipo depois de quinze minutos saiu do quarto e tirou a arma de fogo com a qual ameaçou as mulheres indefesas. essas foram submetidas ao roubo. Previamente as moças manifestaram que não tinham dinheiro no lugar [...].

jopara está presente na vida cotidiana de todos os grupos sociais do Paraguai. A diferença é que, sob a forma escrita, e aparece mais da metade das vezes no caderno *sucesos*, ao contrario dos outros cadernos do DP e de outros jornais do Paraguai, cujas publicações se dão em um único idioma, no caso o espanhol.

A palavra *yiyi* também é associada à moça vítima de abuso sexual. Muitos são os fatos narrados nas matérias que contam casos de abuso sexual sofrido por alguma jovem, para identificá-la utilizam *yiyi*.

Abusan de *yiyi* y le pelan avei

Eusebio Ayala (corresponsal) Una *yiyi* que viajaba en un colectivo fue apretada con kyse por un arriero, quien la obligó a descender en una zona oscura. [...] ³⁰.

Fonte: Diario Popular, n. 5949, 20 mai. 2011, p. 6.

Ressalto que por trás das escolhas feitas pelo redator há o trabalho da imprensa, a qual tem o poder de nominar os personagens retratados atribuindo-lhes funções sociais. No momento em que a imprensa atribui a uma pessoa um nome, como *yiyi*, está atribuindo uma identidade ligada diretamente a fatores sociais, culturais e históricos, demarcando-a. *Yiyi* é uma palavra de origem desconhecida. Não é guarani, nem espanhol, nem português, mas uma das expressões que o redator faz uso no momento de compor a matéria, como parte da linguagem empregada pelo jornal e de seu perfil editorial. O termo *yiyi* implica em classificação social, pois, dependendo do contexto, há uma carga pejorativa, reforçando a linguagem coloquial, sem cuidado, atribuída à língua empregada no cotidiano. Os manuais de redação recomendam que o redator utilize termos neutros, que não indiquem julgamento de valor, o que não ocorre com os jornais populares, uma vez que o redator desse tipo de editorial tem noção exata de seus interlocutores, em outras palavras, os redatores do DP sabem a quem se dirigem atribuindo identidades culturais aos personagens apresentados.

Observa-se que o conceito de *habitus*, estabelecido por Bourdieu, abre espaço para uma reflexão sobre o uso mais expressivo do *jopara* no caderno policial *sucesos*, pois esse conceito produz disposições oriundas do percurso feito pelos indivíduos ao longo de suas vidas e tais disposições transmutam-se em ações. Sendo a linguagem ação e interação, um fenômeno social, revela as relações entre

³⁰Abusam de moça e roubam tudo também. Uma moça que andava em um ônibus foi ameaçada com uma faca por um homem, que a obrigou a descer em uma zona escura [...].

a língua, a ação verbal e o mundo do qual os indivíduos usuários dessa língua fazem parte. Dessa forma, sendo o jornal um espaço de representação social, o jornal Diário Popular, voltado para um público específico, utiliza uma língua que procura ser identificada a esse público. Trata-se também de uma estratégia de venda a redação do jornal nesta língua, uma vez que ela foge à ação padrão empregada no jornalismo de referência.

Se voltarmos à afirmação de um personagem no romance de Augusto Roa Bastos sobre o *jopara* como uma “horrenda forma de falar”, percebemos que essa língua tem pouco prestígio e socialmente é classificada como vulgar, de mau gosto. Essa afirmação, bem como o fato do jornal analisado empregá-la para estabelecer identidade com seu leitor, nos mostra que essas ações/percepções são fruto do *habitus*, uma vez que, socialmente a língua *jopara* é empregada em contextos informais, sendo seu uso, segundo essas visões (do próprio DP e pelo emprego na fala do personagem do romance *El Fiscal*) associado ao baixo nível intelectual.

Por outro lado, não são em todos os contextos que a palavra *yiyi* é empregada para referir-se à menina em situações ligadas ao crime e ao sexo, bem como às vítimas de estupro.

Otro ataque de las kuña'í a yiyi en ex Colegio Nacional³¹

Fonte: Diário Popular, n. 5950, 21 mai. 2011, p. 7.

Este é o título de uma matéria que conta a denúncia de um pai sobre maus tratos e perseguição sofridos por sua filha em um colégio. O emprego do termo *yiyi*, nesse caso, não está ligado às notícias do espaço público, ocorrências cujo registro é a rua ou do cotidiano de um grupo social, onde, segundo o que mostra o jornal, ocorrem os casos de violência, o indício do emprego do termo *yiyi*, além atribuir uma identidade, mostra que essa palavra, pelo uso recorrente, é importante para o jornalista na composição dos textos, sendo seu uso classificatório. Na situação em contexto, o objetivo da matéria revela a utilização do espaço midiático como um veículo também de denúncias.

Se *yiyi* é uma expressão com diversos significados para se referir à condição das mulheres, há outras palavras empregadas nas matérias para descrever as diferentes condições dos homens nesse universo, tais como: *ñato*, *karai* e *tatácho*,

³¹ Outro ataque de adolescentes a uma jovem em ex Colégio Nacional.

como veremos a seguir.

4.1.2 Un karai de 62 años

Algumas palavras são utilizadas para descrever os agentes do sexo masculino. Muitas matérias trazem os nomes das pessoas envolvidas e na sequência da narrativa do fato, no lugar do nome, são utilizados termos que os definem.

Em alguns casos, o termo *ñato* é empregado para designar o homem envolvido em algum tipo de confusão, já que, *ñato* significa suspeito.

[...] control de personas y vehículos efectuada por los polis de la zona sobre las principales calles lograron detener a dos ñatos, quienes tienen cuenta con la justicia.
[...]

Fonte: Diario Popular, n. 5907, 07 abri. 2011, p. 03.

A palavra *ñato* tem dentre seus significados: feio, perverso, suspeito. O sentido empregado na matéria indica alguém que praticou algum ato ilegal.

[...] tras haber cobrado su sueldo, cuando em una zona despoblada fue interceptado por dos ñatos, armados con revólveres, quienes le obligaron a detenerse [..]

Fonte: Diario Popular, n. 5912, 12 abr. 2011, p. 3.

A língua guarani guarda uma riqueza dramática e, como Gynan (1996) apontou, o guarani é uma língua do cotidiano, da expressão dos sentimentos, do amor e até mesmo do sarcasmo. Percebemos que na matéria o termo *ñato* adquire esse valor de expressão sentimental, uma vez que o termo em guarani indica claramente um sentimento de revolta quanto ao ato dos sujeitos. Porém, em sua dupla função de nomear e classificar, segundo os valores envolvidos no contexto da situação, a matéria coloca “dos *ñatos* armados com revólveres” em oposição a um “trabalhador” que acabava de receber seu salário. *Ñato* está associado a homens que roubam com violência.

[...] los supuestos autores que serían tres ñatos, quienes actuaron con brutalidade contra el prójimo. [...]

Fonte: Diario Popular, n. 5871, 02 mar. 2011, p. 02.

Nessa matéria, vemos mais claramente a associação direta da palavra *ñato* ao sujeito que comete algum tipo de crime, nesse caso específico, um crime com violência, sendo dessa forma, a palavra também associada a esse tipo de ato. O *ñato* é a pessoa que, além de ser do sexo masculino, pratica atos ilícitos e violentos. Como na matéria anterior, *ñato* é aquele que subjuga com violência o “próximo”. É o outro, violento e agressivo que não interage a não ser por meio da força. Diferentemente é o uso da palavra *karai*, também empregada na descrição de pessoas do sexo masculino, porém, usada para referir-se à vítima em situações de brigas e confrontos.

[...] Un karai llamado Alberto Andrada, casado de 62 años, estaba circulando en su Volkswagen, tipo gol, color azul y con chapa APY 711 [...] cuando el rodado comenzó a quemarse. [...]

Fonte: Diario Popular, n. 5872, 03 mar. 2011, p. 06.

A palavra *karai*, nesse contexto, significa senhor. Na reportagem a vemos empregada na função de descrição de um acontecimento registrado junto à polícia, sobre um carro que havia pegado fogo e na qual o homem descrito não está associado ao mundo do crime. A matéria traz os dados completos da vítima, um senhor (*karai*), que passeava com seu carro. É interessante notar que, apesar da idade do senhor, 62 anos, em nenhum momento se emprega a palavra *léka* (senhor), expressão também associada a homens que se envolvem com mulheres mais jovens ou em casos de adultério.

Na mesma edição do jornal, podemos verificar duas matérias que ilustram a diferença entre as palavras e seus contextos empregados.

[...] El caso de zoofilia (asuntea con animales), oiko en la granja de Edelira 28 y tiene a dos lékas de 53 y 85 años como protagonistas [...]

Fonte: Diario Popular, n. 5874, 05 mar. 2011, p. 07.

Karai atropelado

Ayer, en horas de la mañana, en una calle céntrica de Arroyos y Esteros, Arsenio Florentín fue atropelado [..]

Fonte: Diário Popular, n. 5874, 05 mar. 2011, p. 08.

Na primeira, matéria vemos o termo *léka* (senhor) empregado para descrever um ato sexual praticado com uma porca (zoofilia). Esse tipo de ato é visto como algo fora dos padrões. Os senhores (*lékas*) envolvidos no caso não são identificados e nem são tratados pelo nome, somente são tratados por *lékas*.

Na segunda matéria apresentada, vemos uma vítima de trânsito, um *karai* (senhor), Arsenio Florentín, foi atropelado. Neste caso a vítima é tratada pelo nome, os dados são precisos, não há ocultação do nome e tão pouco o homem é tratado por *léka*, mas por *karai*.

O termo *karai* aparece também no uso do discurso direto. Em algumas reportagens são utilizadas frases ditas pelos entrevistados. O termo *karai* aparece associado à figura de um político, advogado ou pessoa que ocupe cargo de destaque (observou-se o emprego - *he`i el karai ministro* – disse o senhor ministro). Verifica-se que, assim como o feminino, o masculino é nomeado com o uso de palavras em guarani. Cada palavra que nomeia o masculino guarda características relacionadas ao contexto, dentre esses contextos está o de homens que fazem uso de bebidas alcoólicas.

A palavra *tatácho* é bastante empregada nas narrativas encontradas nas páginas policiais. Os acontecimentos diários e as atividades do fim de semana são registradas nessas páginas, nas quais os casos de embriaguez são frequentes.

[...] El organizador de una fiesta bailable fue asesinado con machetillo porque no le permitió la entrada a dos tatáchos. [...]

Fonte: Diário Popular, n. 5912, 12 abr. 2011, p. 02.

Essa matéria mostra o emprego da palavra *tatáchos* (bêbados) para classificar o estado em que se encontravam os assassinos. Verifica-se que o uso dessa palavra está também associado ao ambiente violento. A palavra denota o uso exclusivo de nomeação para os homens em atitudes fora da lei ou que rompem com os padrões.

Além de *tatácho* também encontramos as palavras *tuchataire*, *tatáre* e *ka`u*, sinônimos para bêbado, empregadas na descrição de acontecimentos violentos.

Tátare le pego a su mami

Fonte: Diario Popular, n. 5914, 14 abr. 2011, p. 02.

Su hijo ka`u le garroteó

Fonte: Diario Popular, n. 5911, 11 abr. 2011, p. 06.

É interessante ressaltar que esses são os títulos das matérias. Os títulos das matérias tem o objetivo de despertar o interesse dos leitores, além é claro, de darem orientações sobre o conteúdo do texto. Nos casos analisados, as duas matérias mostram que os filhos alcoolizados atacaram suas mães. Amaral (2006), em suas pesquisas sobre o jornalismo popular, indica que o sensacionalismo está relacionado ao exagero e à valorização da emoção. Percebemos que há no título dessas matérias o uso da valorização da emoção. Sendo a língua guarani a língua que representa o cotidiano e estando ela presente em todos os grupos sociais, esses usos fazem dela um símbolo identitário. Mas, por outro lado, não vemos títulos ou matérias inteiras escritas somente em língua guarani, somente algumas palavras são escritas nesta língua, na maioria dos casos as que definem, qualificam, classificam e nomeiam pessoas ou o estado em que se encontram essas pessoas. Porém a língua *jopara* não é resultado apenas da mistura de guarani e espanhol, mas antes o que qualifica esta língua é sua liberdade expressiva. dessa forma o *jopara* empregado no caderno *sucesos* abre espaço para o uso de neologismos (*yiyi*), reduções de palavras em espanhol (*péndex*, *poli*, entre outras) e até mesmo palavras de origem portuguesa (*rapai*). Esses usos são traços distintivos entre o popular (*jopara*) e o erudito (espanhol e guarani).

4.1.3 *Un péndex rapai*

Algumas palavras empregadas no jornal DP não estão escritas em guarani. Verifica-se que o guarani empregado nas matérias não se trata de guarani padrão (standard), cujo domínio é restrito à parcelas minoritárias da população. Percebe-se que o guarani pré-hispânico, falado pelos índios antes da chegada do europeu transformou-se em múltiplos dialetos ao longo do tempo. O guarani falado no

Paraguai atualmente é fruto do guarani falado pelos índios e posteriormente do guarani missioneiro, porém, com graus de interferência do espanhol no guarani e também vemos a presença do português.

A fronteira entre Brasil e Paraguai abre espaço para as trocas linguísticas entre esses dois países, são exemplos dessas trocas palavras como: *rapai* e *chirú*. A palavra *rapai* é o termo empregado no Paraguai para designar brasileiro, porém este termo é empregado em contextos informais, do cotidiano. Em Foz do Iguaçu, cidade brasileira que faz fronteira com *Ciudad del Este*, cidade paraguaia, também emprega-se em contextos não formais a palavra *chirú* para referir-se ao paraguaio. A palavra *chirú* vem do guarani “*che iru*” que significa “meu amigo”. É empregada, muitas vezes no Brasil, com sentido pejorativo, podendo neste caso classificar ao paraguaio como pessoa inculta ou rude. Essas trocas ocorrem, dentre outros fatores, devido ao fluxo de brasileiros que moram no Paraguai e de paraguaios que moram no Brasil.

A palavra *rapai* é um exemplo de interferências ocorridas no guarani coloquial, e claro no *jopara*. O *jopara*, além do uso coloquial da palavra *rapai*, ainda admite o uso da palavra *péndex*, variação da palavra “*pendejo*” do espanhol, cuja tradução direta é pentelho. Pentelho e *péndex* são palavras empregadas, dependendo do contexto, para referir-se ao jovem, adolescente. Ambas palavras, em ambas as línguas aceitam este significado. As palavras *rapai* e *péndex* indicam as transformações das línguas, em especial o guarani e o *jopara*, uma vez estão sempre em mudança. Porém, da maneira como o DP aponta, essas palavras indicam que se trata da representação do cotidiano de uma parcela grande da população do Paraguai, que faz uso do *jopara* em seu dia a dia, em sua forma oral.

¡Hiriereon de un balazo a péndex!

Fonte: Diario Popular, n. 5885, 16 mar. 2011, p. 02.

No emprego da palavra *péndex* (jovem) neste título, nota-se que sua configuração indica a presença da oralidade na escrita, apontando para o seu uso em situações informais, pois há uma redução na palavra em relação à palavra original (*pendejo*) a qual certamente é empregada em situações de pouca formalidade. Além de *péndex*, o DP emprega outras palavras no diminutivo, tais como *mami* (*madre*, mãe) e *lelu* (celular) as quais apresento mais adiante. O que

quero dessacar, neste momento, é o uso dessa palavra com a intenção de classificação, nominação, de um agente, ou seja, o emprego dessa palavra e não de outra para descrever os sujeitos envolvidos nas ações. As palavras têm força representacional, simbólica, promovida por quem as emite.

O jornal DP é um espaço de representação coletiva, com força simbólica assim como são as igrejas, as escolas, as universidades, etc., entidades autorizadas ao uso da palavra, reconhecidas por um público que as autoriza. As palavras proferidas nesses ambientes, no sermão do padre, na fala do professor, ou nas matérias do jornal DP ganham força representativa. O jornal DP, ao empregar o termo *péndex*, tem como objetivo criar uma identidade com seu leitor, que se vê refletido no uso desse termo, uma vez que, como apontamos anteriormente, a palavra *pendejo* do espanhol emprega-se em situações de bastante informalidade, podendo ser ofensiva ou depreciativa. Quanto à palavra *rapai* (rapaz, do português) ela significa brasileiro, porém também encontramos o emprego do adjetivo pátrio brasileiro (*brasileiro*, em espanhol paraguaio) nas páginas do caderno *sucesos*.

Rapai ojejuka

[..] La Cría, 6º del Bº. Gral. Genes registró un homicidio con arma de fuego, ocurrió el martes a las 21:30. Jaci Carlos Saueressing, brasileiro de 60 años, natural de Horizontinha – RS Brasil [..]

Fonte: Diario Popular, n. 5830, 20 jan. 2011, p. 02.

Por outro lado, nessa matéria a palavra *rapai*, empregada no título, nos mostra que um brasileiro foi vítima de homicídio (*ojejuka*). O que trato de ressaltar ao analisar o emprego de *rapai* nesse contexto é que a palavra não assume um significado pejorativo e sim informativo, pois no corpo do texto são fornecidos os dados da vítima, dentre eles a nacionalidade, dessa vez escrita em espanhol (*brasileiro de 60 años*). Apesar desse fato o uso da palavra não deixa de ser classificatório pois quem cometeu o ato de suicídio foi um brasileiro.

Os textos em geral, bem como jornalístico seguem um padrão de escrita, segundo o qual alguns termos são substituídos por pronomes, substantivos e adjetivos, os quais têm a função de dar ao texto coesão e clareza. O jornalista segue o padrão editorial do jornal, com vistas ao emprego de uma linguagem que chegue ao seu público. O jornal DP segue o padrão popular de adequação da linguagem ao estereótipo do leitor de um jornal popular.

Asaltaron a Rapai

[...] Tomás Chileno Miamura, un rapai de 20 años, iba caminando a su domicilio ndaje el sábado pyhare, por el kilometro 18 de la Ruta 2, cuando fue interceptado por un sujeto de arma blanca en mano [...].
--

Fonte: Diario Popular, n. 5827, 17 janr. 2011, p. 03.

Nessa notícia, tanto no título quanto no texto, encontramos a palavra *rapai*. Verificamos que o brasileiro descrito mora no Paraguai, situação comum nessa região de fronteira. O *jopara* em comparação com o guarani culto (guaraniete)³² é considerado “errado”, pois se afasta do padrão, sendo empregado na fala cotidiana e em sua forma escrita está relacionado à uma literatura popular. Através de entrevistas informais com paraguaios, através de leituras e pelo aporte teórico apresentado notei que os paraguaios, de forma geral, consideram o *jopara* uma forma “errada” de falar o guarani. O *jopara*, por sua liberdade expressiva, admite a interferência do espanhol e até do português. Na matéria analisada, percebemos que o brasileiro identificado é morador do Paraguai, o que indica a possibilidade do emprego do termo *rapai* para nomeá-lo. Quem escreve um texto o escreve para alguém, como afirmamos anteriormente, os jornalistas têm em mente um possível leitor, portanto, o brasileiro descrito não é um sujeito que está de passagem e sim um *rapai* que vive no Paraguai. A palavra *rapai*, assim como *chirú* são nomações que indicam a nacionalidade dos sujeitos, sendo ambas empregadas, com muita frequência, com intenção de menosprezo, tanto da palavra *chirú* empregada no Brasil para referir-se ao paraguaio quanto *rapai* no Paraguai para o brasileiro. Na matéria analisada, percebe-se que o *rapai* descrito é vítima de assalto, não tendo esta palavra a intenção de menosprezar ou indicar posição inferior em relação ao brasileiro retratado, mas antes a palavra indica a oposição ao emprego formal de *brasileiro* (em espanhol) reafirmando a concepção editorial do jornal, classificando-os como popular, ao jornal e ao leitor.

Além das palavras que descrevem pessoas, também, encontramos nas páginas do DP palavras que descrevem ações e objetos.

³² Guaraniete significa guarani puro ou acadêmico. O termo foi empregado no capítulo II quando tratei das línguas do Paraguai.

4.2 TENÍA KYSE EN MANO

As matérias que compõem o corpus empregam nas construções de frases e períodos um número pouco variável de palavras, havendo a repetição das mesmas palavras, frases ou expressões em *jopara*.

Dentre essas palavras e expressões encontramos algumas que descrevem ações, ou seja, em sua maioria verbos, os quais os redatores utilizam para narrar os fatos. Há também a presença de palavras que indicam os objetos utilizados nas ações. Em se tratando do caderno que registra os crimes, o uso da palavra *kyse* (faca) é bastante justificável. Esta e outras palavras são empregadas nos textos, como se pode observar no quadro.

Quadro 3 – Descrição de ações e objetos

Vocábulo	Tradução
kañyhapete	as escondidas
ndé `ava	exagerar
oiko	ocorreu
ñembuepoti	briga
jekái	queimadura
Ñemboi cállepe	ficar sem roupa na rua
Ho`a	caiu
oike	entrar
Oiko vai	brigaram
ipochy	Aborrecer-se
omano	morrer
ojepilla	foi descoberto
amóntema	já foi
oje`e	comenta-se
opyta	parado
yvýrupi	A pé
mba`yru	veículo
kyse	faca

Fonte: O autor.

As palavras empregadas nesse grupo, em sua grande maioria, representam as ações narradas nas matérias. Como afirmei anteriormente, as matérias são curtas e a linguagem é objetiva, procurando “imitar” a língua falada nas ruas, portanto, como se trata de língua que mistura o espanhol e o guarani, sendo o guarani empregado para representar as ações e os objetos utilizados pelos personagens retratados nessas ações, esses fatores possibilitam uma discussão sobre o uso da língua guarani com esse propósito. Essa discussão pretende levar a uma reflexão sobre as línguas guarani e espanhol em seus aspectos culturais, históricos e sociais, uma vez que o *jopara* analisado no jornal é fruto da mistura entre elas.

Opyta yvýrupi
Encarnación Un vendedor quedo yvýrupi, luego que malandros le robaron su motocicleta mientras ingresó a un negocio para levantar pedidos de mercaderías. El ñemonda se produjo jueves ka'aru, frente al local comercial “San Roque” y resulto víctima Julian Fernando Aca (24), domiciliado en el barrio Santa Maria de esta ciudad. El muchacho he`i que dejó estacionada su moto marca Star 125cc frente al negocio donde entró sapy`ami, pero al salir ya no encontro más su mba`yru. ³³

Fonte: Diario Popular, n. 5908, 08 abr. 2011, p. 8.

A palavra *yvýrupi* pode ser traduzida por sem terra, porém, na matéria o que se observa- é que este significado inicial é adaptado ao contexto. Na frase *Un vendedor quedó yvýrupi*, entendemos que ele ficou “a pé”, pois na sequência este significado faz mais sentido do que o significado literal: sem terra.

É interessante observar que há uma adaptação das palavras, ou como diria Dias (2008), uma *deformação* dos significados. Claro que o uso dessa palavra não é uma invenção do jornal, é própria do *jopara*, língua esta com contornos livres de expressão, ou seja não padronizada. Essa matéria nos dá condições de análise de uma realidade linguística paraguaia, ou seja, um país com duas línguas oficiais, sendo uma delas o guarani, o qual sobrevive até os dias atuais.

Em muitos países da América, as línguas autóctones praticamente

³³ Um vendedor ficou a pé logo que os ladrões roubaram sua motocicleta enquanto entrou em um estabelecimento para fazer pedidos de mercadorias. O roubo aconteceu na quinta-feira à tarde, em frente ao local comercial “São Roque” e resultou vítima Julian Fernando Aca (24), domiciliado no bairro Santa Maria dessa cidade. O rapaz disse que deixou estacionada sua moto da marca Star 125 cc em frente ao negócio onde entrou um momento, mas ao sair já não encontrou mais seu veículo.

desapareceram, sendo incorporadas às línguas europeias. No caso do Brasil, temos algumas palavras de origem das línguas indígenas. No caso do Paraguai, devido aos aspectos históricos, desde o início da formação da sociedade paraguaia, o elevado número de falantes e mais tarde a criação das Reduções Jesuíticas, o guarani passou a ser língua empregada na evangelização e educação. A língua guarani vem sofrendo interferências da língua espanhola durante esse processo de formação histórica, mas ela sobrevive, em grande parte devido às políticas públicas favoráveis a sua manutenção, para fortalecer a formação da nação, e devido às estratégias de guerras, que a usou como uma língua de comunicação entre os combatentes e de segredo diante do inimigo. Por esses motivos, a língua guarani foi elevada à símbolo nacional, símbolo de resistência anticolonialista. Durante a guerra era empregada na instrução dos soldados, comunicados e pequenas obras literárias.

Depois da criação das Reduções, a educação formal passou a ser feita em língua espanhola, pois, como vimos, a língua espanhola era a língua empregada em documentos oficiais, além de ser a língua de comunicação internacional e também a empregada na educação. Os resultados negativos das guerras foi ter a população masculina quase dizimada, restando mulheres e crianças, sendo essas em sua maioria analfabetas e pobres. A língua guarani passou a ser associada à pobreza, ao pouco desenvolvimento, mesmo sendo a língua da grande maioria.

A língua guarani, além de estar referida a essas condições históricas, sendo uma língua de resistência, é também a língua de casa, do espaço íntimo e privado, uma vez que na escola e em comunicações oficiais, meios de comunicação em geral, sempre se empregou o espanhol. A língua guarani falada pelas comunidades indígenas sofreu e vem sofrendo alterações e interferências do espanhol, por isso, a impossibilidade em encontrar uma língua guarani pura. A palavra *yvýrupi* empregada na matéria é exemplo dessas transformações pelas quais a língua passou, bem como a construção inteira do texto, evidenciando o *jopara* como resultado desse processo.

A língua de acesso à educação é ainda o espanhol, porém, a grande maioria das pessoas fala guarani, sendo que nas áreas rurais, fala-se quase que exclusivamente o guarani, apesar dos esforços em dar ao guarani um *status* equivalente ao espanhol. Segundo Garvin e Mathiot (1974), desde a década de 50 há um processo de transformação do guarani em língua padrão devido aos fatores de identificação da população com a língua, de prestígio que ela ocupa no meio acadêmico e fora dele devido aos fatos históricos que apontamos (símbolo nacional

e dos sentimentos de pertencimento), além de ser unificadora. Porém leva tempo para que isto ocorra de forma plena, visto que muitos alunos falam o guarani em casa e quando chegam à escola são alfabetizados em espanhol.

Os aspectos apontados indicam que a língua guarani em sua forma “pura”, ou seja, não misturada ao espanhol, está mais próxima de uma língua padrão, como o espanhol, o que lhe confere maior *status*, porém em *jopara*, ainda vemos o uso do guarani em maior escala no emprego de palavras que representam ações, as quais muitas vezes estão associadas ao mundo do crime.

Ho`a kurepa

Fonte: Diario Popular, n. 5942, 15 mai. 2011, p. 03.

Un léka omano atropelado³⁴

Fonte: Diario Popular, n. 5942, 15 mai. 2011, p. 02.

Nos títulos dessas matérias encontramos as palavras *ho`a*, que significa cair, e *omano* que significa morrer. No primeiro título vemos *ho`a kurepa*. O verbo cair nesta matéria ganha um sentido muito específico, associado ao mundo do crime e à linguagem policial, pois cair, nesse caso, indica ser preso, ou falhar diante de alguma ação e ser preso por policiais. A tradução do título é: caiu argentino. A construção da frase afasta o significado inicial do verbo cair, associado à queda de algum objeto ou pessoa, e o liga a uma ação policial. É interessante notar a palavra *kurepa*³⁵ em guarani significa porco, segundo algumas fontes a associação de *kurepi* ou *kurepa* aos indivíduos de origem argentina se dá do período da guerra, pois os argentinos eram brancos como um *curepire*, ou seja, como a pele branca do porco.

Em *un léka omano*, vemos a presença da palavra *omano*. A matéria trata de um senhor que morreu atropelado por um motoqueiro. O emprego da palavra aparece somente no título, não sendo usada no corpo do texto. Os títulos são formas de atrair a atenção do leitor, como já mencionei. Também como já apontei, as fórmulas de escrita, construção de frases e emprego de palavras, seguem uma espécie de padrão, vejamos:

³⁴ Um senhor morreu atropelado.

³⁵ *Kurepa* é uma adaptação da palavra *kurepi*, cuja tradução é porco.

[...] El hecho oiko en la madrugada de ayer en el barrio Toledo Cañada [...]

Fonte: Diario Popular, n. 5938, 09 mai. 2011, p. 06.

[...] El hecho oiko el sábado, a eso de las 20:30, sobre la calle Avelino Martínez y Emiliano R. Fernández [...]

Fonte: Diario Popular, 5938, 09 mai. 2011, p. 06.

Nesses dois trechos de reportagens destaco o emprego da palavra *oiko*, que significa ocorreu. As duas matérias estão na mesma página do jornal, ou seja, trata-se de uma palavra bastante recorrente. Em várias matérias vemos o emprego dessa palavra, porém, não a vemos empregada em outros cadernos com frequência. Verifica-se também que ela é empregada no mesmo tipo de construção da frase e em sua grande maioria de vezes na indicação do local de algum tipo de delito.

A linguagem empregada no caderno policial *sucesos* é bastante livre e expressiva, do ponto de vista comunicacional, pois ao usar o *jopara* o redator tem a possibilidade de empregar termos em guarani misturados a outros em espanhol, mostrando sua habilidade na construção do texto.

Ojepillá robamoto

[...] La poli descubrió infraganti a un robamoto que estaba manipulando una motocicleta como para hacer arrancar, com una llave de vivienda. [...]

Fonte: Diario Popular, n. 5823, 13 jan. 2011, p. 06.

No título dessa matéria o emprego da palavra *ojepillá* (foi descoberto) vem seguido por um termo em espanhol, o neologismo *robamoto*, um substantivo, formado pela aglutinação das palavras *roba* e *moto*. A liberdade na escrita aproxima a linguagem empregada nas matérias à linguagem oral, sem compromisso com as normas gramaticais de escrita e sim com o objetivo comunicativo. O termo *ojepillá* empregado no título faz referência a um vocabulário empregado em matérias policiais, bem como à palavra *kyse* (faca).

Acuchillan a una mitâkuña

Una mitâkuña recibió una herida de kyse em partes de su cuerpo. [...]

Fonte: Diário Popular, n. 5822, 12 jan. 2011, p. 03.

¡Le cortó al cuello a su ex mujer!
[...] el infeliz le sacó a punta de kyse, [...]

Fonte: Diário Popular, n. 5821, 11 jan. 2011, p. 02.

Nota-se que a palavra *kyse* (faca) é bastante empregada, visto que, os dois trechos apresentados são de edições publicadas com diferença de um dia. Segundo Serra (1980), as páginas policiais são o espaço do jornal onde encontraremos expostos, em forma de texto, do cotidiano de uma parcela da população que não encontraremos em outras seções dos jornais. Nessas páginas encontraremos personagens marginalizados como travestis, prostitutas, assaltantes, traficantes, desonestos, ao mesmo tempo desviantes sociais e legais. Neste espaço encontraremos as descrições de crimes e veremos como personagens centrais, dando visibilidade, a esses grupos sociais. Com relação ao emprego da palavra *kyse*, verifica-se que, por ser uma arma, seu uso é bastante recorrente, visto que é empregada na descrição das ações.

Na primeira matéria, no título, são utilizados o verbo *acuchillar* e *mitâkuña*. *Acuchillar* (de *cuchillo* – faca), ou seja, a ação de esfaquear, *mitâkuña* (mulher jovem). No corpo do texto verificamos o emprego de *kyse* (faca), a arma empregada na ação. Interessante observar que vemos o empregado do verbo *achuchillar* em espanhol, porém, no texto da matéria emprega-se a palavra *kyse* e não a palavra *cuchillo* (em espanhol). Na segunda matéria, os personagens principais, ex-marido e ex-mulher, estão envolvidos em um caso de homicídio, tendo como arma uma faca (*kyse*).

Pretendo destacar, uma vez mais, a escolha das palavras pelo redator, cuja ação não é algo independente da sua vontade e sim fruto do *habitus*, um esquema de conduta de comportamento, na qual as ações são estruturadas (no contexto social) e estruturantes (na mente do redator e leitor, a partir de seu contexto sociocultural). Cada palavra empregada no texto, em especial as palavras em guarani, pelo que observamos, são aquelas que estabelecem um elo de ligação com o universo narrado, ou melhor, aquelas que tentam expressar o contexto. No caso do uso de *kyse*, ao invés de *cuchillo*, percebemos que a palavra em guarani misturada a outras palavras em espanhol, pelo uso constante nas matérias, aproxima o jornal à situação narrada, porém ao mesmo tempo, estabelece uma espécie de barreira

social. Aproxima-se de seu leitor através de alguns elementos, fotos, assunto abordado e principalmente pelo uso da língua *jopara*, mas ao assumir essa postura editorial, o jornal se afasta do padrão estabelecido pelo campo jornalístico, tornando-se um veículo com fins específicos, destinado a um público específico. A barreira social a que me refiro, está de acordo com este pressuposto, pois ao representar seu leitor pelo uso do *jopara*, o jornal expõe sua maneira de ser, também especificando-o e distinguindo-o de outros leitores. Além disso, o jornal reafirma representações, categorias e conflitos desse grupo social.

Na sequência analisarei as palavras que, conforme levantamento de dados, são as que mais se repetem nos textos que compõem o *corpus*. Essas palavras são recursos textuais, empregadas nas redações jornalísticas após uma citação direta ou indireta. São elas: *he`i* (ele(a) disse) ou seu sinônimo *omombe`u* (ele(a) disse). Além dessas, ainda trabalharei com as “muletas linguísticas”, palavras que auxiliam na coesão do texto, ligando as frases, sendo elas: *ndaje* (dessa forma), *avei* (também), *upépe* (ali), *ra` e* (por isso).

4.3 HE`I EL KARAI A LA POLICIA

Dias (2008), ao analisar um jornal popular, verificou que a linguagem empregada se aproxima mais da oralidade em comparação com outros jornais. Uma possível explicação para isso é a possibilidade de tornar sua leitura uma continuação da conversação do dia a dia. O jornal é composto por diferentes tipos de textos, tais como o jornalístico, o qual guarda características próprias, tais como: o uso de frases curtas, emprego de palavras simples, redação objetiva e não subjetiva, entre outras. Uma das características que ressalto é o emprego de verbos declarativos, tais como *dizer*.

Tanto em jornais de referência como em jornais populares o emprego do verbo declarativo *dizer* é um recurso empregado na construção de textos jornalísticos, uma vez que esses verbos são empregados para apresentar a fala dos personagens envolvidos nas narrativas jornalísticas, o que dá maior credibilidade à notícia.

O jornal DP emprega com muita frequência esse recurso redacional. Dentre as palavras e frases analisadas, a que mais se repete é certamente o verbo *he`i* (ele(a) disse).

[...] “Encima vino a llover y se llenó todito outra vez”, he`i el karai.[...]

Fonte: Diario Popular, n. 5817, 07 jan. 2011, p. 08.

[...] porque no nos hace caso y los policias de la Comisaría 23 se burlaron de nosotros, solo pedimos justicia para él”, he`i tasesorópe la doñita. [...] ³⁶

Fonte: Diario Popular, n. 5935, 06 mai. 2011, p. 02.

Esses dois trechos de matérias mostram o uso frequente do verbo dizer (*he`i*) na construção dos textos. Na primeira matéria vemos que o verbo é empregado ao final da fala do senhor (*karai*) exposto na narrativa. Esse recurso, além de dar credibilidade, também funciona como elemento que estabelece uma cumplicidade com o leitor, uma vez que dá voz aos agentes. Uma das preocupações do jornalismo é a isenção na notícia, o trabalho do jornalista é escutar e dar voz a ambas as partes envolvidas nos acontecimentos. O que ocorre com os jornais populares, principalmente o caderno policial, é que a notícia é singularizada e pessoal. O emprego de *he`i* (ele (a) disse) com frequência nos mostra essa singularização, ou seja, há a valorização da situação local e próxima, com também valorização do sentimento e da subjetividade.

Nessas duas matérias analisadas verifica-se que *he`i* é empregado após a fala dos personagens, porém, na segunda matéria, além desse verbo, vemos que há a descrição do estado emocional da entrevistada, pelo uso da palavra *tasesorópe* (chorando muito) e o emprego do diminutivo (*doñita*). Esta é outra característica dos jornais populares e da singularização da matéria, pois são exploradas as sensações.

Segundo Amaral (2006), em jornais populares o mundo é percebido de forma personalizada. Dias (2008) observa que o aspecto singular percebe-se na linguagem, na narrativa, a qual ganha contornos de história real contada oralmente. O emprego dos diminutivos nas duas matérias analisadas comprova o que as autoras afirmam. Na primeira matéria indico que isso ocorre na fala do senhor (*karai*) quando este afirma: “*vino a llover y se llenó todito outra vez*” (veio a chover e se encheu tudinho outra vez), e o emprego de *todito* (tudinho) são exemplos de linguagem personalizada e oral, pois é carregada de elementos subjetivos. Na segunda matéria vemos o emprego de *doñita* (senhorinha) também com essas mesmas características.

³⁶ Porque não nos faz caso e os policiais da Delegacia 23 zombam de nós, só pedimos justiça para ele, disse chorando muito a senhorinha.

No emprego de *he`i* e *omombe`u* (ele(a) disse) abre-se espaço no texto para a fala dos personagens retratados nas narrativas, portanto possibilitam a discussão do uso do *jopara*, uma vez que a língua *jopara* é essencialmente associada à mistura de línguas e ao uso coloquial, possibilitando analisar não somente os termos empregados em guarani, mas também em espanhol.

Lugo he`i que hay que romper con la diferencia social

Fonte: Diario Popular, n. 5818, 08 jan. 2011, p. 05. Locales.

Nessa matéria observa-se que o verbo *he`i* também é empregado em outros cadernos e páginas do jornal DP, como no caderno *locales*, voltado para assuntos de política. O uso dessa palavra mostra o estilo do jornal, marcado pelo emprego da língua *jopara* em diferentes contextos. Reitero que a análise recai sobre o caderno *sucesos*, pois é onde há o uso mais acentuado, porém acho válido, não com o objetivo de comparação, mas sim com o de constatação, apontar que as palavras *omombe`u* e *he`i* são empregadas ao longo do jornal.

[...] Según omombe`u el propietario del local, Luis Coronel (37) [...]

Fonte: Diario Popular, n. 5816, 06 jan. 2011, p. 02.

O uso de *omombe`u*, por ser sinônimo de *he`i*, ou seja, verbo que indica a fala dos agentes, funciona como “muleta” na estrutura de textos jornalísticos, sendo que em jornais de referência, emprega-se somente a língua espanhola. Além desses verbos, encontramos com muita frequência a palavra *ndaje* (dessa forma), *avei* (também), *upépe* (ali) e *ra`e* (por isso, dessa maneira), em todos os cadernos do jornal.

[...] Upépe ndaje se bajo del rodado y le pateó vaipaite porque la acusó de ponerse en su camino ra`e³⁷.

Fonte: Diario Popular, n. 5849, 08 fev. 2011, p. 06.

O texto jornalístico pode ser bastante padronizado pelo uso de fórmulas (palavras, expressões) empregadas na sua construção. Os manuais de escrita jornalística massificam a escrita, sendo que, entre essas fórmulas, percebe-se o

³⁷ Ali spostamente saiu do automóvel e lhe atacou com violência porque a acusou de se colocar em seu caminho, dessa maneira.

emprego das palavras presentes na matéria analisada. O DP, por sua vez, não foge ao padrão de construção do texto jornalístico, apenas, de forma proposital, substitui algumas expressões por palavras em guarani. A linguagem empregada, seguramente, também foge ao padrão “sério”, pois nessa matéria vemos o emprego do verbo em espanhol *pateó*, ou seja, deferiu um golpe com os pés de forma nociva (*vaipaité*). *Patear* é um verbo que se costuma empregar em contextos informais de uso da língua, uma vez que faz alusão ao uso de patas.

Llegó tatáre y le amenazó ndaje

Fonte: Diário Popular, n. 5844, 03 fev. 2011, p. 03.

A palavra *ndaje* costuma vir ao final de uma frase, reforçando a frase. Baz (2006) observa que a expressão oral em *jopara* é marcada pelo uso de alguns marcadores conversacionais, ou seja, palavras ou expressões responsáveis por conectar as ideias no ato de fala, sendo um desses marcadores a palavra *upépe* (ali). Verifica-se que a palavra *ndaje*, bem como *avei*, *upépe*, e *ra’é* funcionam como marcadores discursivos, pois são elementos coesivos presentes no texto, porém, ao mesmo tempo são indícios de traços da fala das pessoas na rua, transportadas para o texto jornalístico, presentes no discurso oral, como apontam os estudos da autora citada.

Não há uma tradução específica para *ndaje* (no dicionário encontramos como uma expressão de tradução: se diz que). Em nível de comparação, podemos aproximar seu uso ao marcador conversacional em português – “né”, o qual é bastante empregado no discurso oral e somente utilizado em linguagem escrita, em falas de personagens, em contextos informais.

Outras palavras e expressões empregadas nos textos, que compõem o *corpus* analisado, são fruto de um trabalho de intermediação da redação do jornal e as ruas. São expressões populares e palavras abreviadas, emprego do diminutivo e aumentativo de vocábulos em espanhol.

4.4 SEIS BALAZOS

Essa análise recai sobre o emprego do *jopara*, a qual prioriza analisar os vocábulos e expressões que estejam em guarani, mas sendo o *jopara* uma mistura das línguas, uma composição híbrida, destituída de normas formais e empregada em contextos informais, parece importante destacar que o jornal emprega uma linguagem que foge aos padrões, não somente por misturar as línguas, mas indicando um processo de aproximação do redator ao seu público leitor através do uso de uma linguagem oral, possivelmente empregada na rua.

Bebita picada por ejército de ysau

Fonte: Diario Popular, n. 5879, 10 mar. 2011, p. 03.

Nesse título da matéria observa-se o emprego do diminutivo para a palavra *bebe* (*bebita*). O emprego dessa palavra no diminutivo foge ao tom objetivo e à função referencial que o texto jornalístico exige. O emprego da palavra no diminutivo dá à redação um tom familiar e exagerado. Verifica-se também o emprego de *ejército* (*exército*) - uma hipérbole - empregada para dar destaque ao grande número de formigas do tipo *ysau* que atacaram a criança, uma manobra da redação para alcançar o objetivo persuasivo. Dias (2008), ao analisar o jornal Notícias Populares de São Paulo, verificou que há um tom exacerbado no julgamento dos fatos que se aproximam da linguagem oral e popular.

Sinvergüenza robó cheque de 15 palos

Fonte: Diario Popular, n. 5878, 11 mar. 2011, p. 03.

Poli herido em persecución

Fonte: Diario Popular, n. 5875, 06 mar. 2011, p. 02.

[...] quiso robar um lelu, pero fue pillado [...]

Fonte: Diario Popular, n. 5875, 06 mar. 2011, p. 03.

¡Hirieron de um balazo a péndex!

Fonte: Diario Popular, n. 5885, 16 mar. 2011, p. 02.

Se voltarmos aos estudos de Bourdieu (1996) perceberemos que nos atos de uso da linguagem, falada ou escrita, há uma propensão ao emprego da linguagem, socialmente modelada, fruto do *habitus* linguístico, o que explica no primeiro título to o uso da palavra *sinvergüeza* (sem-vergonha), pois trata-se de um adjetivo empregado em contextos de uso da fala, ou informais. O uso de determinada linguagem em detrimento de outra, de uma palavra, uma expressão ou outra, está relacionado ao espaço social de produção da linguagem.

O emprego de 15 *palos*, *lelu*, *poli*, em detrimento da maneira socialmente modelada (15 mil guaranis, celular e polícia) confere ao jornal uma classificação de popular segundo campo jornalístico/linguístico do Paraguai. Se a linguagem é uma prática social e o *jopara* é a linguagem cotidiana do público leitor, o jornal *DP* aparece com um espaço de articulação, que não só atualiza a relação entre leitores de diferentes grupos sociais, mas também as relações de forças simbólicas entre eles. Deste modo, uma vez que o uso da linguagem é sempre um ato político, o uso de determinada linguagem, considerada inferior, por parte das elites e da cultura erudita, confirma o jornal *DP* como espaço de representação de um determinado grupo social.

O mesmo ocorre quando do emprego do aumentativo: *balazo*, pois demonstra um “descuido intencional” por parte dos redatores. O descuido a que me refiro se dá em relação à norma padrão e aos manuais de redação jornalística. Mas é inegável que há um ganho no aspecto expressivo e emocional, objetivo do jornal.

Finalmente, verificamos em algumas matérias, o uso de expressões e ditados populares.

¡Cháke pea, billetes falsos!

Fonte: Diario Popular, n. 5825, 15 jan. 2011, p. 09.

A expressão *¡Cháke pea!* (olha para isso) é empregada com maior frequência em uma coluna chamada *¡Chusma chusma!* (gentalha, gentalha) do caderno de política, pois ela (a expressão) é usada para chamar a atenção do leitor para algum fato. Esta é uma forma de falar, de uso corrente. Trata-se do envolvimento do redator com a opinião do leitor, pois implica o julgamento deste em relação ao fato narrado. Quando usada essa expressão no caderno de política, a

intenção é mostrar ao leitor as condutas inadequadas de alguns políticos, não diferente, nas matérias policiais, pois, no título analisado, a expressão indica ao leitor o ato ilícito de falsificação de cédulas. Essa expressão e as palavras analisadas procuram, de forma geral, representar o universo do leitor, do qual também faz parte o redator.

As matérias analisadas têm como ponto em comum o desejo expresso pelos redatores, nas diversas cidades em que se encontram, de fazer do caderno sucesos, que divulga notícias do cotidiano ligadas a fatos policiais, um retrato do universo do leitor, mas também uma forma de denúncia pública de situações de violência. O Diário Popular elabora sua linguagem (fotos, língua, temas) nesta tarefa, mas ao mesmo tempo torna-se a própria mensagem ao procurar expor a realidade como dada, oferecida, ao leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da pesquisa do jornal *Diario Popular* não me aponta conclusões definitivas sobre o uso do *jopara*, apenas indica caminhos de interpretação da presença dessa língua, considerada como a terceira do Paraguai por alguns pesquisadores e estudiosos e como uma variação linguística por outros. Considero essa língua uma expressão das relações de força simbólica estabelecida entre diferentes grupos sociais, resultante e parte de um processo histórico, social e cultural. Trata-se da língua empregada por uma parte significativa da população que a usa em sua vida cotidiana.

A visão do cotidiano apresentada pelo DP nas páginas policiais não é inventada, senão vivida por todos. O jornalista que escreve as matérias não vive na redação do jornal. Vive a vida de uma pessoa que realiza suas atividades rotineiras, em outras palavras o que quero dizer é que a língua empregada na redação das matérias é uma língua viva, de quem vive um contexto dinâmico, como esse que envolve as transformações das línguas no Paraguai.

O cotidiano a que me refiro, que vemos exposto nas páginas do caderno *sucesos*, nos mostra não somente os casos de violência, porém toda uma gama de atos, considerados socialmente fora dos padrões pré estabelecidos. São atos considerados vergonhosos, visto que a vergonha “é a consciência da introjeção de regras, costumes, hábitos” (MIAGUSKO ; FERREIRA, 1999, p. 21). Os processos civilizatórios foram responsáveis por criar uma série de regras que afastavam os “selvagens”, pessoas sem domínio de seus impulsos, dos civilizados, cujas ações são reguladas socialmente.

O que trato de fazer é apresentar uma análise de uma sociedade heterogênea sob a visão de um jornal voltado para um público específico. Essas ações tomadas pelo jornal são fruto da capacidade humana de classificar as pessoas e suas ações, em um espaço e um tempo. Vejo este sistema de classificação operando nas relações entre as pessoas em torno de ações, muitas das vezes violentas e criminosas, ocorrendo nas ruas, sendo narradas em *jopara*, uma das línguas usadas pelo jornal.

As pessoas e seus atos retratados, entre outros, são: vizinhos que se desentendem por causa de som alto, marido e mulher que brigam devido à traição de alguma das partes, homens e mulheres em situação de conflito envolvendo roubos e ameaça de morte, em situação de abuso sexual, nos bares e na rua

bebendo, bem como em situação de vida trágica, como os casos de suicídios, entre outros. Aponto para o fato de essas situações serem retratadas por cadernos policiais de qualquer cidade, de qualquer sociedade, inclusive dentro do próprio Paraguai. A diferença está na forma de contar essas histórias, dentre essas a utilizada pelo *Diario Popular*, a qual me interessam pois o que ela apresenta de diferente é o emprego da língua *jopara* nesta atividade.

Uma relação existente entre o DP e seus leitores está na conexão entre os personagens retratados e a língua, pois as palavras servem para nomear os sujeitos envolvidos nos acontecimentos. Uma das formas de nomenclatura analisadas, a palavra *tatácho*, a qual designa o sujeito alcoolizado, aponta para o fato da escolha entre uma palavra e outra ser feita por meio do redator, o qual ainda conta com seus sinônimos, *ka´u*, *tuichaitére*, nessa tarefa; e o faz de forma frequente. Essas palavras empregadas na nomenclatura são reguladas por um sistema classificatório, que foi também objeto de reflexão de Foucault.

Foucault (2002) traça uma relação entre o discurso de autoridade e as vidas de homens e mulheres infames, reconhecendo no poder das palavras, ou melhor, na representação do poder por trás das palavras do rei a capacidade de redução de vidas inteiras, cheias de subjetividades, a poucas linhas de descrição de atos e delitos por elas cometidos. Apesar de não ser base para a análise dos dados, esse autor nos ajuda na reflexão sobre o poder e o uso da linguagem, carregada de discursividade e retórica, empregada com a finalidade de representação do cotidiano, uma vez que, em muitas petições de internamentos e punições dos transviados, enviadas ao rei, eram feitas por pessoas analfabetas, com a ajuda de escribas.

Momento importante, aquele em que uma sociedade atribui palavras, maneirismos e grandes frases, rituais de linguagem, à massa anônima do povo para que possa falar de si mesmo – falar publicamente e sob a tripla condição de esse discurso ser dirigido e posto a circular no interior de um dispositivo de poder bem definido [...] (FOUCAULT, 2002, p. 123).

O que Foucault apresenta é uma reflexão sobre o poder, o poder de transformação, por meio do poder das palavras, de traduzir o “mundo da mediocridade” em algo “dizível”, com força representativa capaz de fazer ouvir o rei. Foucault (2002) pesquisou documentos que remontam aos séculos XVII e XVIII, na França, basicamente missivas enviadas ao rei, as quais requisitavam a prisão de

soldados desertores, monges vagabundos, mulheres e homens envolvidos em escândalos. Para o autor, essas vidas, às quais teve acesso em sua pesquisa não chegariam até nós, se essas cartas não tivessem despertado o interesse, no caso, como denúncia, como pedido de prisão. O poder que as aprisionou, que as vigiou e as entregou ao poder real – essa mesma experiência com o poder, enfim – permitiu que a elas tivéssemos acesso, séculos depois. São pessoas que poderiam ter desaparecido por completo se não tivessem momentaneamente se defrontado com o poder.

As narrativas analisadas por ele, de tão superficialmente modificadas tornavam-se irreais, quase fabulosas.

Mas o que me interessa dessa análise é o aspecto que julgo relevante nessas considerações finais, a linguagem, capaz de transformar o ordinário cotidiano em literatura real na análise de Foucault, e capaz de representar o cotidiano de grupos marginalizados socialmente através do uso de uma mesma linguagem que lhes dá ouvidos e que encontra no jornal DP, nas páginas policiais em sua grande maioria, espaço para o “dizível”.

As páginas policiais são o espaço de qualquer jornal para a representação daquilo que se constitui como fora da lei, fora dos padrões, do que foge ao decoro e à moral. As reportagens analisadas mostram os casos de brigas conjugais, roubos de motos, os problemas causados pela bebedeira, homens e mulheres envolvidos em casos policiais, em alguns casos vítimas e em outros culpados. Porém nem só de violência é feita a página policial, por outro lado vemos os dramas de trabalhadores informais, tais como os *jujeros*, vendedores de ervas para o *tererê*, as donas de casa indignadas com algum problema social, os acidentes de carro, entre outros. Todas as ações retratadas nas matérias têm uma localidade de ocorrência onde elas são registradas, em diversas cidades do Paraguai. As matérias apresentadas aqui são fruto da análise de 151 exemplares, ou seja, o DP tem correspondentes nas maiores cidades do país.

O que encontro de relevante nesse fato é confirmar que, apesar do Paraguai apresentar diferenças sociais, e de acordo com estudos linguísticos mostrarem que o espanhol é mais falado em determinadas regiões e o guarani em outras, na visão do jornal, nas páginas policiais, isso não ocorre. Sendo o Paraguai um país oficialmente bilíngue e ainda contando com uma terceira língua, o *jopara*, pois é justamente esta língua que, na visão do jornal, melhor expressa os fatos narrados por esse veículo, principalmente no caderno policial, já que é a língua do seu

possível leitor, independente da região em que ele esteja. Qualquer paraguaio, em algum momento de sua vida, utiliza a língua misturada, faz parte da sua formação cultural. O que ressaltado é que o *jopara* tem seu lugar e momento específico para ser empregado, bem como é forma de expressão de uma classe de pessoas, que o jornal expõe nas matérias, sendo esses mesmos seus leitores.

As reportagens analisadas abordam os fatos ocorridos em diferentes cidades, os quais ocorrem em espaços, tais como a rua e o domicílio. Esses ambientes são simbólicos e merecem uma reflexão. O domicílio é o oposto da rua, o que se faz em casa não se faz na rua. A casa é o espaço da família e de se receber os amigos, além de ser um espaço de liberdade < “estou em minha casa faço o que quero”>, de impor o limite a outras pessoas < na minha casa não >. Já a rua é o lugar de ser visto e notado, lugar de todos também. Na rua não se anda sem roupas, coisa que em casa é possível fazer. O DP, no caderno *sucesos*, registra as ocorrências das ruas, dos bairros e das casas. O que há de comum nesses ambientes, já que vimos que a rua é o espaço que se opõe à casa? Justamente a língua falada nesses lugares. Tanto no espaço íntimo da casa quanto na rua, a língua falada de forma “misturada” é uma realidade, pois na visão do jornal as ações dos personagens são as que interessam ser registradas. O jornal costuma repetir os mesmos termos para descrever os personagens e seus atos nesses ambientes, que por estarem nas páginas policiais, serem nominados em língua *jopara* (com especial atenção ao emprego do guarani nesta ação), “representam” os grupos sociais que não compartilham a cultura erudita de uso do espanhol “puro”.

Outro aspecto é a língua *jopara* ser empregada nas matérias, por uma concepção do jornal, como sendo a língua das ruas, no sentido em que ela é a língua do espaço aberto, da informalidade e da liberdade de regras, não sendo a língua adequada para os ambientes formais tais como o Banco, a Escola ou a Prefeitura, uma vez que esses espaços são formais. As matérias, redigidas em *jopara*, que tratam de algum fato ocorrido em escolas mostram o drama de algum aluno ou aluna vivido neste espaço, porém não tratam de temas como: as práticas de ensino ou algo que denote formalidade. As ocorrências registradas nas páginas policiais mostram, de forma geral, os universos dos atos cometidos na rua ou nos domicílios, espaços esses que apontam como elemento comum a possibilidade da expressão da liberdade, a qual se manifesta no uso do *jopara*.

Os fatos ocorridos em diferentes partes do Paraguai indicam também que a língua *jopara*, por ser uma língua não normatizada, absorve expressões e palavras

não somente do guarani e espanhol, mas também do português. A palavra *rapai* empregada para referir-se ao brasileiro é de origem portuguesa, vem da palavra rapaz. *Ciudad del Este*, cidade que faz fronteira com Foz do Iguaçu no Brasil, é espaço desses tipos de trocas linguísticas. Esse tema, já tratamos na análise, mas acho importante trazê-lo pois quero ressaltar o afastamento observado no *jopara* do jornal das línguas padronizadas do Paraguai.

Essa liberdade, que já comentei antes, mostra que essa língua está viva, mesmo que restrita a espaços de circulação específicos, espaços esses distribuídos segundo os aspectos econômicos e culturais, já que a língua da Escola, da Administração Pública, dos Jornais de Referência ainda é o espanhol, visto que a Escola prioriza para o ensino a língua padrão, a administração pública emprega o espanhol na redação de documentos com valor legal e as reportagens dos jornais “sérios” são todas feitas neste idioma. Ao guarani “puro”, sem interferências do espanhol, reserva-se o espaço da cultura, das músicas folclóricas, da expressão da tradição e até da literatura, tendo este idioma algum espaço em jornais “sérios”, como *ABC Color*. Porém, o lugar do *jopara*, por ser uma língua misturada, sem normas, associada a falta de estudos, é o da informalidade, das “vidas” vividas nas ruas e nas casas em todo o Paraguai.

O *jopara* sobrevive a todo o processo de marginalização que sofre, mesmo não tendo a representatividade positiva em termos de valor simbólico, no universo linguístico paraguaio. Essa língua, falada por uma grande parcela da população, não chega aos livros estudados na escola, não é empregada para defesa e acusação no tribunal por advogados, quando muito é utilizada em discursos por algum candidato a um cargo político. Através de um personagem, é considerada uma língua *tavy*, de débeis mentais, como aparece no romance de Augusto Roa Bastos. Qual é o lugar do *jopara*? O lugar do *jopara*, segundo a visão que o jornal *Diario Popular* nos apresenta e segundo as pesquisas que tratam do tema, é o dos ambientes informais, no cotidiano de todos, professores, advogados, juízes e escritores, quando estão na rua ou em casa. Porém, quando empregado no *Diario Popular*, no caderno *sucesos*, os vocábulos em língua guarani, que compõe a língua *jopara*, mostram ter função representativa, empregados no contexto do DP na nominação do *ñato*, da *yiyi* e do *léka*, representam formas de descrever e classificar pessoas que não são exclusivas do jornal. Mas, em geral, (des)individualizam as pessoas envolvidas, reduzindo suas subjetividades a categorias de identificação que não são empregadas em língua padrão (como espanhol) nem estão em escritos em língua guarani “pura”, mas antes

em língua misturada.

Essa diferenciação é importante para ser abordada, pois ela ajuda a entender e responder às dúvidas teóricas ressaltadas no início. Nossa pergunta inicial era: o que representa o *jopara* no jornal *Diario Popular*? O *jopara*, nesse contexto, representa, o que o seu uso representa de forma geral, a distinção. O *jopara* reúne em sua composição dois elementos da cultura paraguaia, o índio e o branco. Esses elementos são misturados formando uma “massa única”. DaMatta (2001) ao analisar a cultura brasileira o faz em suas várias expressões, sendo uma delas a comida. Ele analisa o prato típico do brasileiro, arroz com feijão, o qual representa o que há de mais rotineiro e diário. Além disso, ele observa que os brasileiros comem arroz e feijão misturando-os de tal forma a se transformarem em uma massa unificada, ou usando seu termo “um ser intermediário”. Uso essa referência como comparação, visto que Brasil e Paraguai têm processos de formação muito semelhantes. Nessa perspectiva observo que o *jopara* representa essa mesma mistura.

O nome da língua vem do prato típico servido no dia primeiro de outubro. O *jopara* é um preparo feito a base de milho e feijão, dentre outros ingredientes, que cozidos se transformam em uma massa única. Percebo nessa metáfora o aspecto que quero ressaltar em relação à pergunta inicial. O *jopara* é o resultado de um processo cultural, que se estende a uma série de aspectos da cultura paraguaia, como por exemplo, o fato de se tomar *tererê*, de se comer *chipa*. A sociedade paraguaia é um *jopara*, pois sua formação advém de profundas trocas simbólicas, não ficando a língua, obviamente, fora desse processo. Assim como o *jopara* na comida, na língua, a mistura do índio (milho) e do branco (feijão) resultou um ser intermediário, híbrido, fruto dessas trocas. Essas trocas afloram nos costumes da população em seu cotidiano, em suas vidas nos espaços da rua e da casa. Os hábitos herdados dos processos históricos no Paraguai ao mesmo tempo em que são naturais, também são expressões que podem indicar distinção.

Ninguém vai a um restaurante para comer arroz com feijão, pelo menos no Brasil não. Isso se come todos os dias, em casa. Em um lugar requintado ou formal servem outros pratos. O que quero dizer com isso é que o *jopara* falado no Paraguai é como o nosso arroz com feijão, que todos comem em suas vidas cotidianas no Brasil, mas não o fazem em um restaurante requintado. O *jopara* representa uma mistura de línguas empregada por todos, porém seu uso é restrito, pois usá-la em certos contatos denota falta de sofisticação. Desse modo, o *DP* expressa sua

posição no campo jornalístico como não sendo um jornal de prestígio e, portanto, inferior aos outros, nesse campo e no que se refere ao uso da língua na redação das notícias.

Por reunir em sua composição as duas línguas, guarani e espanhol, e fundamentalmente por não ter regras padronizadas, há distintas formas de uso do *jopara*, porém conforme os estudos de Melià, essa língua é muito mais o guarani misturado ao espanhol, em sua grande maioria. O *jopara* empregado pelo DP não se configura dessa forma, mas sim com a predominância do espanhol e algumas palavras em guarani. Essas palavras em guarani, tais como *mondaha*, *léka*, *karai* são os elementos da cultura, presentes na linguagem do jornal, que o afastam de ocupar uma posição de prestígio no campo jornalístico e no conceito dos grupos sociais que estabelecem os parâmetros classificatórios na produção cultural. Essas palavras misturadas ao espanhol invocam um passado e presente de diferenças sociais, onde a figura do índio, ser inferior, culturalmente, vem à tona no momento em que são usadas para nomear aqueles que cometeram algum ato ilícito, ou que denotam atos que implicam a falta de vergonha ou decoro.

Durante muito tempo a língua guarani foi associada à língua da pobreza, língua inculta. Ao mesmo tempo a língua guarani também está ligada aos aspectos emocionais e pátrios. Pois bem, os aspectos positivos em relação à língua guarani, como por exemplo, a língua que melhor representa os sentimentos, não ocorre dessa forma no contexto do jornal *Diario Popular*, no caderno *sucesos*, uma vez que se recorre à língua guarani para nomear ações e sujeitos que supostamente estão fora da lei. Entendo isso como forma classificatória, porém, observo que esta classificação que o jornal faz do mundo heterogêneo, inserido em um sistema simbólico, é maior do que o uso que a língua oferece, uma vez que algumas palavras empregadas para nomear pessoas, como a palavra *yiyi*, são inventadas.

As palavras *léka* e *yiyi*, empregadas nas matérias são bastante representativas, pois são símbolos da demarcação das fronteiras linguísticas no Paraguai e dos esforços por reconhecimento dos grupos sociais em relação às línguas (espanhol, guarani, *jopara*). Por esse motivo, o *jopara* deixa explícita a divisão entre o popular e o erudito, o habitual e o admirável, o culto e o inculto.

No uso da palavra *yiyi*, verifico o emprego de um neologismo, pois não se trata de espanhol ou guarani. Essa palavra de origem desconhecida é empregada para nomear a mulher jovem, humilde. *Yiyi* é a representação de um tipo específico de mulher, opondo-se a outras, como *cuñakarai* (senhora casada, esposa) ou

mitãkuña (menina), todas as formas de classificar o gênero feminino. Porém, para cada uma dessas denominações há um contexto específico, o que ocorre também com as formas de classificação do sexo masculino.

Léka e *karai* são palavras que classificam o masculino, as quais são empregadas nas matérias, sendo ambas a denominação de senhor, porém *Léka* se opõe a *karai*, sendo a primeira destinada ao homem envolvido em alguma situação socialmente recriminável e a segunda ao senhor de respeito. A palavra *karai* é empregada em outros contextos do jornal, em outras matérias, como por exemplo, as que tratam de temas políticos, para referir-se a algum senador ou outra autoridade. O uso de palavras em guarani misturadas ao espanhol, mesmo que fora das páginas policiais, é uma prática restrita ao jornal popular, não sendo observada em outros jornais. Essa prática do jornal popular é a visão que esse meio de comunicação tem da sociedade, por ele exposta em suas páginas, na qual a língua empregada, por aqueles que estampam suas páginas, é a mesma que se ouve nas ruas, nos bairros e nas casas.

Essas formas de expressão da cultura, como a língua, fazem parte de um sistema simbólico, que legitima a dominação, pois são instrumentos de poder simbólico na construção do mundo objetivo garantindo a manutenção e o exercício do poder. O poder a que me refiro é o poder simbólico estabelecido nas relações de interação pelo uso das línguas no Paraguai. O uso do jopara em um órgão de imprensa ameaça o poder da elite branca, pois como vimos, a imprensa paraguaia sempre usou a língua espanhola em seus diários, com algum uso esporádico, ou de cunho patriótico da língua guarani, porém o espaço reservado para a língua jopara é o caderno sucesos – caderno policial.

Desejo ressaltar que o colonizador espanhol trouxe para América, além da língua espanhola, sua religião, organização social e sistema jurídico, ou seja, um sistema simbólico em que as estruturas coloniais da formação da sociedade paraguaia, na qual, os aspectos da cultura guarani, como a língua, são denunciadores, formam parte de uma composição baseada na relação de poder e dominação.

O que pretendo mostrar, com base no que observo, através da análise do jornal *Diario Popular*, é que no Paraguai há um mercado linguístico que regula o lugar de cada língua em posições de hierarquia, sendo que o espanhol “puro” é a língua da elite cultural e da administração, a língua guarani “pura” é a língua dos sentimentos pátrios, a língua da terra, mas também é a língua que representa o

índio, o inculto, a língua da pobreza. Em terceiro lugar neste mercado temos a língua *jopara*, língua híbrida, sem lastro que a sustente como língua oficial.

Esse mercado linguístico a que me refiro é fruto das representações coletivas, numa perspectiva durkheimiana. Por isso mesmo, sua manifestação se dá de uma maneira que não pode ser percebida conscientemente. O fato de mascararem relações de poder não lhes retira a capacidade de traduzir tanto a visão do dominado quanto a do dominador. A língua *jopara*, como língua não oficial, ocupa nesse mercado a posição inferior, pois não é nem espanhol nem guarani. Mas o que ela representa?

É a língua que se opõe à oficialidade do espanhol e do guarani, sendo a língua que melhor expressa a vida do cotidiano na sua natural liberdade expressiva. Essa língua não é ensinada na Escola, nem empregada na redação das Leis e tão pouco nos jornais de referência, ela encontra seu espaço na fala das pessoas na rua, nas casas durante as refeições, nos bares em encontros informais e no jornal *Diario Popular*.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. Sensacionalismo: Inoperância explicativa. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, jan./jun. 2003.
- BARROS FILHO, Clóvis *et al.* **Teorias da comunicação em jornalismo reflexões sobre a mídia**. São Paulo: Saraiva, 2010.
- BAZ, Dami G. **Análise dos marcadores conversacionais em guarani jopará**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de São Paulo. 2006.
- BOSIO, Beatriz González. **Periodismo escrito paraguayo: 1845 2001 de la afición a la profesión**. Asunción: Intercontinental, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. **O poder simbólico**. 2. ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: Editora da Unb, 1998.
- _____. O mundo como representação. **Revista Annales**. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 30 mar. 2012.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- DIARIO POPULAR. Asunción, edição 5452, 5425, jan. 2010.
- _____. Asunción, edições 5812, 5816, 5817, 5818, 5821, 5822, 5823, 5824, 5825, 5827, 5830, jan.; 5844, 5849, fev.; 5871, 5872, 5874, 5875, 5878, 5879, 5880, 5885, mar.; 5901, 5905, 5907, 5908, 5911, 5912, abr.; 5914, 5931, 5935, 5938, 5942, 5949, 5950, maio, 2011.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DIAS, Juliana Braz. Língua e poder: trascrevendo a questão nacional. **Revista Mana Estudos de Antropologia Social**, PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

_____; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FOUCAULT, Michael. A vida dos Homens Infames. In: FOUCAULT, Michael. **O que é um autor?** Lisboa: Passagem /Vega, 2002.

_____. O sujeito e o poder. In: UMA TRAJETÓRIA filosófica do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. Revista Ideação, Cascavel, PR, Edunioeste, 2008.

GARVIN, Paul, L.; MATHIOT, Madeleine. A urbanização da língua guarani: um problema em linguagem e cultura. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GUARANÍ - GUARANI - CASTELLANO. In: GUASH, A. S. J.; ORTIZ, S. J. **Diccionario castellano: sintáctico, fraseológico, ideológico**. Asunción: CEPAG, 1991.

GUIMARÃES, E. Enunciação e política de línguas no Brasil. **Revista Letras Espaços de Circulação da Linguagem**, n. 27, jul./dez. 2006.

GYNAN, N. S. **El bilingüismo paraguayo aspectos sociolingüísticos**. 2. ed. Paraguay: Ed. Etigraf. Fernando de la Mora, 2003.

_____. Sociolingüística actual dei bilingüismo paraguayo. **Nemity**, Asunción, n. 32, p. 16-24, 1996.

KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto,

1982.

KRIVOSHEIN DE CANESE, Natalia. **Apuntes de lingüística general y aplicada**. Assunção: [S. n.], 1996.

_____. Variedad de guaraní que se usaria en la educación. **Nemity**, Asunción, n. 26, p. 14-18, 1993.

LUSTING, Wolf, **Mba' Eichapa oiko la guarani? Guarani y jopara en el Paraguay**. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/artigo:lusting-1996>>. Acesso em 23 mar. 2012 .

MAUSS, Émile. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, 2003.

MELIÀ, Bartolomeu. **El Guaraní conquistado y reducido**, Asunción: Universidad Católica, 1997.

_____. **La lengua Guaraní del Paraguay: historia, sociedad y literatura**. Madrid: Ed. Mafre, 1992.

_____. **Una nación dos culturas**. Asunción: Salesiana, 1998.

MIAGUSKI, E.; FERREIRA, L. M. P. Circunstâncias e coadjuvantes na interação social: o poder da vergonha. In: MARTINS, J. de S.(Org.) **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, L. P. Escolhas pedagógicas do educador e identidade cultural dos aprendizes. **Linguagem e Ensino**, v. 3, n. 2, p. 49-59, 2000.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987.

POZZO, Aníbal Orué. **Periodismo en Paraguay: estudios e interpretaciones**. Asunción: Arandurá, 2007.

_____. **Periodismo y nación: Paraguay a inición del siglo XX**. Asunción: Arandurá, 2008.

REVEL, J. **A invenção da sociedade**. Trad. Vanda Anastácio. Lisboa: Difel, 1989.

RODRIGUEZ ZUCCOLILLO, Carolina Maria. **Língua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o guarani no Paraguai**. Campinas,SP: 2000.

SERRA, Antonio A. **O desvio nosso de cada dia: a representação do cotidiano num**

jornal popular. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

SETTON, Maria da Graça. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 20, 2002. Disponível em: < www.anped.org.br/rbe/rbedigital>. Acesso em: 20 abr. 2012.

Site pesquisado:

Google Guarani: Google.com/intl/gn